

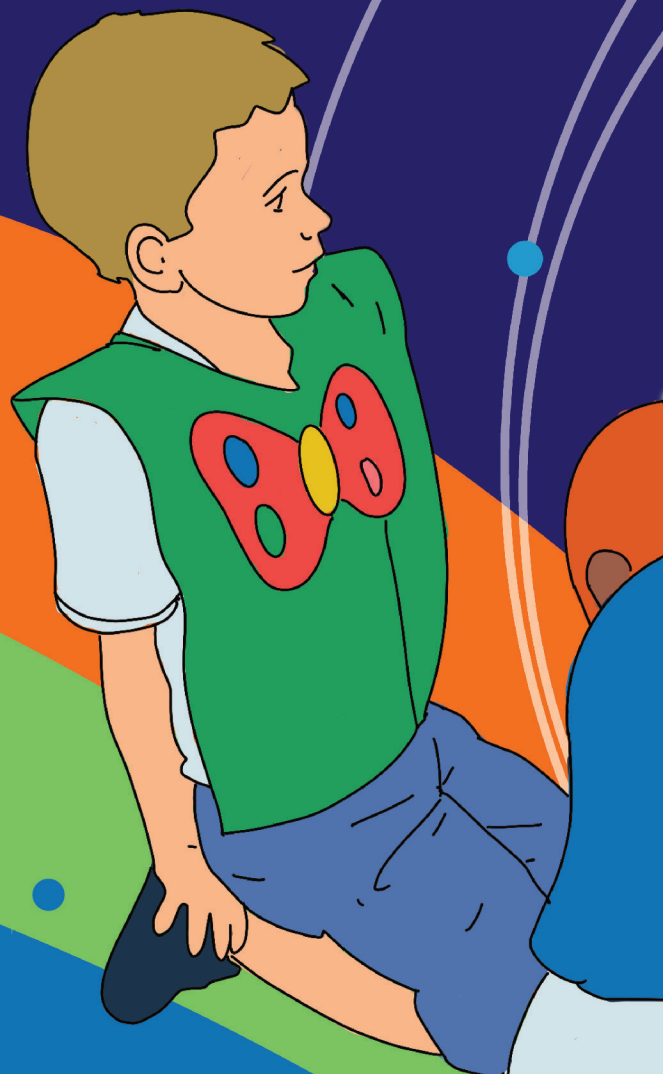
HUB
educat
publicações

HUBeducat

RODEC
RESIDÊNCIA DOCENTE NAS CIÊNCIAS

GOVERNO MUNICIPAL
FEIRA NOVA
Juntos por um novo tempo

ISBN 978-65-86732-66-5
9 786586 732665



RESIDÊNCIA DOCENTE NAS CIÊNCIAS: IMERSÃO NAS PRÁTICAS ESCOLARES NA CIDADE DE FEIRA NOVA

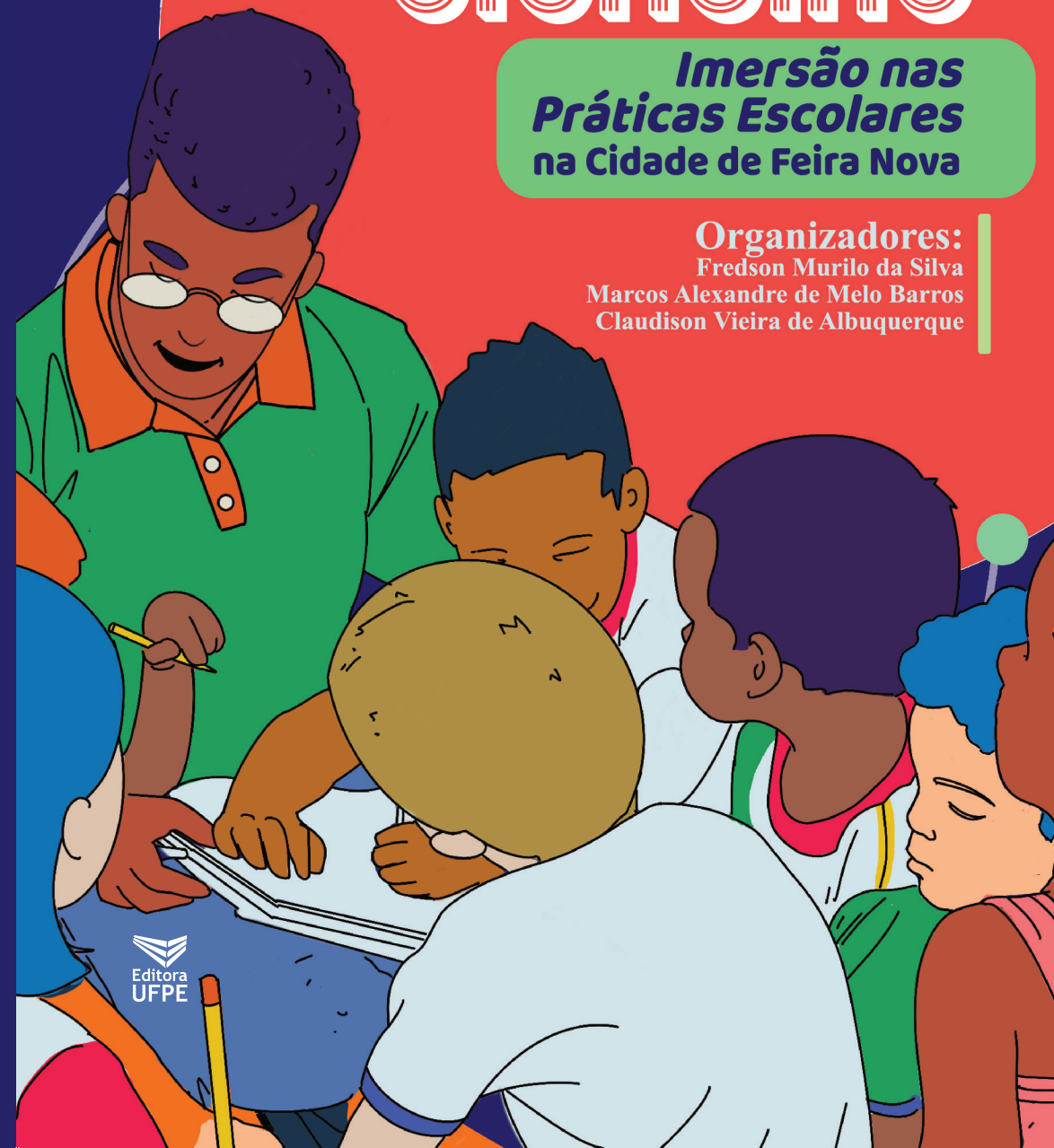


RESIDÊNCIA DOCENTE NAS CIÊNCIAS

**Imersão nas
Práticas Escolares
na Cidade de Feira Nova**

Organizadores:

Fredson Murilo da Silva
Marcos Alexandre de Melo Barros
Claudison Vieira de Albuquerque



Editora
UFPE

RESIDÊNCIA
DOCENTE NAS
CIÊNCIAS

**Laboratório de Pesquisa e Prática – Educação, Metodologias e Tecnologias
(Educat/UFPE)**

Corpo Editorial Científico

Dra. Daniela Melaré Vieira Barros
Universidade Aberta de Portugal – Portugal

Dra. Edméa Oliveira dos Santos
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Brasil

Dr. Hussein Muñoz Helú
Universidad Autónoma de Occidente – México

Dr. John Traxler
Wolverhampton University – Inglaterra

Dr. Leonardo Jose Mataruna dos Santos
American University in the Emirates – Dubai

Dr. Marcos Alexandre de Melo Barros
Universidade Federal de Pernambuco – Brasil

Dra. Maria Andréa Guisén
Investigadora del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnica (CONICET – Argentina)

Dra. Maria Auxiliadora Soares Padilha
Universidade Federal de Pernambuco – Brasil

Dr. Miguel Ángel Zabalza Beraza
Universidade de Santiago de Compostela – Espanha

Dr. Mike Sharples
Open University – Inglaterra

Dra. Querte Teresinha Conzi Mehleck
FACCAT – Brasil

Dra. Verônica Gitirana Gomes Ferreira
Universidade Federal de Pernambuco – Brasil

RESIDÊNCIA DOCENTE NAS CIÊNCIAS

Imersão nas práticas escolares
na cidade de Feira Nova

Fredson Murilo da Silva

Marcos Alexandre de Melo Barros

Claudison Vieira de Albuquerque

ORGANIZADORES



RECIFE
2020

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

Editora UFPE

Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Vice-Diretor: Junot Cornélio Matos

Editor-Chefe: Flávio Emmanuel Pereira Gonzalez

Catálogo na fonte

Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

R433 Residência docente nas ciências : imersão das práticas escolares na cidade de Feira Nova / organizadores : Fredson Murilo da Silva, Marcos Alexandre de Melo Barros, Claudison Vieira de Albuquerque. – Recife : Ed. UFPE, 2020.
255 p. : il.

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN 978-65-86732-66-5 (broch.)

1. Professores – Formação. 2. Prática de ensino. 3. Professores de ciência – Formação – Estudo e ensino (Estágio). 4. Programas de estágio – Feira Nova (PE) – Estudo de casos. 5. Educação – Estudo e ensino (Estágio) – Pernambuco. I. Silva, Fredson Murilo da (Org.). II. Barros, Marcos Alexandre de Melo (Org.). III. Albuquerque, Claudison Vieira de (Org.).

370.71

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2020-095)

Todos os direitos reservados à



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20, Várzea

Recife, PE | CEP: 50.740-530

Fone: (81) 2126.8397 | cadm.editora@ufpe.br

www.ufpe.br/edufpe

PREFÁCIO

Se quisermos preparar nossos futuros professores para o mundo atual, precisamos refazer, imediatamente, o currículo das formações iniciais de licenciados, especialmente quando se refere à relação entre a universidade e os espaços de formação onde esses professores irão atuar.

Os estágios e as práticas pedagógicas visam aproximar o licenciando do espaço educacional, permitindo aos estudantes conhecer os cenários em que vão atuar e aprender sobre suas especificidades, promovendo a articulação entre teoria e prática, assim como a vivência em cada ambiente educacional.

Os diversos modelos de estágios, nos currículos de formação de professores, já ocorreram desde que esses cursos foram criados, entrecortando a teoria com a prática em sala de aula, e em diversos formatos. Creio que a principal dificuldade do estudante de licenciatura ao se defrontar com o estágio (e falo disso, pois me lembro exatamente como eu e minhas colegas de turma se sentiam) é lidar com um mundo que era, ao mesmo tempo, tão familiar (pois tínhamos vivido nele durante toda a nossa vida escolar) e, por outro lado, tão diferente do que imaginávamos encontrar como professores. Nem mesmo quando eu era a professora de bonecas (quando brincava de professorinha em casa) era parecido com aquilo que víamos ao chegar na escola para cumprir nossos estágios. Nunca me havia passado pela cabeça, enquanto aluna de Pedagogia, que teria que lidar com situações tão difíceis. Nem mesmo na universidade, com toda

aquela teoria sobre aluno ideal x aluno real, diversidade, gênero, planejamento, tecnologias, inclusão, gestão, estratégias etc. Tudo aquilo parecia não se juntar, pelo menos não na teoria, na universidade.

E, ao chegar na escola, apenas observar, planejar e reger algumas aulas durante o estágio, em um ou dois dias, não era tão diferente para mim.

Ao findar o curso e assumir um concurso público em uma escola de Ensino Fundamental, quase pirei! Tive a nítida sensação de que não fui preparada para 'aquilo'. Como juntar tudo o que tinha aprendido na universidade, em uma única sala de aula, com alunos que possuíam situações familiares extremas, com deficiências físicas e intelectuais, com preconceitos impregnados desde o nascimento em seus contextos, em uma sala de aula de tamanho mínimo, sem recursos, sem apoio, sem tempo de olhar num manual o que fazer. Sim, nós sempre procuramos num manual o que fazer com aquele aluno que perdeu a mãe de câncer, que vive com os avós, porque o pai foi embora assim que a mãe ficou doente, que vive infernizando a coleguinha com diversas deficiências motoras, que briga com os demais coleguinhas e não quer participar das atividades junto com os outros. Até porque esses outros não suportam ter que fazer alguma atividade com ele, pois apanharam dele no recreio... Que planejamento dá certo nesse contexto? E esse é o exemplo de apenas um dos 30 alunos que não podem encostar um no outro, porque começam a se socar, falar palavrões e quebrar todos os poucos recursos que já temos...

Como me resenti da universidade, que não me preparou, nem me avisou que seria assim... fiquei pensando por que não passei mais dias observando e procurando entender a realidade daquela professora que tão duramente critiquei em meus relatórios de estágios. Nas minhas regências sempre levava brindes

para doar às crianças e elas me amavam. Eu era ‘o diferente’ que chegava uma vez por semestre com uma novidade e um presente. E a professora, coitada, ficava feliz em poder ter um tempinho para preencher o bendito sistema escolar.

Hoje, quando vejo os residentes do prof. Marcos, passando a semana inteira nas escolas, dividindo a difícil tarefa de educar com os professores, vivenciando as coisas boas e difíceis da profissão, planejando e executando projetos inovadores, junto com os professores e gestão da escola, mesmo antes de terminar sua graduação, fico ao mesmo tempo feliz e magoada. Magoada, porque não tive a oportunidade na minha época, de poder, processualmente, conhecer e vivenciar a escola e outros espaços de atuação profissional do licenciado, de forma realmente integrada, intensa, produzindo o verdadeiro saber experiencial, e acabei acreditando que não tinha competência para educar crianças. E hoje sei que isso não é verdade. Eu ainda não me sentia preparada para isso. Talvez, se tivesse insistido em vivenciar mais a escola e sua realidade, tivesse sentido que poderia continuar nesse nível de ensino. O fato é que isso me fez partir para a Educação Superior. E me sinto feliz em poder fazer a diferença para meus alunos que estarão nas escolas ou em outros espaços de atuação, participando de projetos como esse, de Residência Docente, aprendendo mais ainda sobre a formação de professores. Isso é, verdadeiramente, a ressignificação da relação entre teoria e prática, num processo de imersão teórico-prático formador, vivenciando de forma real o contexto escolar em todos os seus aspectos, proporcionando ao licenciando produzir soluções viáveis para situações reais, junto ao professor preceptor e ao professor formador, numa especial relação de apoio formador.

O livro *Residência docente nas ciências: imersão nas práticas escolares na cidade de Feira Nova*, organizado por Fredson Murilo da Silva, Marcos Alexandre de Melo Barros, Claudison Vieira

de Albuquerque, por si mesmo já apresenta essa integração entre o sujeito em formação, o formador e o preceptor, já que Fredson, ao representar o licenciado em residência, Marcos, o formador, e Claudison, o preceptor, vivenciaram na pele o projeto de Residência Docente que estão apresentando neste livro. Confirmaram sua eficiência e disponibilizaram para mais residentes o modelo de formação em imersão. Esse primeiro projeto proporcionou ao município de Feira Nova, em Pernambuco, o Prêmio de Município Inovador em Educação, provando que vale mesmo a pena continuar tentando fazer a melhor educação para nossas crianças e jovens. O projeto é inovador não apenas porque ganhou um prêmio, mas porque empoderou jovens que optaram por resistir e permanecer no Ensino Fundamental, principalmente porque conseguiram vivenciar e imergir na escola, conhecendo-a e nela promovendo a diferença e a mudança necessárias para que ela seja a escola de qualidade que nossos alunos merecem e de que precisam.

Nesse sentido, sou imensamente grata pela generosidade desses autores, residentes, preceptores e formadores, que me permitiram acreditar que eu não sou incompetente na educação fundamental – apenas não tive a oportunidade que eles estão tendo de fazer uma formação de professores diferente, promovendo a experiência que vai mudar o currículo dessa formação.

Parabéns, Marcos, Fredson, Claudison e Feira Nova! Vocês e todos os professores e professoras que se dispuseram a participar desta grande aventura são a inovação que a educação brasileira precisa.

Aldeia dos Camarás, 9 de fevereiro de 2020.

Auxiliadora Padilha

Sumário

CAPÍTULO 1

- 13 **Residência docente na formação de professores:
história, protagonistas e atuações**

Fredson Murilo da Silva
Claudison Vieira de Albuquerque
Raab Albuquerque dos Santos Gomes
Maria Dalvaneide de Oliveira Araújo

CAPÍTULO 2

- 29 **Programas de residência docente no Brasil e seus formatos**

Fredson Murilo da Silva
Raab Albuquerque dos Santos Gomes
Maria Dalvaneide de Oliveira Araújo

CAPÍTULO 3

- 49 **Programa de extensão residência docente nas ciências:
origens e constituição**

Fredson Murilo da Silva
Claudison Vieira de Albuquerque
Marcos Alexandre de Melo Barros
Raab Albuquerque dos Santos Gomes
Maria Dalvaneide de Oliveira Araújo

CAPÍTULO 4

- 67 **Coreografias didáticas**

Marcos Alexandre de Melo Barros

CAPÍTULO 5

- 73 **Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências (LAPEC): origem,
cenários de atuação, perspectivas e conexões com a ReDEC**

Rosângela Vidal de Souza Araújo

CAPÍTULO 6

- 95 A residência e o florescimento do docente em formação:
uma experiência na Escola Municipal de Referência
Iva Ferreira de Souza**

Marcela Karolinny da Silva Costa
Manoel Victor Malaquias da Costa
Dulcineia Iva da Silva

CAPÍTULO 7

- 109 O protagonismo do aluno na evolução do ensino-aprendizagem:
uma experiência na Escola Municipal Padre Nicolau Pimentel**

Fernanda Alves Nunes
Odon Porto Almeida Neto
José Edson Barbosa

CAPÍTULO 8

- 123 Diário de um residente: uma experiência na Escola Municipal
Francisco Coelho da Silveira**

Luís Romário da Silva Santos
Claudionice Vieira de Melo

CAPÍTULO 9

- 141 Protagonismo e superação na residência docente nas ciências:
uma experiência na Escola Municipal Manoel Antônio de Aguiar**

Gustavo Henrique da Silva Barbosa
Mirian Rodrigues da Silva

CAPÍTULO 10

- 159 Residência docente nas ciências: uma experiência
na Escola Municipal Manoel Belo**

Gênesis Medeiros de Lima
Maria do Carmo Silva Amorim

CAPÍTULO 11

169 Sentindo o chão da escola: uma experiência na Escola Municipal Padre Manoel da Nóbrega

Moneta Alves dos Santos
Vanusa Maria Soares de oliveira

CAPÍTULO 12

181 Desafios e impasses na formação acadêmica docente: uma experiência na Escola Municipal Severino David

Paulo Vitor Galdino da Silva
Jucileide Felix de Aguiar

CAPÍTULO 13

201 Desafios e transformações do ambiente escolar através do tripé educacional aluno, professor e instituição: uma experiência na Escola Municipal Margarida Ramalho

Thais Kelly Ferreira da Silva
Rosa Maria da Silva

CAPÍTULO 14

221 Docência e gratidão como uma relação transformadora: uma experiência na Escola Municipal João Murilo de Oliveira

Lucas Matos de Lima
Eliane Ângela da Silva

CAPÍTULO 15

241 O processo educativo impulsionado pelo bem estar natural: uma experiência na Escola Municipal João Chéu

Samarina Fernandes de Oliveira
Vandécia Moura Gomes

RESIDÊNCIA DOCENTE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: história, protagonistas e atuações

Fredson Murilo da Silva¹

Claudison Vieira de Albuquerque²

Raab Albuquerque dos Santos Gomes³

Maria Dalvaneide de Oliveira Araújo⁴

O debate em torno da formação inicial e continuada dos professores é uma preocupação permanente dos pesquisadores da área e vem se ampliando no Brasil desde a década de 1970, principalmente após a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996.

A iniciação na carreira docente é de extrema importância para a construção da profissionalidade docente, e nesse momento ocorre a inversão dos papéis: o aluno abandona seu lugar de discente e passa a ocupar a posição de professor. O início da docência é um momento decisivo, podendo-se resistir ou desistir da profissão pela falta de apoio ou por não se sentir preparado

1 Coordenador da Residência Docente nas Ciências – ReDEC.

2 Secretário de Educação de Feira Nova.

3 Consultor da Residência nas Ciências – ReDEC.

4 Consultora da Residência nas Ciências – ReDEC.

para assumir uma sala de aula. Embora durante sua formação acadêmica o graduando passe por estágios supervisionados, essas vivências não são suficientes para torná-lo apto a exercer a função de professor de modo profissional.

A Residência Docente (RD) tem sido um tema de destaque no campo educacional de formação inicial e continuada de professores, na área de políticas públicas e na mídia. Dessa forma, a Residência Docente aparece como uma possível política pública, que busca favorecer a inserção na profissionalidade do docente e contribuir para um trabalho reflexivo, permitindo que o docente vivencie momentos de descobertas, auxiliando na melhoria do seu trabalho.

Nos últimos anos, a Residência Docente tem ganhado espaço na discussão que repensa a formação dos professores iniciantes, principalmente os que vão atuar na Educação Básica. De acordo com Araújo e Curado Silva (2016), esse momento de iniciação do professor é marcado pela fase do aprender a ensinar, mas essa fase não deveria ser experimentada sozinha, pois os professores iniciantes deveriam ser acompanhados por professores experientes para ajudá-los na tomada de decisões. O despreparo para a realidade educacional e a falta de conhecimento sobre a prática escolar tornam o professor incapaz de lidar com a complexidade educacional.

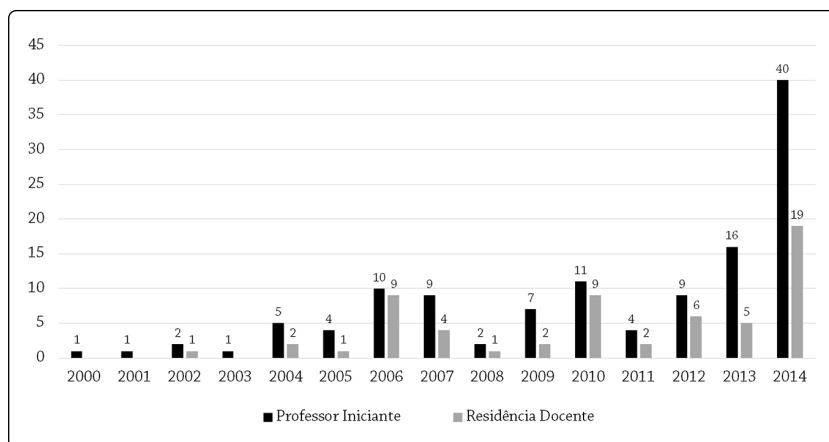
Buscando compreender a construção da Residência Docente, Araújo e Curado Silva (2016) realizaram o estado da arte sobre o que foi publicado no Brasil entre os anos de 2000 a 2014 com a temática de professor iniciante, e dentre esses trabalhos foram selecionados os que abordavam o tema da Residência Docente.

A pesquisa foi realizada a partir de teses, dissertações e artigos coletados em bancos de dados do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e da Coordenação

de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), além de publicações de grandes eventos educacionais nacionais, como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), o Congresso Internacional sobre Professorado Principiante e Inserção Profissional à Docência (Congreprince) e o Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (Endipe). Da pesquisa realizada foram encontradas cinco teses, treze dissertações e quarenta e três artigos que, unanimemente, afirmaram que os professores iniciantes precisam de apoio no início de sua carreira (ARAÚJO; CURADO SILVA, 2016).

A pesquisa das autoras retrata a dificuldade dos professores iniciantes e a necessidade de uma política pública que atenda a esses professores em sua formação inicial. Durante a pesquisa foram coletados 122 trabalhos com a temática de iniciação docente, e 50% deles abordam a Residência Docente, conforme o Gráfico 1.

GRÁFICO 1. Quantidade de trabalhos encontrados por ano entre 2000 a 2014 sobre professor iniciante e Residência Docente



Fonte: Araújo; Curado Silva (2016).

De acordo com o Gráfico 1, pesquisas e estudos sobre a RD vêm crescendo no Brasil, despertando uma discussão sobre a formação inicial dos professores. Araújo e Curado Silva (2016) afirmam que os trabalhos sobre a RD trazem relatos de experiências sobre professores iniciantes que quase desistiram da sua formação por não terem apoio e por falta de professores experientes para ajudá-los e orientá-los como deveriam conduzir suas turmas, principalmente as problemáticas. Segundos as autoras, sugestões são apresentadas para a criação de programas que auxiliem os professores iniciantes.

Poucos foram os relatos de programas estruturados, destinados ao profissional da educação no início da carreira. A grande maioria dos programas se desenvolvem em duas fases. A primeira fase, geralmente definida como acolhimento, envolve a apresentação da instituição, os direitos e deveres dos professores. Em uma segunda fase, ocorrem os encontros para desabafo das dificuldades que os professores encontraram, seguidos de estudos e sugestões de ações de curta duração. Mas esses programas, mesmo não sendo tão estruturados, trouxeram resultados positivos para os participantes, segundo esses trabalhos (ARAÚJO; CURADO SILVA, 2016. p. 8).

O programa de Residência Docente inspirado na Residência Médica não é mais discreto no Brasil e nem algo tão recente, sendo debatido desde 2007. Nesse mesmo ano, o então senador Marco Maciel propôs o Projeto de Lei n. 227 de 04 de maio de 2007, estabelecendo a “Residência Educacional” para os professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O projeto concebida uma alteração no artigo 65 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, acrescentando o parágrafo único:

Art. 65. (...) Parágrafo único. Aos professores habilitados para a docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental será oferecida a residência educacional, etapa ulterior de formação, com o mínimo de oitocentas horas de duração, e bolsa de estudo, na forma da lei.

Art. 2º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com o acréscimo do seguinte artigo 87-A: Art. 87-A. Decorridos dois anos após a vigência do parágrafo único do art. 65, torna-se obrigatório, para a atuação do professor nos dois anos iniciais do ensino fundamental, o certificado de aprovação na residência educacional (BRASIL, 2007, p. 1).

A Residência Educacional apresentada pelo então senador Marco Maciel seria o momento em que os professores recém-formados aprendem, junto aos professores preceptores, a prática educacional. A Lei nº. 9.394 de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação, já previu, em seu artigo 65, trezentas horas de prática de ensino obrigatórias durante a formação dos professores, porém, o senador relata que as instituições com curso de Pedagogia não desenvolvem seus estágios de forma satisfatória, pois os discentes não dispõem de tempo para realizar os estágios, já que a maioria divide o tempo da graduação com o trabalho. Assim, o Projeto de Lei nº 227 de 2007 chegou a ser discutido em audiência pública no âmbito da Comissão de Educação, Cultura e Esporte, recebendo manifestações de apoio e sugestões de aperfeiçoamento, mas acabou sendo arquivado, sem ser votado, em 2011, embora tenha sido apresentado ao Congresso Nacional apontando a Residência Educacional inspirado na Residência Médica como um modelo a ser seguido.

A residência médica inspira o presente projeto de lei. Sabemos da importância na formação dos médicos dos dois ou mais anos de residência, ou seja, do período imediatamente seguinte ao da diplomação, de intensa prática junto a profis-

sionais já experiente, em hospitais e outras instituições de saúde, quando não somente são testados os conhecimentos adquiridos como se assimilam novas habilidades exigidas pelos problemas do cotidiano e pelos avanços contínuos da ciência (BRASIL, 2007, p. 2).

Em 2012, a Residência volta a ser debatida no âmbito político pelo senador Blairo Maggi por intermédio do projeto de Lei n. 284, de 08 de agosto de 2012. Ele resgatou o projeto apresentado por Marco Maciel em 2007 e fez algumas adaptações, visando a melhoria educacional e a formação de professores, principalmente da educação básica, que vêm de cursos superiores e que possuem uma qualidade duvidosa, geralmente no período noturno e sem contemplar uma adequada articulação entre a teoria e a prática.

As adaptações de Maggi preveem a residência como uma etapa ulterior à formação inicial, com bolsas de estudo e com no mínimo 800 horas de prática para os professores iniciantes da Educação Infantil e nos primeiros Anos do Ensino Fundamental. Maggi também modifica o termo “Residência Educacional” para “Residência Pedagógica”. Essa mudança ocorre para descrever melhor o propósito da iniciativa, que é explicar a finalidade da atuação da prática dos docentes na Educação Infantil e nos Anos Iniciais (BRASIL, 2012).

O projeto de lei de 2012 apresentado pelo senador Blairo Maggi, visando instituir a Residência Pedagógica para os professores dos Anos Iniciais, após ser tramitado pelo Senado Federal, foi aprovado em 06 de maio de 2014, com alteração da carga horária da Residência Pedagógica de 800 horas para 1.600 horas. Esses projetos apontam uma mudança na formação dos professores que estão em início de carreira, especificamente do pedagogo.

A Residência Pedagógica propõe uma formação docente seguindo a mesma qualidade do curso de medicina aos professores

dos Anos Iniciais, que, após a sua formação, passam dois anos em atividades sendo acompanhados por professores experientes, assim como os médicos recém-formados.

Em 2011, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Diretoria de Educação Básica Presencial/Capes (DEB) receberam pedidos de apoio financeiro para programas e projetos institucionais de diferentes instituições e localidades, entre eles o programa de Residência Docente do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro). Muitos desses projetos podem servir de piloto para a Capes, possibilitando a abertura de futuros editais. Os principais programas de formação de professores apoiados pela CAPES estão agrupados conforme os diferentes momentos da formação docente: inicial, continuada e extensão, todos comprometidos com a pesquisa e a divulgação científica (CAPES, 2013).

Uma das atribuições da Capes é fomentar a formação inicial e continuada de professores, contribuindo com a elevação da qualidade de ensino da Educação Básica. No grupo de formação continuada encontra-se a Residência docente do Colégio Pedro II apoiado pela portaria nº 206 de 21 de outubro de 2011 a Capes que dispõe sobre o apoio à execução do Programa Residência Docente nesta instituição, o primeiro a ser criado no Rio de Janeiro (CAPES, 2011).

Em 2015, o Ministério da Educação, em debate sobre o documento que nortearia os currículos de todos os cursos da licenciatura e de Pedagogia do país, já previa uma discussão sobre a criação do programa de Residência Pedagógica para os discentes da graduação nos moldes da residência médica. A resolução nº 2 de 1º de julho de 2015 define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada e

traz a Residência Docente como uma das diretrizes curriculares para formação inicial dos cursos de licenciatura (BRASIL, 2015).

Em 18 de outubro de 2017, o Ministério da Educação (MEC) lançou a Política Nacional de Formação de Professores, abrangendo desde a criação de uma Base Nacional Docente até a ampliação da qualidade e do acesso à formação inicial e continuada de professores da Educação Básica. Segundo o Ministro da Educação Mendonça Filho, ações como a Residência Pedagógica devem melhorar a educação do país, sendo um caminho que pode facilitar a amplitude do conhecimento prático do professor e a melhora da qualidade do ponto de vista de lecionar dentro de uma sala de aula. O Ministro ainda ressalta que a boa formação dos professores tem um grande impacto dentro da sala de aula, contribuindo com a qualidade do ensino e com a aprendizagem das crianças e jovens nas escolas da educação básica (BRASIL, 2017).

Após o pronunciamento do Ministério da Educação, a Capes volta a lançar a portaria GAB nº 38 de 28 de fevereiro de 2018, instituindo a Residência Pedagógica para os alunos do curso de licenciatura na modalidade presencial nas instituições de ensino superior públicas ou privadas. A finalidade do programa é apoiar projetos inovadores que estimulem a teoria e a prática, o aperfeiçoamento dos discentes dos cursos de licenciaturas e a parceria entre as instituições superiores e a rede pública de educação básica.

Um dos objetivos da Residência é tornar o programa de graduação mais próximo da sala de aula do nível básico, porque muitos cursos são voltados para formação científica e esquecem a formação do professor para a sala de aula. Assim, esse professor que está em processo de formação tem a oportunidade de trabalhar na escola e, ao mesmo tempo, tem o suporte universitário do professor preceptor.

Protagonistas da residência docente e suas atuações

Para o desenvolvimento do objetivo da Residência Docente, Silva (2015) e Silvestre e Valente (2014) afirmam que é necessário contar com a ação coordenada de três protagonistas: o residente, o professor formador e o professor preceptor.

Residente: é o público-alvo do programa – são os discentes ou docentes que realizam seus estágios na rede pública municipal, estadual ou rede privada de ensino, dependendo do programa em que eles estão inseridos. Esses residentes passam por uma imersão escolar sequenciada e ininterrupta, ou seja, o residente vai até a escola todos os dias durante várias semanas. Isso permite uma maior compreensão do cotidiano escolar, maior aproximação com os estudantes da escola-campo e também um tempo maior de troca de experiências com o professor preceptor que o recebe. Durante o período de estágio os residentes passam por acompanhamento pelo professor formador na universidade antes de atuarem na escola campo (SILVA, 2015).

De acordo com Silvestre e Valente (2014) e Silva (2015), o período de imersão do residente é dividido em quatro etapas (Figura 1), que proporcionam aos residentes a vivência de todos os segmentos de uma escola.

A primeira etapa é a contextualização. Aqui, o residente tem o seu primeiro contato com a escola-campo, com o professor preceptor e com os alunos, conhecendo a dinâmica das aulas e o trabalho com as turmas. O residente nessa etapa faz uma imersão na escola, contextualizando as aulas do preceptor e contribui auxiliando na disciplina, além de participar dos projetos da escola, acompanhar a gestão escolar e conhecer os espaços da escola.

A segunda etapa é concebida pela produção de ações pedagógicas, nas quais o residente prepara suas aulas para ministrar

FIGURA 1. Etapas da Imersão



Fonte: Os autores (2020).

nas turmas que está acompanhando. Nessa etapa, o residente contribuirá com seu professor preceptor dando continuidade às atividades desenvolvidas sob sua supervisão.

A terceira etapa é a aplicação da ação pedagógica pelo residente, momento em que tem autonomia para assumir a sala de aula e colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos na academia com o seu professor formador e através das observações realizadas na escola-campo durante a imersão. Para Silvestre e Valente (2014), esse é o momento mais significativo da residência, porque testa as habilidades e o conhecimento necessários para a prática docente.

A quarta etapa vem finalizando o período de residência, que é destinado para as avaliações. Nessa etapa os residentes recebem avaliação tanto do professor preceptor que acompanhou todo o seu desenvolvimento na escola-campo, quanto do profes-

sor formador, que o acompanha em reuniões e no desenvolvimento das ações pedagógicas.

Professor preceptor: são integrantes do quadro de professores efetivos da escola-campo que recebem os residentes durante o período de imersão. São chamados de professores preceptores por já possuírem experiência e vasto conhecimento adquirido ao longo dos anos de ensino.

O professor preceptor é essencial no programa de RD, pois ele conduzirá o residente na prática docente. Ele é responsável por familiarizar o residente com a vivência escolar, aproximando-o dos alunos da escola-campo, auxiliando na elaboração das ações pedagógicas e na execução das mesmas, condicionando o residente de forma que ele venha a desenvolver uma ação que eleve o ensino e aprendizagem dos educandos. Ao terminar a imersão na residência, cabe ao professor preceptor avaliar o residente pelas ações desenvolvidas, além de manter contato com o professor formador para articular a evolução do residente e estreitar os laços entre a universidade e a escola-campo (SILVA, 2015; SILVESTRE; VALENTE, 2014).

Professor Formador: são docentes da universidade que acompanham os residentes durante o período de imersão. Após o estudo e realização de atividades teóricas, o formador terá o papel de orientar, avaliar e dar suporte no desenvolvimento da prática, proporcionando uma formação aprofundada na residência. É fundamental que o formador acompanhe os residentes antes, durante e no final da residência, e que durante o período de imersão o formador realize reuniões para o questionamento sobre as ações, ensinando, acompanhando o desenvolvimento dos residentes e construindo um espaço para refletir sobre as experiências vivenciadas e mediadas sobre as teorias estudadas.

Ainda cabe ao professor formador acompanhar os residentes durante o período de imersão, dando suporte aos residentes e estreitando os laços entre a escola e a universidade, bem como a relação com o professor preceptor, uma vez que os dois são essenciais para a formação inicial do residente. Segundo Silva (2015), o professor formador, ao fim da imersão, deve auxiliar seus alunos nas construções dos relatórios parciais e finais da residência e avaliar se o residente conseguiu construir sua profissionalidade docente.

Princípios pedagógicos do Programa Residência Docente

O início do exercício dos professores iniciantes nas escolas é um momento marcado por conflitos, dúvidas e dificuldades, além de ser considerado um momento de grandes descobertas sobre a docência. Muitas pesquisas têm relatado sobre essas dificuldades que os docentes iniciantes enfrentam e sobre a falta de investimentos em políticas públicas de apoio a esses docentes.

A falta de experiência com a prática docente e a realidade educacional, associada ao despreparo dos professores iniciantes para lidar com situações no ambiente escolar, tornam os professores incapazes de lidar com o cotidiano escolar. Estes despreparos de alguns docentes podem promover depreciação de saberes adquiridos na formação, inclusive um abandono total de referências educacionais obtidas na graduação, em prol de atividades pautadas nos desestímulos e na dependência dos materiais didáticos, dos livros e das atividades práticas de pouca ou nenhuma relevância para a aprendizagem dos alunos.

Sant'Anna et al. (2015) ressaltam que a pouca participação do discente nas diferentes fases do processo pedagógico, como a preparação de aulas, de materiais didáticos, de instrumentos de avaliação, de correção e de criação de estratégias de apoio a

dificuldades específicas, vai preparar parcialmente o licenciando para a função profissional que ele vai exercer. Essa parcialidade e a pouca participação no processo educativo pode gerar um professor inseguro para assumir uma sala de aula. Essa falta de preparo, segundo a autora, pode gerar um choque de realidade ou de transição que ocasionam a desmotivação, o mal-estar e o desencorajamento, propiciando a evasão profissional.

Para minimizar as dificuldades dos professores iniciantes a autora traz a RD como:

terceiro espaço, onde o poder de autoridade do saber acadêmico como fonte de preparação para ensinar se dilui e se integra com o saber da vivência – criando formas de conhecimento menos hierárquicas e, assim, dando novas oportunidades de aprendizagem aos professores em formação. Um espaço de transformação onde o potencial para formas expandidas de aprendizagem e o desenvolvimento de novos conhecimentos se amplia (SANT’ANNA et al, 2015, p. 256).

Pesquisadores (LEAL, 2016; ARAÚJO, 2016; SILVA, 2015; SILVESTRE, 2016) afirmam que a Residência Docente tem como princípio a formação através da imersão na prática cotidiana nas escolas durante o período da formação inicial ou no início da carreira docente na rede pública municipal, estadual e rede privada de ensino para melhor compreensão da realidade escolar, aplicação dos conhecimentos adquiridos na universidade e desenvolvimento da carreira docente. Trata-se de uma experiência na qual residentes podem participar de vivências sistemáticas e temporárias nas práticas pedagógicas de docentes e gestores escolares, acompanhados pela orientação do docente da universidade e de professores e gestores das escolas-campo, construindo uma formação complementar em questões de ensino e aprendizagem da área, de disciplinas afins e em aspectos da vida escolar.

Sabemos que a existência de programas para a formação de professores iniciantes ajuda a obter experiências no currículo, porém, muitos licenciandos passam um pequeno período nas escolas e muitas vezes esse período não é cuidadosamente planejado. O período do licenciando nas escolas deve ser bem articulado, pois muitos alunos são alocados apenas nos setores administrativos da escola, recebendo poucas orientações pedagógicas, de modo que não têm acesso à verdadeira prática do ensino.

De acordo com Sant'Anna et al. (2015), o espaço promovido pelo programa de Residência Docente deve ser um lugar de construção de conhecimento para o discente, onde o período de imersão oportunize vivências e práticas de experimentação, observação-participativa, lançando novos olhares sobre as atividades de ensinar e de aprender e servindo de base para a construção de saberes docentes através da exposição às novas teorias e práticas.

Durante o período de imersão na RD o residente adentra em um tempo integral e ininterrupto de vivências no cotidiano escolar, sob a orientação de um professor preceptor e um professor formador, que provoca situações para que o aluno consiga assumir aos poucos seu papel.

De acordo com Silvestre (2016, p. 161):

a residência não é para o aluno avaliar o trabalho do professor na escola, mas colocar o licenciando em contato com situações de ensino em um ambiente de trabalho multiterminado, que será o seu daqui algum tempo, para que ele possa reconhecer o trabalho do professor formador como uma prática social e que, portanto, precisa ser analisada compreendida e desvelada em sua constituição, ou, em outras palavras, o residente precisa reconhecer a base epistemológica e política que a estrutura.

Um dos princípios norteadores da residência é a profissionalidade dos residentes, colocando em destaque a prática como

eixo estruturante no processo de ensino e aprendizagem. O aperfeiçoamento do discente, a condução do conhecimento sobre a prática e as experiências dos sujeitos envolvidos na residência se caracterizam como uma ressignificação das práticas e dos conhecimentos, através de um aprofundamento no cotidiano escolar e mostrando-se como uma oportunidade de modificar as interpretações sobre a má formação do professor.

As experiências vivenciadas em um vasto ambiente escolar, em conjunto com o compartilhamento de ações docentes com professores mais experientes, trazem para os residentes novas ideias e perspectivas diferenciadas, uma vez que viabilizam um espaço que permite uma constante reflexão, ação, criação e avaliação dos reais conflitos vivenciados pelos professores residentes na sua prática docente (SANT'ANNA, et al., 2015).

Referências

ARAÚJO, P. R. D. *Residência Docente*. Brasília: Faculdade de Educação, 2016.

ARAÚJO, P. R. D.; CURADO SILVA, K.A.P.C.R. Residência na docência: uma construção necessária? In: *V Congresso Internacional sobre el Profesorado Principiante y la Inducción a la docencia*. República Dominicana, 2016.

BRASIL. Senado Federal. *Projeto de Lei Nº 227, de 2007*. Acrescenta dispositivos à Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para instituir a residência educacional a professores da educação básica. Disponível em: <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/80855>. Acesso em: 24 maio 2018.

_____. *Base Nacional Comum Curricular: ciências da natureza*. Brasília: MEC/SEF, 2017.

_____. Senado Federal. *Projeto de Lei No 284, de 2012*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para instituir a residência pedagógica para os professores da educação básica. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/106800>. Acesso em: 24 maio 2018.

_____. Resolução CNE/CP nº 2, de 1o de julho de 2015, *Diário Oficial da União*. Brasil, 2015.

_____. CAPES. *Portaria no 206 de 21 de outubro de 2011*. Dispõem sobre a execução do programa Residência Docente no Colégio Pedro II. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/comunicados/2011/27-10> . Acesso em: 25 maio 2018.

LEAL, C. C. N. *Residência pedagógica: representações sociais de formação continuada*. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2016.

SANT'ANNA, N. F. P.; MATTOS, F. R. P.; COSTA, C. S. Formação continuada de professores: a experiência do programa residência docente no colégio Pedro II. Belo Horizonte. *Educação em Revistas*, 2015.

SILVESTRE, M. A.; VALENTE, W. R. *Professores em residência pedagógica: Estágio para ensinar matemática*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVESTRE, M.A. *Práticas inovadoras na formação de professores*. Campinas, SP: Papirus, 2016.

SILVA, K.G. *Residência Pedagógica: uma alternativa possível na formação inicial de professores de Ciências e Biologia na UFPR? Trabalho de Conclusão de Curso*. Paraná, 2015.

PROGRAMAS DE RESIDÊNCIA DOCENTE NO BRASIL E SEUS FORMATOS

Fredson Murilo da Silva¹

Claudison Vieira de Albuquerque²

Raab Albuquerque dos Santos Gomes³

Maria Dalvaneide de Oliveira Araújo⁴

A Residência Docente surge como uma tentativa de diminuir o espaço que existe entre a formação inicial e a entrada do professor efetivamente em serviço, sendo apontada como um possível programa nacional em desenvolvimento pela Capes e pelo MEC.

Assim, esses programas estão sendo desenvolvidos em várias Universidades, Colégios, Secretarias de Educação, Ministério da Educação e Institutos, como: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); Colégio Pedro II (CPCII); Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS); Secretaria de Educação de São Paulo; Ministério da Educação (MEC) e o Instituto Coletivo.

Essas instituições promoveram a criação de programas institucionais com o objetivo de promover a articulação entre a teoria e a prática, estimulando a docência e proporcionando a

1 Coordenador da Residência Docente nas Ciências – ReDEC.

2 Secretário de Educação de Feira Nova.

3 Consultor da Residência nas Ciências – ReDEC.

4 Consultora da Residência nas Ciências – ReDEC.

esses professores iniciantes uma imersão para vivenciar as salas de aulas das escolas públicas e privadas antes e após a sua formação e, assim, contribuindo com sua profissionalidade docente (RICCI, 2015; UNIFESP, 2017; SANT'ANNA, 2015; FILHO, 2015; BRASIL, 2018).

Programa de Residência Docente do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro

O programa piloto de Residência Docente do Colégio Pedro II (CPII), criado no ano de 2011, teve seu início em caráter experimental no ano de 2012, sendo implementado a partir da criação da Portaria n. 206 de 21 de outubro de 2011, elaborada pela Capes (vinculada ao MEC) e que, a partir do ano de 2015, passou a receber fomento da própria instituição que desenvolve o programa.

O Programa de Residência do CPII é desenvolvido para docentes da rede pública do Rio de Janeiro, licenciados com até três anos de conclusão do curso, com o objetivo de aperfeiçoar a formação do professor da Educação Básica através de um projeto de formação continuada, expandindo competências docentes e complementando a formação inicial recebida nas Instituições de Ensino Superior.

Em 2016 o programa continha uma carga horária de 360 horas durante um ano letivo, sendo distribuídas em atividades presenciais e a distância, bem como em atividades desenvolvidas no próprio contexto escolar no qual o Residente atua. Durante o período de imersão os residentes desenvolvem atividades na área da docência, da administração e na formação continuada do CPII. Dentre essas atividades estão: atividades didáticas, em laboratório e secretaria, além de participação em oficinas e congressos (SANT'ANNA et al., 2015).

O programa é composto por residentes, supervisores e coordenadores. Os residentes participantes do programa são professores encaminhados pela Secretaria de Educação do Estado e do Município do Rio de Janeiro que se interessaram por uma formação continuada. Os professores supervisores são especialistas pertencentes ao quadro de professores do Colégio Pedro II com, no mínimo, cinco anos de experiência na docência, tendo a responsabilidade de supervisionar, orientar, organizar e avaliar as atividades pedagógicas dos professores residentes.

Os coordenadores são docentes do Programa de Pós-Graduação do CPII, com titulação de mestre ou doutor e experiência de cinco anos na docência, responsáveis pelo planejamento e organização dos trabalhos e estudos a serem realizados pelos professores residentes junto aos professores supervisores, além de divulgar para cada um em sua área específica e realizar o acompanhamento do desenvolvimento do residente durante a imersão (BRASIL, 2018).

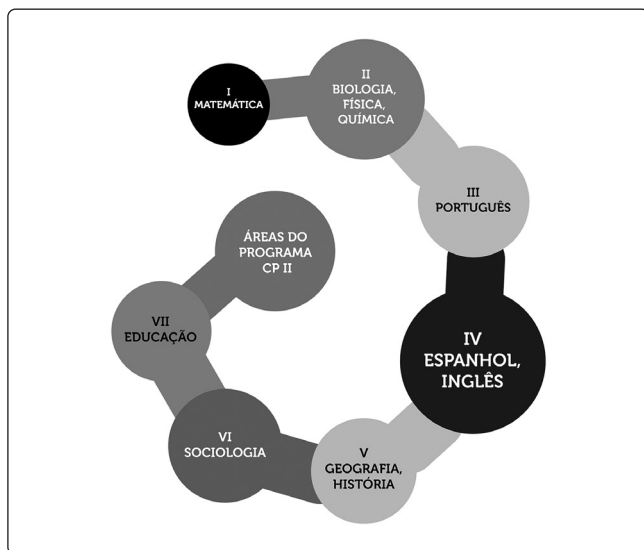
A proposta do programa CPII é semelhante à de uma residência médica, sendo uma pós-graduação Lato sensu para professores graduados. Os Residentes aprovados são certificados pelo Colégio Pedro II como Especialistas em Docência do Ensino Básico na sua disciplina ou área específica de atuação.

O programa do CPII é dividido em sete áreas, englobando as disciplinas conforme a Figura 1, disposta na página a seguir.

Programa de Residência Docente no Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

O programa Residência Docente do Centro Pedagógico da UFMG, inspirado no programa do CPII, também foi desenvolvido em 2011 para professores da educação básica, buscando o aperfeiçoamento da formação docente, proporcionando expe-

FIGURA 1. Áreas e disciplinas do programa CP II



Fonte: Os autores (2020).

riências práticas e pedagógicas e levando as docentes à reflexão acadêmica e a enfrentar os desafios do cotidiano escolar.

De acordo com Ricci (2015), os professores participantes do programa pertencem à rede pública municipal de Contagem, sendo licenciados ou com formação específica para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os professores residentes desenvolvem atividades na docência, como a observação em sala de aula, participação em reuniões com a gestão, atividades de supervisão e de orientação, e prática da docência como ministrante da disciplina Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD). Afirma a autora:

(...) presente na grade curricular do Centro Pedagógico, o GTD é um projeto de ensino coletivo desenvolvido em todos os ciclos com o objetivo de respeitar o ritmo, o tempo e as experiências de cada educando. Os alunos são agrupados

segundo demandas detectadas, independente do ano escolar que estejam frequentando, mas dentro do próprio ciclo (RICCI, 2015).

Durante o período de imersão na residência, os residentes do programa desenvolvem atividades referentes ao Centro Pedagógico para que se sintam parte do processo. Paralelamente ao período de observação, os residentes desenvolvem leituras, fichamentos e discussões sobre o material lido, além de ministrar aulas para o grupo GTD. O passo seguinte é uma interação e o acompanhamento das aulas com o professor supervisor e a turma em que o residente desenvolverá um projeto de intervenção, sendo essa interação deveras importante para que a intervenção ocorra de forma natural entre o professor supervisor, a turma e o residente.

Além dos momentos de supervisão, os residentes participam de reuniões mensais que abordam as questões educacionais do programa a partir da reflexão das práticas pedagógicas dos residentes, supervisores e coordenadores. Além das reuniões, os residentes ainda contam com a plataforma *moodle*, “um espaço de formação que possibilita interação entre os participantes da equipe docente e os residentes, para diálogos sobre os conteúdos curriculares e esclarecimentos de dúvidas” (RICCI, 2015, p. 46).

Programa de Residência Docente do Colégio Visconde de Porto Seguro (São Paulo)

O programa Residência Docente do Colégio Visconde de Porto Seguro teve seu marco inicial em março de 2015, inspirado em um curso de formação de professores da Alemanha denominado *Referendariat*. O projeto foi criado para atender alunos do último período da licenciatura ou professores recém-formados que trabalhassem a partir do sexto ano do ensino fundamental e médio.

O programa foi iniciado apenas por três residentes imersos no ambiente escolar. O período de imersão é um ano letivo no qual os professores residentes possuem uma carga horária teórica que é distribuída em atividades com participação de *workshops* e seminários realizados uma vez por semana, capacitando os residentes para o planejamento de aulas e a preparação de fichas, materiais e avaliação. Além dessa preparação, os residentes participam de um curso de metodologia de ensino, ministrados por professores brasileiros e bilíngues que compõem o quadro de funcionários da escola.

A carga horária prática é dividida em dois semestres: no primeiro, o residente acompanha seu professor-tutor em algumas de suas turmas para a parte da observação, e no segundo semestre ele já pode ministrar aulas com a orientação do seu tutor.

De acordo com Araújo (2016), o programa de Residência Docente do Colégio Visconde de Porto Seguro é diferente dos demais programas, pois tem como finalidade preparar futuros professores para trabalharem na própria escola. Os residentes selecionados a participarem do programa precisam arcar com um investimento financeiro para terem a preparação que lhes permite participar da seleção de ingresso no quadro de professores da escola: “desse modo o programa se destina a capacitar o profissional para atuar conforme os métodos de ensino da instituição e visando a possibilidade de contratação do docente” (ARAÚJO, 2016, p. 53).

Programa de Residência Educacional [PRE]

O programa de Residência Educacional (PRE) é uma iniciativa da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, instituído por meio do decreto nº 57.978, de 18 de abril de 2012, destinado aos discentes do ensino superior, visando o desenvolvimento

dos seus estágios supervisionados na rede estadual de ensino nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, desenvolvendo melhores condições para que os futuros professores tenham a oportunidade de aprimorar sua formação e de desenvolver projetos educacionais, visando à melhoria da educação básica paulista.

Afirma Filho (2015) que o PRE é um programa que busca a verdadeira imersão dos licenciandos na prática escolar, evitando que os estágios sejam mais uma das atividades burocráticas dos cursos de licenciatura, cumprindo apenas as exigências legais. Para que isso aconteça, o autor explica que as atividades precisam ser delineadas a partir do projeto pedagógico dos cursos de licenciatura e que também conversem com os projetos político-pedagógicos das escolas participantes do programa.

Para participar do programa os residentes precisam estar matriculados a partir do terceiro semestre do curso de licenciatura e passar por um processo seletivo público com provas objetivas compostas de conhecimentos gerais, Matemática e Português, além de uma entrevista na escola escolhida para realizar a residência. Os residentes selecionados são contemplados com bolsas de R\$ 420,00 e auxílio-transporte no valor de R\$ 180,00 para desenvolver as atividades em 15 horas semanais atendendo a uma das áreas do currículo: Linguagens, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática (FILHO, 2015; GOMES, 2015; SEE, 2014).

Destaca-se que a residência conta com o acompanhamento contínuo do residente/estagiário, auxiliando o trabalho pedagógico do professor da sala. O programa conta com um residente para cada grande área do currículo da escola e orienta que o residente realize um trabalho investigativo com colaboração as situações de ensino-aprendizagem, considerando que a observação não poderá ser atividade exclusiva do residente (GOMES, 2015, p. 209).

O PRE pressupõe uma intervenção prática do residente na sala em que ele realiza a residência. Além da intervenção, o residente deverá realizar atividades que possam contribuir com o seu processo formativo, tais como: participar e colaborar com o trabalho pedagógico dos professores desenvolvendo atividades individuais ou em grupo com os alunos; desenvolver ações docentes valendo-se de metodologias variadas; conhecer os resultados da unidade escolar; participar de reuniões de planejamento/replanejamento, conselhos de classe/série, conselho de escola, associação de pais e mestres; acompanhar o coordenador em suas ações pedagógicas; conhecer os documentos que regem as escolas (SEE, 2014).

Os residentes participantes do programa desenvolvem atividades pelo período de um ano, podendo ser renovado por mais um, e são orientados pelos professores supervisores das escolas e pelo professor da disciplina de estágios na universidade. No início do programa, cada residente deve entregar um plano de atividade específico com suas atuações durante o decorrer do ano e, no final, um relatório considerando o resultado das suas ações pedagógicas. Vale ressaltar que as atividades não se configuram como um estágio curricular *stricto sensu* em que os alunos precisam ter quatrocentas horas de estágio a partir da segunda metade do curso.

Programa de Residência Pedagógica da Universidade de São Paulo (Unifesp)

O programa de Residência Pedagógica da Universidade de São Paulo surgiu de uma pesquisa realizada por professores que atuavam no curso de Pedagogia no ano de 2006, com o objetivo de levantar dados para a implementação de um Programa de Residência. Assim nasceu a proposta dos estágios supervisi-

dados, como a residência pedagógica, inspirada na residência médica, na qual os professores captaram o princípio da imersão, associando-a à formação inicial dos graduandos da Pedagogia. De acordo com a Unifesp (2017), existem semelhanças e distanciamentos entre a residência pedagógica e a médica.

A diferença central encontra-se na finalidade: a RP é parte da formação inicial, é essencialmente uma aprendizagem situada que acompanha a graduação e ganha sentido de especialização profissional. A proximidade está na imersão do estudante, no processo de contato sistemático e temporário com práticas profissionais reais – no caso, com professores e gestores educacionais (formadores) que atuam nos contextos das escolas públicas. (UNIFESP, 2017, p. 125)

O programa teve seu marco inicial no ano de 2009, sendo instalado na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unifesp e direcionado para os licenciandos do curso da Pedagogia substituindo os estágios supervisionados. Silvestre (2016) afirma que os alunos matriculados no curso de Pedagogia não realizam mais estágios supervisionados em escolas de suas preferências, sendo direcionados para as escolas públicas com aproximação da instituição de ensino para realizar a residência pedagógica, optando apenas por período e horário em concordância com a escola-campo. A autora ainda relata que o programa compreende:

que o estágio é uma etapa fundamental na formação inicial dos professores, articulando aos princípios de um projeto de formação, explicitado no projeto pedagógico do curso de Pedagogia da UNIFESP, não o limitando uma simples disciplina, mas organizando-o de forma articulada as demais atividades do curso e as escolas-campo, por meio de uma metodologia própria que não só a apropriação do processo de trabalho pedagógico, mas também uma sólida formação teórica, inter e transdisciplinar sobre o fenômeno educa-

cional e seus fundamentos históricos, políticos e sociais, promovendo a articulação e o domínio dos saberes para a compreensão crítica da sociedade brasileira e da realidade educacional, alinhando-se as diretrizes curriculares para o curso de Pedagogia (SILVESTRE, 2016. p. 151.)

Os residentes que realizam seus estágios na Residência Pedagógica são imersos por um período contínuo e ininterrupto de 80 horas nas escolas em cada uma das modalidades da Residência: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Gestão, com carga horária conforme a Figura 2.

Durante o período de imersão, os residentes são acompanhados pelos professores preceptores e formadores. O período é desenvolvido em quatro etapas: a primeira é destinada ao momento de socializar com o ambiente escolar, observar, planejar

FIGURA 2. Modalidades Residência Pedagógica da Unifesp



Fonte: Os autores (2020).

aulas, atividades e reuniões desenvolvidas na escola, além de auxiliar o professor formador em algumas atividades. Na segunda etapa, o residente, em contato com o professor preceptor e formador, começa a desenvolver uma intervenção para ser aplicada em uma das turmas que está acompanhando. A terceira etapa é o momento da ação, quando o residente assume a sala de aula e coloca em prática o plano de ação que foi desenvolvido com os professores. A última etapa do residente é a conclusão do seu plano de ação, e estabelece os últimos contatos com o professor formador, que o avalia (UNIFESP, 2017).

Nesta direção, a Residência Pedagógica no curso de Pedagogia da Unifesp substitui os clássicos estágios curriculares obrigatórios na formação de professores. Todos os alunos devem cursar quatro unidades curriculares práticas de Residência Pedagógica em escolas públicas. Para Silvestre (2016, p. 161):

o programa de Residência Pedagógica, por sua vez, confia na possibilidade de que a escola, no caso pública, seja um espaço não de aplicação daquilo que o residente aprende no curso, mas sim um espaço formativo tão importante quanto aquele que se tem na universidade. Nessa direção, o conhecimento produzido na Universidade é tão importante quanto aquele produzido na escola.

Conforme Gomes (2015), a permanência do residente estagiário no ambiente escolar vai aprimorar sua formação inicial, mas também provocará um processo de formação nos professores que os recebem nas escolas. Para a autora, essa dupla transitividade é ocasionada pela residência pedagógica, primeiramente com a parceria do professor formador e residente na elaboração do plano de ação, desafiando o professor pela base de sua sala de aula, as dificuldades dos alunos e a inexperiência do residente.

Além do processo de articulação entre a formação inicial e continuada, o programa de Residência Pedagógica da Unifesp

oferece ações de formações para os gestores e docentes das escolas participantes do programa de acordo com as possibilidades da universidade e as necessidades apresentadas pelo corpo escolar. Além das formações, a universidade se aproximou das escolas-campo através da publicação dos cadernos da Residência Pedagógica, que teve seu primeiro volume distribuído em 2008. De acordo com a Unifesp (2017, p. 128):

o material trata de temas que apareceram como demandas formativas na pesquisa Prodocência 2007 e é destinado aos residentes do curso de Pedagogia da UNIFESP e aos professores e gestores das escolas públicas do município de Guarulhos. Seu objetivo é discutir algumas das questões fundamentais que caracterizam os diferentes níveis e modalidades de ensino e desse modo orientar as ações do PRP.

A série de cadernos está distribuída em volumes: 1. Educação Infantil; 2. Ensino Fundamental; 3. Educação de Jovens e Adultos; 4. Gestão Educacional; 5. Educação Infantil e Direitos da Infância; 6. o Direito à Infância e ao Brincar e 7. História e Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A meta do programa é continuar as publicações, dinamizando a articulação entre a teoria e a prática e integrando a formação inicial e continuada à docência e à gestão, tratando de temas interessantes inspirados a partir das vivências na Residência Pedagógica (UNIFESP, 2017).

Programa de Residência Pedagógica CO.LETIVO

O programa de Residência Pedagógica CO.LETIVO é uma iniciativa do Instituto Canoa, uma organização sem fins lucrativos localizada na cidade de São Paulo e que tem como missão fomentar a formação de professores de excelência do país. O programa iniciou em 2019, visando oferecer uma experiência de imersão

na prática pedagógica, fortalecendo a entrada de professores iniciantes na carreira.

O programa CO.LETIVO trabalha com a participação de residentes, mentores e escolas parceiras. Os residentes são alunos dos cursos de licenciaturas diversas, cursando a partir do segundo período da graduação. Os mentores são professores com mais de três anos de experiência e reconhecidos em suas comunidades escolares pela qualidade de suas práticas. As escolas parceiras são públicas e privadas, com equipe de gestão aberta à inovação e ao diálogo.

Para participar do programa, os residentes passam por uma seleção em quatro etapas: 1. inscrição; 2. testes de percepções; interpretação de textos e conhecimentos específicos de sua área, 3. trabalho em grupo e 4. entrevista. Os residentes aprovados na seleção passam por uma formação inicial de uma semana no Instituto CO.LETIVO. A imersão dos residentes acontece de agosto a dezembro, com uma carga horária de 12 horas semanais. Quatro horas são destinadas à formação presencial no Instituto CO.LETIVO e 8 horas à imersão do mentor na sala de aula para a contextualização, planejamento do conjunto de aulas, regências e devolutivas. Os mentores, antes de receberem os residentes, passam por uma formação e seguem com reunião presencial com os residentes e fórum online para formação de mentoria com o CO.LETIVO.

O CO.LETIVO fornece bolsas de 400 reais para residentes e 700 reais para mentores, mas não garantem que a residência valerá como estágio obrigatório em razão das especificidades de cumprimento de cada Instituição de Ensino Superior. O programa acontece dentro das escolas parceiras, onde os residentes observam os seus mentores em ação, planejam e conduzem aulas colaborativamente, trocando experiências e estudando os temas mais relevantes para o seu desenvolvimento como professor.

Programa de Residência Pedagógica do Ministério da Educação (PRP-MEC)

O Ministério da Educação (MEC) tornou público a nova Política Nacional de Formação de Professores em 18 de outubro de 2017, tendo por objetivo atender a dois itens do Plano Nacional de Educação (PNE) referentes à melhoria da qualidade da educação e à valorização dos profissionais da educação. A política abarca desde a elaboração de uma Base Nacional Docente até a ampliação da qualidade e do acesso à formação inicial e continuada de professores da educação básica. O marco desta nova política é a criação do Programa de Residência Pedagógica (PRP), com início em agosto de 2018, ofertando 80 mil vagas para licenciandos com bolsas de 400 reais.

Durante o lançamento do Programa da Residência Pedagógica, o ministro da Educação, à época, Mendonça Filho, destacou a formação de professores, ressaltando que o PRP deverá provocar um impacto direto dentro da sala de aula, principalmente na questão da qualidade do ensino e do aprendizado das crianças e jovens nas escolas de educação básica do Brasil, sendo o caminho que vai facilitar a amplitude do conhecimento prático-profissional e a melhoria da qualidade do ensino dentro de uma sala de aula na educação básica:

A Capes, através de sua Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica (DEB), visa, através do PRP, o aperfeiçoamento dos estágios supervisionados nos cursos de licenciaturas nas Instituições de Ensino Superior, concede aos licenciandos, a partir da segunda metade do seu curso, uma imersão nas escolas de educação básica. O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores instituída pela Capes (CAPES, 2018).

De acordo com o edital da Capes (2018) o programa de Residência Pedagógica visa:

- I. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- II. Induzir a reformulação do estágio supervisionado nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
- III. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores.
- IV. Promover a adequação dos currículos e propostas pedagógicas dos cursos de formação inicial de professores da educação básica às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para o desenvolvimento do PRP são necessários alguns integrantes: coordenador institucional, denominação dada para quem coordena o projeto institucional da residência pedagógica nas instituições de ensino superior, devendo este ter título de Doutor e pertencer ao quadro permanente da IES como docente e ministrar disciplinas no curso de licenciatura; docente orientador, termo designado para os docentes que orientam os residentes nas IES, que deve possuir no mínimo título de mestre e três anos de experiências como docente em curso de licenciatura,

além de ter ministrado disciplinas de estágios supervisionados; preceptor, que é o professor da escola onde o aluno desenvolverá sua residência e deve ser do quadro de professores da escola, além de licenciado na área em que o residente está estudando e ter experiência mínima de dois anos na educação básica; o residente, protagonista deste programa e precisa estar devidamente matriculado nas IES (BRASIL, 2018).

O programa de Residência Pedagógica é destinado para discentes que estejam matriculados a partir do 5º período dos cursos de licenciatura e desejam realizar atividades de formação em escolas públicas. O PRP tem duração de 18 meses, iniciado em agosto de 2018 e finalizando em janeiro de 2020. Os discentes que optam por realizar a Residência Pedagógica podem dispensar duas disciplinas de estágios supervisionados oferecidas nas IES. No decorrer do PRP o aluno desenvolverá 440 horas de atividades, conforme o Quadro 1.

QUADRO 1. Cronograma Institucional do PRP

Cronograma Residência Pedagógica																	
2018				2019								2020					
AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA																	
Preparação do aluno para participação no programa		60 horas na escola			320 horas								20h		40h		
Formação do Supervisor		Orientação conjunta (coordenador - supervisor) ambientação do residente na escola e preparação do Plano de Atividade da Residências			Imersão na escola Contendo o mínimo de 100 horas de regência de classe								Relatório Final		Avaliação e Socialização		

Fonte: Capes (2018).

Durante o período de imersão, as atividades são distribuídas da seguinte forma: 60 horas destinadas à formação dos preceptores, ambientação dos residentes nas escolas-campo e preparação dos residentes para o desenvolvimento das suas atividades. A imersão tem uma carga de 320 horas, sendo esta dividida em 100 horas para as regências, incluindo o planejamento e execução de, pelo menos, uma intervenção pedagógica, e 220 horas de gestão de sala de aula, sequências didáticas, planejamento, execução de atividades, projetos de ensino e atividades que possam avaliar os alunos da escola. Para finalizar a imersão, 60 horas são destinadas à elaboração de relatório final, avaliação e socialização de atividades (CAPES, 2018).

Segundo a Capes (2018), é essencial que o residente desenvolva suas atividades na mesma escola durante o período do PRP em dias consecutivos, e que esteja sempre orientado e acompanhado pelo docente orientador e professor preceptor. Estes devem estimular os residentes a buscar conhecimento através do contexto e cultura da escola, conhecer os alunos da escola-campo e as relações entre eles, além de experimentar novas metodologias de ensino através das aulas observadas, vivenciar e praticar regências desenvolvendo intervenções pedagógicas planejadas com o preceptor. Durante a imersão, o residente deve vivenciar e compreender os processos de gestão do sistema de ensino da escola e da sala de aula, permitindo que a imersão seja planejada e sistematizada para que o residente vivencie e experimente situações concretas que acontecem no cotidiano escolar e na sala de aula, possibilitando que, após essa imersão, o residente reflita e faça articulações entre a teoria e a prática.

Estamos vivenciando um momento que aponta mudanças e implementação da “residência”, pensada para a educação como uma possível política pública para a melhoria do sistema educativo e a formação de professores iniciantes. Acreditamos

que a RD se apresente como uma estratégia pedagógica entre a formação inicial, a inserção na carreira e formação continuada. Cada fase da formação docente tem um papel crucial para o desenvolvimento da profissionalidade deste professor, e tais fases estão interligadas, uma complementando a outra. A inserção na carreira e a residência docente devem, portanto, ocorrer simultaneamente, evitando que o docente iniciante se depare com situações inerentes à prática para as quais ele ainda não está preparado, o que pode diminuir os casos de desistência da carreira.

Cada programa apresentado neste trabalho tem suas particularidades, atendendo a um público diferenciado, como professores no início de carreira, estágios ou iniciantes, e residência nos estágios. O programa Residência Docente nas Ciências inspirou-se no modelo da Unifesp, que atende aos alunos durante a graduação, realizando seus estágios supervisionados no modelo de Residência.

Propomos, no próximo capítulo, descrever o Programa de Extensão Residência Docente nas Ciências, vinculado ao Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, partindo das suas origens, constituição e os impactos iniciais sobre os professores em formação.

Referências

ARAÚJO, P. R. D. *Residência Docente*. Brasília: Faculdade de Educação, 2016.

BRASIL, Senado Federal. *Projeto de Lei Nº 227, de 2007*. Acrescenta dispositivos à Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para instituir a residência educacional a professores da educação básica. Disponível em: <http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/80855>. Acesso em: 24 maio 2018.

_____. Senado Federal. *Projeto de Lei No 284, de 2012*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para instituir a residência pedagógica para os professores da educação básica. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/106800>. Acesso em: 24 maio 2018.

_____. CAPES. *Portaria no 206 de 21 de outubro de 2011*. Dispõem sobre a execução do programa Residência Docente no Colégio Pedro II. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/comunicados/2011/27-10>. Acesso em: 25 maio 2018.

_____. CAPES. *Edital capes n° 06/2018*. Chamada Pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/editais/01032018-Edital-6-2018-Residencia-pedagogica.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2018.

FILHO, J. C. P. *O Programa Residência Educacional da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2015.

GOMES, M. O. *Residência Educacional*. São Paulo: Unesp, 2015.

RICCI, C. S. *Juntar Saber com Saber: reflexões sobre o programa residência docente. Atos de pesquisas em Educação*, Blumenau, 2015.

SANT'ANNA, N. F. P.; MATTOS, F. R. P.; COSTA, C. S. Formação continuada de professores: a experiência do programa residência docente no colégio Pedro II. *Educação em Revistas*, Belo Horizonte, 2015.

SÃO PAULO. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Documento de orientações básicas para o estágio supervisionado*. São Paulo, 2014.

SILVESTRE, M. A. *Práticas inovadoras na formação de professores*. Campinas, SP: Papirus, 2016.

UNIFESP. *Plano pedagógico do curso de Pedagogia*. São Paulo, 2017. Disponível em: https://www3.unifesp.br/prograd/app/cursos/index.php/prograd/arq_projeto/937. Acesso em: 07 jun. 2018.

PROGRAMA DE EXTENSÃO RESIDÊNCIA DOCENTE NAS CIÊNCIAS: ORIGENS E CONSTITUIÇÃO

Fredson Murilo da Silva¹

Claudison Vieira de Albuquerque²

Marcos Alexandre de Melo Barros³

Raab Albuquerque dos Santos Gomes⁴

Maria Dalvaneide de Oliveira Araújo⁵

Este capítulo é um recorte da dissertação de mestrado que analisa os impactos do Programa de Extensão Residência Docente nas Ciências (ReDEC) na construção da profissionalidade docente entre os Licenciandos em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco.

A ReDEC é um programa vinculado ao Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Educação da UFPE, em parceria com a Secretaria de Educação de Feira Nova (PE), que fomenta e valoriza o aperfeiçoamento na formação dos docentes para a Educação Básica. O enfoque deste texto é investigar a execução do programa na formação docente, bem como examinar

1 Coordenador da Residência Docente nas Ciências – ReDEC.

2 Secretário de Educação de Feira Nova.

3 Consultor da Residência nas Ciências – ReDEC.

4 Consultor da Residência nas Ciências – ReDEC.

5 Consultora da Residência nas Ciências – ReDEC.

como está sendo coordenada a formação inicial dos professores. Buscou-se descrever a ReDEC e apresentar os dados de execução do programa no período entre 2017 a 2019, de forma a ilustrar os benefícios do Programa.

Como fonte de pesquisa foram utilizados os estudos de Carvalho, Tardif, Abrucio e Pimenta, a partir da análise documental do edital ReDEC 01/2018, dos relatórios produzidos pelos residentes (2017/2018), dos projetos anuais do programa e dos projetos cadastrados via Sistema de Informação e Gestão de Projetos SIGProj (2017-2019).

Os resultados expostos apresentam uma política pública organizada, que aprecia e fortalece a formação de professores e traz desenvolvimento em relação à particularidade nas escolas de ensino público, integrando as escolas e a universidade, propiciando melhorias na formação inicial dos licenciandos e permitindo a formação continuada dos professores das escolas públicas.

A questão da formação docente é antiga e ao mesmo tempo atual, e as pesquisas mostram a necessidade da continuidade de investigações nessa área, bem como da busca de políticas educacionais e de práticas consistentes para amenizar os problemas contemporâneos. A formação dos professores vem sendo debatida há décadas em seminários, congressos, cursos e em outros eventos, sendo questionada qual a formação necessária ou ideal para se formar um professor. Essas discussões trazem a preocupação de como está a qualidade da formação inicial dos professores, principalmente em relação às limitações na construção da sua profissionalidade.

Pesquisadores (CARVALHO, 2017; PIMENTA, 2012; SCALABRIN; MOLINARI, 2013; KRASILCHIK, 2008; ALMEIDA; PIMENTA, 2014) argumentam que o estágio ainda é um dos fatores mais importantes na formação docente, uma vez que sua finalidade é aproximar os futuros professores à realidade onde atuarão. Porém, no con-

texto real, Araújo (2016) pontua que os estágios supervisionados não são suficientes para que os professores em formação possam articular a teoria e a prática. São vários aspectos que precisam ser levados em consideração, desde o currículo das licenciaturas até as disciplinas que estão sendo trabalhadas, no sentido de articular a teoria com a prática antes mesmo dos estágios.

De acordo com Abrucio (2016), a formação inicial dos professores é precária e insuficiente para dar subsídios que sustentem práticas de ensino mais efetivas. Diante desses dados, os professores iniciantes deveriam passar por um processo de profissionalização antes de assumir uma sala de aula como docente, e isso é possível através de atividades práticas como a Residência Docente.

Ainda se sabe e se discute pouco sobre o modelo de Residência Docente nas instituições brasileiras de ensino. Esse modelo de ensino e aprendizagem em forma de residência vem se tornando cada vez mais forte nas universidades, sempre fazendo ligação direta com as escolas da educação básica. Poucos artigos nos dão embasamento para um modelo de formação de professores relativamente novo e que ainda enfrenta a resistência de professores universitários, pesquisadores e até mesmo dos alunos, que defendem os estágios supervisionados como o melhor caminho para que o licenciando se aproprie de fato da rotina e do funcionamento de uma instituição de educação básica.

Vários autores (SILVESTRE; VALENTE, 2014; RICCI, 2015; GOMES, 2015; SILVA, 2015; SANT'ANNA, 2015; ABRUCIO, 2016; ARAÚJO; CURADO SILVA, 2016; LEAL, 2016; ARAÚJO, 2016; SILVESTRE, 2016; SILVA; BARROS, 2018) identificaram os principais modelos de Residência Pedagógica instituídos no Brasil desde 2007, assim como os marcos legais que norteiam esse modelo em nosso país, permitindo diminuir o espaço que existe

entre a formação inicial e a entrada do professor efetivamente em serviço.

Esses modelos estão sendo desenvolvidos em várias Universidades, Colégios, Secretarias de Educação, Ministério da Educação e Institutos como: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal de São Paulo (Unifesp); Colégio Pedro II (CPII); Colégio Visconde de Porto Seguro (CVPS); Secretaria de Educação de São Paulo; Ministério da Educação (MEC) e o Instituto CO.LETIVO, que promoveram a criação de programas institucionais de Residência Pedagógica com o objetivo de propiciar a articulação entre a teoria e a prática, estimulando a docência e proporcionado a esses professores iniciantes uma imersão para vivenciar as salas de aulas das escolas públicas e privadas antes e após a sua formação, contribuindo, assim, com sua profissionalidade docente (RICCI, 2015; UNIFESP, 2017; SANT' ANNA, 2015; FILHO, 2015; BRASIL, 2018).

Dentre os vários programas com esse objetivo no Brasil, há o Programa de Extensão Residência Docente nas Ciências (ReDEC), vinculado ao Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco como política pública para a formação inicial de professores. A ReDEC contribui na formação docente inicial, diminuindo o abismo que há entre a academia e a sala de aula, atuando na formação continuada de professores da rede municipal de ensino e contribuindo para a melhoria na qualidade da Educação (SILVA; BARROS, 2018).

A partir desse viés, esta investigação traz como problematização a importância da prática na formação docente. O enfoque do presente trabalho é relatar a importância do programa de extensão ReDEC na formação docente, bem como investigar como está sendo dirigida a formação inicial dos professores. Buscamos descrever o Programa Residência Docente nas Ciências e apre-

sentar suas impressões na formação docente inicial. Nessa perspectiva, será realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, a fim de descrever a importância da prática na formação dos professores iniciantes e investigar se a ReDEC pode ser aplicada como uma estratégia pedagógica na formação docente inicial.

Formação docente

Para Abrucio (2016), o que mais se encontra na literatura sobre a formação de professores nas últimas três décadas são temas que explanam que os docentes não têm tido uma formação inicial apropriada para dar conta do processo de ensino e aprendizagem. Quando analisamos como a prática está inserida nos cursos de licenciatura, fica evidente a falta da inserção do que se aprendeu na teoria. É importante compreender que o processo da formação docente deve ser construído processualmente, isto é, durante todo o percurso da sua formação. A partir desse princípio, podemos dizer que essa formação necessita tanto das teorias quanto das práticas.

Quando nos reportamos ao Ensino de Ciências, Carvalho e Gil-Perez (2011) ratificam que a formação dos professores de Ciências é um processo abrangente que nunca está concluído, sendo estes carentes de uma formação adequada. Para os autores, a formação dos professores proposta pela instituição de curso superior de Ciências e Biologia ainda apresenta grandes lacunas nas quais os departamentos de Ciências ficam responsáveis pela parte científica do curso, e a parte da docência é de responsabilidade do Departamento de Educação. A ciência é ensinada, basicamente, por transmissão dos conhecimentos científicos já elaborados previamente, como “receitas de bolo” ou manuais, não contribuindo para a prática da docência (CARVALHO; GIL-PEREZ, 2011).

Para Pimenta (2004), o exercício da profissão se dá através da prática; o professor também necessita desenvolver habilidades específicas para operar os instrumentos próprios de seu fazer, assim como um médico ou um dentista. No entanto, a teoria não é suficiente para solucionar os problemas que o professor enfrentará. Nessa perspectiva, o professor precisa dominar tanto a teoria quanto a prática, que, por sua vez, são tratadas isoladamente, gerando equívocos graves nos processos de formação docente. “A prática pela prática sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática” (PIMENTA, 2004. p. 9).

Nessa mesma direção, Abrucio (2016) afirma que a falta de sintonia entre a formação superior e a prática nas escolas enfraquece a construção do ofício docente. A prática profissional do docente não é uma simples aplicação de teorias, e sim um espaço de produção de saberes e experiências para o seu crescimento profissional e sua autonomia. Além disso, o aprendizado é muito mais eficaz quando é conquistado através da prática, pois o conhecimento é apreendido com muito mais eficácia. Na efetiva prática de sala de aula é possível compreender vários conceitos que anteriormente foram ensinados apenas na teoria.

Em sua obra, Tardif (2002) afirma que os professores em formação necessitam de alguns saberes para desempenhar sua profissão, e esses saberes são essenciais para aplicarem em seu cotidiano. É relevante que os professores compreendam alguns conhecimentos específicos, especialmente em relação às disciplinas, currículo e conteúdos, e isso se dá por meio de vivências da prática docente.

A esse respeito, Libâneo (2001, p. 192) afirma que “desde o ingresso dos alunos no curso, é preciso integrar os conteúdos das disciplinas em situações da prática que coloquem problemas aos

futuros professores e lhes possibilitem experimentar soluções, com a ajuda da teoria”. Pensando em articular teoria e prática, o Ministério da Educação (MEC) lança a Política Nacional de Formação de Professores com a Residência Docente.

Residência Docente nas Ciências

O Programa de Extensão Residência Docente nas Ciências (ReDEC) foi implementado conforme o edital 2017 de fluxo contínuo através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – PROExC, por meio do Sistema de Informação e Gestão de Projetos (SIGProj), vinculado ao Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da Universidade Federal de Pernambuco e em parceria com a Secretaria de Educação de Feira Nova (PE).

De acordo com o relatório da coordenação 2017-2019, a ideia de lançar a ReDEC partiu da iniciativa do professor Dr. Marcos Alexandre de Melo Barros com seu orientando de mestrado, Fredson Murilo da Silva. O projeto foi inspirado no programa de Residência Pedagógica da Unifesp, cujo objetivo é que os alunos vivenciem o ambiente escolar ainda no período da graduação. Isso se deu após observarem a insegurança dos licenciandos para assumirem uma sala de aula, mesmo já tendo cursado três disciplinas de Estágios Supervisionados.

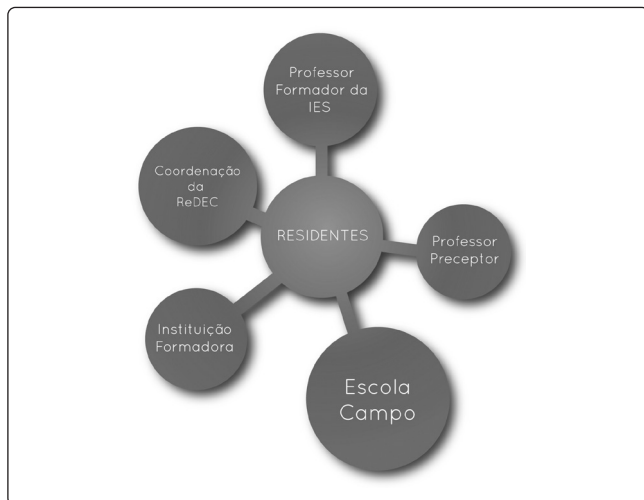
Conforme Silva e Barros (2018), o programa teve como objetivo inicial promover a formação continuada de professores que atuam na rede municipal de ensino de Feira Nova, contribuindo com a interação pedagógica, o aprofundamento teórico e trazendo práticas inovadoras para a promoção de um ensino público, além de servir como um curso preparatório para atender aos licenciandos dos estágios em ensino de Biologia da UFPE, integrando teoria e prática e rompendo com a barreira entre a universidade e as escolas públicas.

O programa é voltado para a atuação da prática na área de Ciências nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Em 2017, dezoito residentes foram imergidos em quatro escolas por uma semana (40 horas) em tempo ininterrupto.

Durante esse período, esses residentes desenvolveram atividades que consistem em: imersão na Secretaria de Educação do município, atuando com o secretário e diretora de ensino; contextualização e gestão compartilhada, em que os residentes atuam junto com professores e gestores; regências nas aulas de ciências, mentoreados pelo coordenador da ReDEC e pelo preceptor da escola-campo, desenvolvendo atividades do cotidiano escolar e relacionando a prática com a teoria estudada na universidade.

Na visão dos coordenadores, a ReDEC foi desenhada (Figura 1) como uma ação para o conhecimento da prática docente, na qual o residente é o centro da ação. O principal objetivo da

FIGURA 1. Desenho do Programa ReDEC



Fonte: Os autores (2020).

ReDEC é preparar os licenciandos para assumirem suas salas de aula, por meio da socialização do saber entre discentes e docentes da Educação Básica, coordenação da ReDEC e professor da Instituição de Ensino Superior.

Essa parceria inovadora entre a ReDEC e a Secretaria de Educação de Feira Nova contribuiu com a formação inicial e continuada de professores. Ao viver essas experiências, o programa participou da seleção promovida pela Escola de Inovação e Políticas Públicas (Fundaj). Entre os quase setenta projetos inscritos, foi premiado como o programa mais inovador em Políticas Públicas de Pernambuco, sendo o pioneiro em Ensino de Ciências e recebendo 100.000 reais para investir em sua execução (SILVA; BARROS, 2018).

De acordo com o projeto da coordenação (2018), com o fortalecimento do programa buscou-se a continuidade dentro das Políticas Educacionais. O primeiro edital foi constituído em 2018 para a seleção de 12 residentes bolsistas para integrar o novo formato do programa e seus subprojetos, que uniram a formação em serviço, o uso de metodologias ativas em sala e um sistema holístico de profissionalização mais complexo e mais rico para os licenciandos que estão em processo de formação profissional. Esse tripé é construído através da imersão total da equipe nas práticas da escola, permitindo um maior conhecimento e entendimento de toda a comunidade escolar.

O programa teve embasamento teórico nas coreografias didáticas desenvolvidas por Zabalza (2015). O autor destaca a importância de oferecer, através da prática em sala, condições que permitam aos professores acompanhar as transformações na estrutura escolar de forma criativa e inovadora. As coreografias se colocam como uma possibilidade que os docentes têm de estruturar o cenário de aprendizagem, buscando proporcionar construções cada vez mais significativas para os estudantes.

Conforme os Relatórios dos Residentes (2018), o programa passou a integrar um grupo de licenciandos voluntários matriculados nas disciplinas de estágios supervisionados por um período de 80 horas por semestre atuando na área de Ciências nos Anos Finais do Ensino Fundamental, enquanto o grupo dos bolsistas (10 licenciados de Ciências biológicas e 2 de Ciências Sociais) passou 440 horas anuais atuando nas dez escolas do município de Feira Nova de forma interdisciplinar, criando-se a metodologia Vivências Formativas, que se constituiu com a finalidade de promover formações em serviço para professores e formações para os alunos da escola-campo, ao mesmo tempo em que forma os residentes. Além das vivências em escolas públicas, os residentes foram imersos no Colégio Souza Leão de Candeias (rede particular de ensino) para compreender a prática docente em dois contextos diferentes.

Os Estudos de Silvestre e Valente (2014) vão de encontro aos princípios da ReDEC, pelo potencial da imersão em tempo contínuo e ininterrupto, nos quais os licenciandos têm a oportunidade de conhecer com mais profundidade o contexto em que ocorre a docência, identificando e reconhecendo os aspectos da cultura escolar; acompanhando e analisando os processos de aprendizagem pelos quais passam os alunos, e levantando características da organização do trabalho pedagógicos do professor preceptor e da escola (SILVESTRE; VALENTE, 2014).

De acordo com o espelho do programa (Quadro 1), organizado através dos relatórios dos residentes e projetos anuais, no ano de 2019 houve um impacto significativo na estrutura e na metodologia do programa, que vem inovando a cada ano, elevando a qualificação na prática docente. Houve um crescimento significativo na quantidade de residentes atendidos pelo programa, nas bolsas e nos projetos desenvolvidos. Segundo os coorde-

nadores, a cada ano a procura pela formação na residência tem aumentado não só por parte dos alunos da UFPE, como também de outras instituições públicas e privadas.

QUADRO 1. Espelho do Programa

Espelho da ReDEC 2017 - 2019

	Residentes Imersos (carga horária)	Bolsas	Projetos desenvolvidos da <i>ReDEC</i>
2017	18 Residentes 40 horas (Semestral)	Voluntários	Formação dos Residentes Formação Continuada de Professores da Educação Básica Criação do Evento Científico Vivências em Ensino de Ciências
2018	12 Residentes 80 horas (Semestral) 12 Residentes 440 horas (Anual)	Voluntários R\$ 450,00 (Mensal)	Formação dos Residentes Formação Docente Curso de Formação para Gestores Fórum de Gestores Projeto ReDEC Vivências Formativas
2019	10 Residentes 320 horas (Anual) 4 Residentes Masters 432 horas (Anual)	R\$ 400,00 (Mensal) R\$ 900,00 (Mensal)	Projetos em desenvolvimento
			Escola do Futuro: Investigando Feira Nova Imersão Discente: Vivenciando o campus para atingir a mudança institucional. Vivências Formativas Feira Cultural: Espaço para estreitar vínculos. Formação docente: Um novo modelo para formar professores Núcleo de Formação Docente Criação da Sala de Cultura Maker

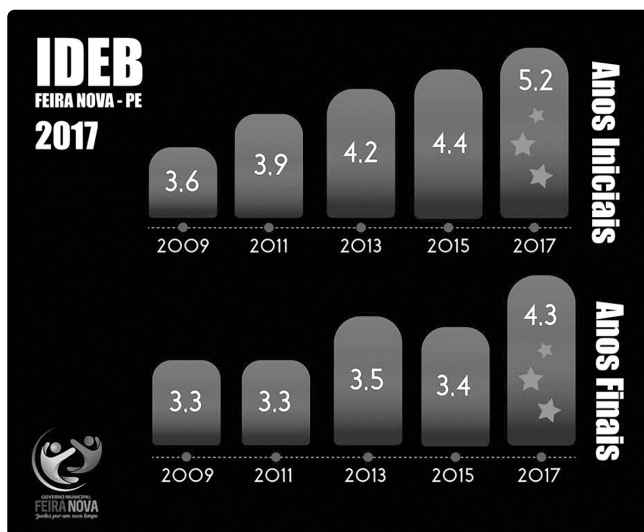
Fonte: Os autores (2020).

Os impactos da ReDEC na formação dos professores

A coordenação acompanha o desenvolvimento do programa realizando visitas técnicas à Secretaria de Educação, às escolas-campo participantes do programa e por meio de entrevistas, questionários, grupo focais, levantamentos de dados com os residentes e professores, além das avaliações externas relacionadas ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e dos relatórios da coordenação enviado ao SIGProj.

Um fator de impacto foi em relação às provas externas (IDEB) de 2017: pela primeira vez na série histórica dessa avaliação, o município de Feira Nova, após aderir à cultura de formação continuada por meio da ReDEC, ultrapassou a casa dos 5,0 pontos para os Anos Iniciais e a dos 4,0 pontos para os Anos Finais (Figura 2). Já foram alcançadas em 2017 as metas estabelecidas para 2021 (Anos Iniciais) e 2019 (Anos Finais).

FIGURA 2. IDEB 2017 – Feira Nova (PE)



Fonte: Secretaria de Educação de Feira Nova (2017).

Esses resultados levaram o município à frente de grandes municípios do Estado de Pernambuco, incluindo a Capital e Região Metropolitana do Recife.

Na visão dos gestores escolares houve um impacto significativo em nível municipal nos ambientes escolares, pelo fato de a ReDEC elevar a qualificação da formação dos professores e por ser uma política pública pertinente para a formação continuada do município de Feira Nova e também para a formação inicial nos cursos de licenciatura.

Os relatórios dos residentes (2017-2018) revelam que muitos dos licenciandos que entraram no programa com medo de assumir uma sala de aula, não sabendo preparar um plano de atividade ou compreender o cotidiano escolar, egressam da ReDEC com uma nova visão sobre a docência. Alguns deles começaram a atuar em escolas públicas e privadas ainda no processo de aprendizado, pois já estavam familiarizados com o ambiente escolar, o que facilitou muito a interação no espaço refletindo na sua prática docente.

Os residentes enfatizam a diferença que há entre a residência e os estágios supervisionados, nos quais o conhecimento é reduzido e as orientações para a prática docente são poucas ou inexistentes, limitando-se à observação ou a setores de âmbito administrativo. O programa ReDEC possibilita o elo entre a teoria e a prática. Esse espaço promovido pelo programa se relaciona com o que Sant'Anna et al. (2015) definem como terceiro espaço, um lócus de construção de conhecimento para o discente no qual o período de imersão oportuniza vivências e práticas de experimentação, de observação-participativa, trazendo novos olhares sobre as atividades de ensinar e de aprender e possibilitando uma construção de saberes docentes através de exposição a novas teorias e práticas.

A participação dos residentes no ambiente escolar tem impactado os professores pelas novas metodologias que eles aprendem na universidade e utilizam nas suas regências. Essas metodologias têm potencializado a utilização de vários espaços da escola, a exemplo de sala multimídia, biblioteca, espaço esportivo ou externo, provocando os docentes a utilizarem esses mesmos espaços para aulas diversificadas. Foi perceptível, pelos relatórios dos residentes (2017-2018), que esse impacto gerou desconforto nos professores que estão há mais de 15 anos em sala de aula trabalhando de forma tradicional.

A ReDEC é um princípio para uma boa qualificação profissional. Metodologicamente falando, como estratégia pedagógica ela relaciona a teoria e a prática, enriquecendo o currículo e tornando a formação docente inicial mais sólida. Além disso, promove a aproximação do residente com o ambiente escolar, incentivando a inovação, a pesquisa, a comunicação e a escrita dos licenciandos.

A formação docente – concebida como prática pedagógica –, alicerçada em ações e projetos construídos no contexto das necessidades do licenciando e das escolas públicas, tem na ReDEC a oportunidade de aproximar a escola pública da universidade a partir da participação ativa dos diferentes segmentos: alunos/licenciandos/preceptor/professor formador.

Perante o cenário educacional atual, a forma como a prática pedagógica está sendo administrada na formação docente inicial se torna insuficiente e fragmentada. Tardif (2002) especifica que a docência é uma técnica que se desenvolve permanentemente, unindo a prática com a reflexão teorizada.

Para Carvalho (2011), várias atitudes na formação do professor em relação entre a teoria e a prática, entre o “saber” e o “saber fazer” devem ser direcionadas, e assim o professor não só terá

condições de analisar criticamente o ensino tradicional, mas também de obter experiências para conduzir atividades inovadoras.

Um dos temas centrais que tem se destacado na literatura é o que reforça o ofício do professor desde sua formação até a sua prática. Essa integração ocorre por meio do que se aprende no ensino superior e o que se efetiva nas escolas. Para Abrucio (2016, p. 26), a “atuação prática desde o momento formativo aparece em muitos estudos como essencial para formação inicial, além de tornar a formação um processo contínuo ao longo da carreira.”

O Programa Residência Docente nas Ciências tem como princípio pedagógico uma formação moderada nos saberes prévios da docência, nos conhecimentos teórico-práticos e nos saberes da pesquisa acadêmica, articulando a formação docente, universidade e escola, docentes e discentes. A ReDEC apresenta semelhanças com o Programa de Residência Pedagógica do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São Paulo, onde os licenciandos realizam a residência no período da graduação. Além do processo de articulação entre a formação inicial e continuada, o programa oferece ações de formações para os gestores e docentes das escolas participantes, de acordo com as possibilidades da universidade e as necessidades apresentadas pelo corpo escolar (UNIFESP, 2017).

A ReDEC tem contribuído para o campo universitário e para a comunidade escolar feiranovense. Os residentes têm despertado nos seus professores preceptores a vontade da utilização de novas metodologias em sala de aula, além de estimulá-los a utilizar muitos espaços esquecidos na escola, como: sala multimídia, biblioteca, espaços esportivos e áreas externas da escola. O programa, por meio das suas ações, projetos e resultados, influenciou os resultados do IDEB nas escolas participantes, levando o município a bater as metas para 2019 e 2021.

O programa permite que o residente vivencie na prática os problemas emergentes do cotidiano escolar, não sendo um mero observador, e sim um protagonista atuante na prática e na sua formação. A ReDEC possui três vieses, o ensino, a pesquisa e a extensão, possibilitando pesquisas voltadas para a educação e a formação de professores e permitindo refletir sobre o currículo dos cursos de licenciaturas proporcionando melhorias na qualidade do ensino.

Referências

ABRUCIO, F. L. *Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança*. São Paulo: Moderna, 2016.

ALMEIDA, M. I.; PIMENTA, S. G. *Estágios Supervisionados na Formação Docente*. São Paulo: Cortez, 2014.

ARAÚJO, P. R. D. *Residência Docente*. Brasília: Faculdade de Educação, 2016.

ARAÚJO, M. D. O; BARROS, G. C. F; BARROS, M. A. M. A construção da identidade docente do licenciando em ciências biológicas em início de carreira. *Revista Insignare Scientia*. Ago.2018.

ARAÚJO, P. R. D.; CURADO SILVA, K.A.P.C.R. Residência na docência: uma construção necessária? In: *V Congresso Internacional sobre el Profesorado Principiante y la Inducción a la docencia*. República Dominicana, 2016.

BRASIL. *Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015*, Diário Oficial da União. Brasil, 2015.

_____. Senado Federal. *Projeto de Lei No 284, de 2012*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para instituir a residência pedagógica para os professores da educação básica. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/106800>. Acesso em: 24 maio 2018.

CARVALHO, A. M. P. *Os Estágios nos cursos de licenciatura*. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

FILHO, J. C. P. *O Programa Residência Educacional da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo*. São Paulo: Unesp, 2015.

- LEAL, C. C. N. *Residência pedagógica: representações sociais de formação continuada*. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2016.
- LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001.
- GOMES, M. O. *Residência Educacional*. São Paulo: Unesp, 2015.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. ,Lucena. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2004.
- PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- SANT'ANNA, N. F. P.; MATTOS, F. R. P.; COSTA, C. S. Formação continuada de professores: a experiência do programa residência docente no colégio Pedro II. *Educação em Revistas*, Belo Horizonte, 2015.
- SCALABRIN, I. C.; MOLINARI, A. M. C. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. v. 7. Araras. *Unar*, 2013.
- SILVA, K. G. *Residência Pedagógica: uma alternativa possível na formação inicial de professores de Ciências e Biologia na UFPR? Paraná*, 2015.
- SILVA, F. M.; BARROS, M. A. M.; Residência Docente em Ensino de Ciências: um projeto de extensão inovador. In: *VI Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco*. Recife, 2018.
- SILVESTRE, M. A.; VALENTE, W. R. *Professores em residência pedagógica: Estágio para ensinar matemática*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- RICCI, C. S. Juntar Saber com Saber: reflexões sobre o programa residência docente.. *Atos de pesquisas em Educação*, Blumenau, 2015.
- TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002. UNIFESP. Plano pedagógico do curso de Pedagogia. São Paulo, 2017. Disponível em: https://www3.unifesp.br/prograd/app/cursos/index.php/prograd/arq_projeto/937. Acesso em: 07 jun. 2018.
- ZABALZA, M. A. *O Estágio e as Práticas em Contextos Profissionais na Formação Universitária*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

COREOGRAFIAS DIDÁTICAS

Marcos Alexandre de Melo Barros¹

Os estudos sobre coreografias didáticas foram iniciados em 1990 por pesquisadores da Universidade de Fribourg (Suíça), tendo Fritz K. Oser e Franz Baeriswyl como principais teóricos, que, após dez anos de investigação, publicaram o artigo *Choreographies of Teaching: Bridging Instruction to Learning*, na quarta edição do livro *Handbook of Research of Teaching*.

A adoção do termo “coreografia” deriva de uma analogia entre os processos de ensino e aprendizagem e um espetáculo de dança. Os autores dessa teoria relacionam o mundo da arte e da dança com o ensino e a aprendizagem como coreografias didáticas. Nessa perspectiva, os professores atuam como coreógrafos dos contextos de aprendizagem, organizando coreografias que orientam da melhor forma possível o processo de aprendizagem dos estudantes. Essas coreografias podem ser reais e estar situadas em espaços concretos, assim como podem ser virtuais. As coreografias são definidas como repertórios de ação e interação para professores e alunos (ZABALZA, 2006; OSER, BAERISWYE, 2001; BAERISWYE, 2008).

Oser e Baeriswye (2001) propõem uma nova abordagem, denominada de Coreografias de Ensino, que coaduna com a ideia

1 Consultor da Residência Docente nas Ciências – ReDEC.

de que um modelo de ensino deve ser concebido a partir de diferentes níveis, contextos, formas de aprendizagem e conteúdos de controles.

Na coreografia didática se distinguem dois aspectos a partir de Baeriswye (2008): a estrutura visível, ou visão estruturada de uma lição, e a estrutura não visível, também chamada de construtiva. A estrutura visível cria condições para as atividades concretas dos alunos, enquanto a não visível está relacionada com o interior, focando o processo de aprendizagem em si ou nas operações mentais (modelo base). Sendo assim, a coreografia de ensino é formada tanto pelo planejamento e o processamento de ensino (estrutura visível), quanto pelo planejamento, somado ao processo de aprendizagem (modelo-base) na sala de aula.

Oser e Baeriswye (2001) definem planejamento como uma organização estruturada na forma de ação com antecedência (planos de ensino) em que os modelos mentais dos alunos podem estimular operações cognitivas. Afirmam que qualquer planejamento deverá ser norteado por tarefas, aspectos situacionais, ética cultural, elementos motivacionais e cognitivos.

As coreografias de ensino são fortalecidas por quatro pressupostos principais que favorecem a base para a preparação de uma aula, além de explicarem o que ocorre, simultaneamente, no processo de ensino e aprendizagem. Esses pressupostos descrevem aspectos importantes que são necessários para que os alunos compreendam como se processa a aprendizagem.

O primeiro pressuposto compreende o construtivismo, que apresenta a influência dos professores no processo de ensino-aprendizagem quando projetam nas suas atividades estilos motivacionais das mentes dos seus alunos, seus conhecimentos prévios e as restrições do desenvolvimento. O segundo pressuposto está relacionado à teoria piagetiana da aprendizagem, de-

monstrada quando os professores respeitam as operações mentais e os atos internos dos alunos enquanto estão aprendendo. O terceiro pressuposto se refere à medição. Nessa concepção, para que uma coreografia – entendida como roteiros de instrução ou planos – obtenha sucesso, é essencial mensurar o desempenho final, assim como a facilidade e a segurança da compreensão pelos envolvidos. O quarto pressuposto se refere à distinção entre o ensino ideal (ensino especialista) e o ensino não especialista. O ensino ideal define as condições para que os estudantes atuem de forma eficaz, e o não especialista leva em conta os obstáculos como perda de controle, foco desviado e incapacidade de construir conhecimento num prazo determinado.

Para os autores, um bom ensino influencia os alunos a estarem mais motivados para aprender, direcionando um estilo adequado de aprendizagem que possibilita a construção de conhecimento, bem como a resolução de problemas e outras operações mentais. É essencial que os alunos ensaiem, façam as lições de casa e possuam um alto nível de responsabilidade e de autocompreensão relacionadas com sua própria aprendizagem.

Zabalza (2006) argumenta que os professores deverão propor contextos de aprendizagem para garanti-la em sala de aula. Muitos docentes terminam criando coreografias minimalistas e pouco eficazes.

A proposta de ensino baseada no modelo de coreografias parte do pressuposto de que os professores estabelecem hipóteses sobre seus procedimentos, levando em consideração as atividades internas dos alunos através dos vários passos realizados numa estratégia didática. Nesse caso, os professores seguem caminhos que pressupõem as ações que conduzirão a uma atividade construtiva por parte dos alunos. Para os teóricos, quando os professores ensinam, eles geram hipóteses sobre a relação entre

antecipação-processo, processo-processo e processo-produto. Com isso, eles desenvolvem estratégias que podem efetivar processos de aprendizagem construtivos nos alunos.

Níveis das coreografias didáticas

As coreografias didáticas apresentam quatro níveis: Antecipação, Processo I, (também chamado componente visível da coreografia), Processo II (denominado componente não visível da coreografia) e, por fim, Produto.

1. Antecipação: compreende um componente não visível da coreografia, constituindo a primeira competência do professor ao idealizar uma estratégia de ensino. Nessa etapa, o conteúdo é estruturado e simplificado para identificar uma clara estratégia de aprendizagem, passo a passo. Nessa fase, o professor é muito focado no conteúdo do que precisa ser ensinado. A antecipação da lição aborda modelos mentais que variam de acordo com o nível de conhecimento do professor. Assim, o professor inicia a estruturação das estratégias de ensino que considera pertinentes para o processo de ensino-aprendizagem.
2. Processo I (Componente Visível da Coreografia): Nessa etapa, o processo visível das ações do professor é o foco. O docente coloca em cena os recursos e as condições para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem. Refere-se à estrutura de planejamento real do professor. Esse nível se relaciona com o primeiro quando se levam em consideração as limitações do ensino, os problemas com motivação, disciplina, número de alunos em uma classe, entre outros. Nesse nível, as estruturas das salas, a forma como os conteúdos são apresentados, as metodologias e

os recursos utilizados são alguns dos elementos que aparecem para serem alcançados os objetivos propostos.

3. Processo II (Componente não visível da Coreografia): também chamado Modelo Base em si, essa etapa foca as operações mentais ou os processos que os alunos executam para alcançar os objetivos da aprendizagem. O ato de aprender está no centro do procedimento do planejamento do professor, sendo esse processo vinculado ao Processo I.
4. Produto: nesse quarto e último nível, a preocupação é com o domínio do conhecimento e com a prática de habilidades.

Referências

BAERISWYL, F. J. New choreographies of teaching in higher education. In: *V Congreso Iberoamericano de Docencia Universitaria*, Espanha, Valência, 2008.

OSER, F. K.; BAERISWYL, F. J. Choreographies of teaching: bridging instruction to teaching. In: RICHARDSON, V. (Editor): *Handbook of research on teaching*. 4. ed. Washington: AREA, 2001.

ZABALZA, M. Uma nova didáctica para o ensino universitário: respondendo ao desafio do espaço europeu de ensino superior. In: *Sessão Solene comemorativa do Dia da Universidade: 95º aniversário da Universidade do Porto*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2006.

LABORATÓRIO DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS (LAPEC): origem, cenários de atuação, perspectivas e conexões com a ReDEC

Rosangela Vidal de Souza Araújo¹

Conexões LAPEC – ReDEC

O Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências vem estreitando relações com a Residência Docente nas Ciências (ReDEC), através das ações de formação docente da ReDEC, além de outras parcerias de caráter acadêmico, como a participação em bancas avaliadoras de qualificação de mestrado e da defesa de dissertação do coordenador da ReDEC em Feira Nova, prof. Fredson Murilo.

As oficinas nas vivências formativas foram realizadas pela prof^a. Rosangela Vidal de Souza Araújo, no ano de 2018, com os temas: “Novas ferramentas tecnológicas e seu potencial para o desenvolvimento na educação” e “O ensino de Ciências e Biologia através de metodologias ativas e inovadoras”.

1 Vice-coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências – LAPEC/UFRPE.

O LAPEC

O ensino de Ciências está diretamente relacionado com a formação docente e discente plena, pois alinha-se ao processo de construção e expansão do conhecimento, que se dá através de descobrir, investigar e criar oportunidades que possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem garantindo, assim, uma educação de qualidade (CAMARGO; BLASZKO; UJIIE, 2015).

Nesse preâmbulo, ressalta-se que, mesmo diante do exacerbado número de pesquisas e estudos que contemplam o Ensino de Ciências nos Anos Iniciais, ainda nos deparamos com algumas defasagens, tais como a falta de formação adequada dos profissionais que atuam nesta área. Frente ao cenário delineado, Lima e Maués (2006, p. 164) afirmam que “é relativamente consensual nessas pesquisas o diagnóstico relativo à baixa qualidade de ensino, quanto à ineficácia das estratégias metodológicas adotadas e, principalmente, sobre o ‘precário’ conhecimento de conteúdo apresentado pelos professores”.

É neste cenário que surge o nosso laboratório. O Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências (LAPEC) foi um projeto idealizado por duas professoras da área de Bioquímica e Biofísica do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Após algum tempo trabalhando com pesquisas na área, muitas delas em parceria com professoras renomadas do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UFRPE, como, por exemplo, a professora Zélia Jófili, e também lecionando em cursos de graduação de licenciatura em Ciências Biológicas da UFRPE, era urgente a necessidade de ter não apenas um espaço físico de trabalho, estudo e pesquisa, mas também de fortalecimento para começar um novo caminho, agora com o grupo de pesquisa em

Ensino de Ciências do departamento devidamente formalizado. Ao pensar nesse grupo de pesquisa, idealizamos um formato em que o LAPEC, além de realizar as pesquisas ligadas a projetos de monografia, dissertações e teses, fosse também local de troca de experiências, debate e ambiente formativo para os professores da UFRPE, através de eventos promovidos pelo nosso laboratório e também da divulgação dos estudos quinzenais, que ocorreriam de acordo com a nossa proposta de laboratório.

Sobre o papel do LAPEC na formação continuada de professores da UFRPE, entendemos ser esta uma atividade que muito tem a oferecer a nossa Universidade, sobretudo ao nosso departamento. O Departamento no qual o LAPEC está fisicamente inserido, Morfologia e Fisiologia Animal, é formado quase exclusivamente por professores de formação técnica. São veterinários, bacharéis em ciências biológicas, farmacêuticos, médicos e engenheiros químicos, e a necessidade de formação continuada, debates acerca de metodologias de ensino, conversas e trocas de experiência sobre avaliação, cognição, e processo de ensino-aprendizagem pode ser verificada através das conversas de corredor, na hora do cafezinho entre os professores. Estava claro que era preciso ter um espaço formal onde professores pudessem estudar e trabalhar suas deficiências enquanto docentes.

Em 31 de agosto de 2018 o laboratório foi inaugurado, com um momento especial na fala da professora Zélia Jófili sobre alguns postulados de Paulo Freire e a educação contemporânea (Figuras 1 e 2).

Neste dia, também foram expostos o cronograma de trabalho do LAPEC, que não deixa de fora os encontros quinzenais para estudos de temáticas sobre ensino de ciências, e o planejamento das publicações e participação em encontros nacionais e internacionais. Além disso, foram feitas orientações, bem como a

FIGURA 1. Apresentação da Profa. Dra. Zélia Jófili na abertura oficial do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências



FIGURA 2. Abertura oficial do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências



Fonte: a autora.

expressão do intuito em iniciar e inserir no calendário da UFRPE um evento formativo anual sobre vários aspectos do processo de ensino-aprendizagem.

Quando o LAPEC foi inaugurado, tanto a professora Janaína Albuquerque como eu, professora Rosangela Vidal, estávamos orientando projetos de pesquisa nas áreas de Ensino de Ciências, alguns ainda vigentes na atualidade, como mostra o Quadro 1, a seguir.

QUADRO 1. Orientações concluídas e em andamento desenvolvidas por estudantes do Laboratório de pesquisa em Ensino de Ciências

Professor	Estudante	Modalidade	Título do projeto
Janaína de Albuquerque Couto	Raíza Nayara de Melo Silva	Mestrado	Uma perspectiva sistêmico-complexa sobre a obesidade: as relações histórica, fisiológica e sociocultural.
Janaína de Albuquerque Couto	Woldney Damiano Silva André	Trabalho de conclusão de curso de graduação	Desenvolvimento, aplicação e validação de uma sequência didática à luz do modelo das múltiplas perspectivas – Pernambuco (MoMuP-PE) para a construção de conceitos bioquímicos.
Janaína de Albuquerque Couto	Jade Porfíria da Silva Lopes	Iniciação científica	Aplicação de uma sequência didática baseada no Modelo das Múltiplas Perspectivas – Pernambuco (MoMuP-PE) no processo de formação de professores de Biologia.
Janaína de Albuquerque Couto	Woldney Damiano Silva André	Iniciação científica	Elaboração e aplicação de uma sequência didática baseada no Modelo das Múltiplas Perspectivas – Pernambuco (MoMuP-PE) para a construção de conceitos bioquímicos.
Janaína de Albuquerque Couto	Risonilta Germano	Estágio docência	-

Professor	Estudante	Modalidade	Título do projeto
Rosângela Vidal de Souza Araújo	Maria Gabriela Silva Carneiro Monteiro.	Trabalho de conclusão de curso de graduação	<i>Blended learning</i> no ensino de bioquímica: uma proposta de sala de aula invertida.
Rosângela Vidal de Souza Araújo	Maria Gabriela Silva Carneiro Monteiro	Iniciação científica	Influência de uma sequência didática na Formação de Conceitos em Metabolismo Energético
Rosângela Vidal de Souza Araújo	Renato Araújo Torres de Melo Moul	Estágio Docência	-
Rosângela Vidal de Souza Araújo	Nathália Fernanda de Morais Melo.	Iniciação científica	As Tecnologias e suas Contribuições na Aprendizagem em Bioquímica Molecular
Rosângela Vidal de Souza Araújo	Paolla Rafaely Barbosa de Oliveira	Iniciação científica	A influência de metodologias inovadoras de ensino na formação de conceitos em metabolismo energético.
Rosângela Vidal de Souza Araújo	Claudeir Dias da Silva Júnior.	Iniciação científica	O papel das Metodologias Inovadoras na Formação de Conceitos complexos/ abstratos em Metabolismo Energético.
Rosângela Vidal de Souza Araújo	Ewerthon Deywid Costa de Queiroz	Iniciação científica	O uso de podcasts e de memes como recurso pedagógico no ensino de temáticas relacionadas à Biologia na disciplina de Bioquímica.
Rosângela Vidal de Souza Araújo	Fausto José de Araújo Muniz.	Mestrado (Coorientação)	Inferências do ensino híbrido sobre construtos da autorregulação da aprendizagem de licenciandos em Ciências Biológicas.
Rosângela Vidal de Souza Araújo	Micaelle Gomes da Silva	Mestrado (Coorientação)	Metodologias Ativas e a formação de professores de Ciências e Biologia.

Fonte: a autora.

Os projetos acima, de uma maneira geral, têm como objetivo trabalhar questões científicas e tecnológicas, para que os orientandos, licenciandos e licenciados em Ciências Biológicas atuem nos seus futuros cenários de forma a conduzir suas aulas para formar cidadãos.

Ensino de ciências

O objetivo do ensino de Ciências Naturais no Ensino Fundamental é proporcionar conhecimentos de natureza científica e tecnológica e desenvolver nos discentes competências que os levem a desenvolver o letramento científico, sabendo utilizar os conteúdos estudados nas diversas situações e contextos da vida.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências Naturais (PCNs) (BRASIL, 1997) o objetivo do ensino de Ciências Naturais no Ensino Fundamental é proporcionar conhecimentos de natureza científica e tecnológica e desenvolver nos discentes competências que os levem a atuar como cidadãos críticos, compreendendo o meio em que vivem. Para isso, os conteúdos devem ter relevância social e cultural, bem como ser apropriados, visando ao desenvolvimento intelectual do aluno, para que ele desenvolva uma compreensão adequada e efetive um bom ensino-aprendizado.

Pesquisas apontam (CAMARGO; BLASZKO; UJIE, 2015) que há ainda alguns professores que não utilizam com frequência os PCNs de Ciências Naturais para preparar suas aulas, e, portanto, desconhecem sua importância, uma vez que esse documento aborda informações precisas para o desenvolvimento de um bom trabalho nas instituições de ensino. Sendo assim, para suprir suas necessidades, o educador deve, além de garantir o conteúdo específico, aproveitar todas as oportunidades de formação, uma

vez que é aprendiz e a todo momento precisa reavaliar e construir seu fazer pedagógico.

Entendendo essa realidade, uma das frentes do LAPEC é o planejamento anual de atividades formativas mensais, entre os membros do grupo de pesquisa, e o encontro formativo anual para a comunidade acadêmica da UFRPE (professores e estudantes dos cursos de licenciatura).

Encontros de Formação Docente

O Primeiro Encontro de Formação Docente do LAPEC, *Um diálogo sobre processos de avaliação, bem-estar docente e metodologias ativas*, ocorreu em 12 de dezembro de 2018, com a duração de um dia, e contou com 72 participantes e 9 estudantes de graduação e mestrados envolvidos na comissão organizadora. Nesse primeiro encontro, as formações foram no formato de palestras e mesa redonda conferidas por profissionais da área com ampla atuação na área de Educação, como mostra o Quadro 2.

QUADRO 2. Programação do I Encontro de Formação Docente do LAPEC, 2018

Profª. Dra. Kátia Cunha	Palestra: Ainda se faz necessário falar em avaliação?	Departamento de Educação da UFPE
Profª. Ms. Dalvaneide Araújo	Palestra: O cuidado de si: condições para o bem-estar docente.	Doutoranda do Programa Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
Profª. Dra. Flávia Vasconcelos	Mesa redonda: metodologias ativas e Inovação na Educação.	Professora da Universidade Federal de Pernambuco
Profª. Dra. Maria Auxiliadora Padilha	Mesa redonda: metodologias ativas e Inovação na Educação.	Departamento de Métodos e Técnicas em Ensino da UFPE.

Fonte: a autora.

As atividades realizadas no I Encontro de Formação docente do LAPEC representaram um momento muito rico e de profundos debates, reflexões entre os palestrantes e o público (Figuras 3 e 4), que, no caso, eram professores da comunidade interna da UFRPE, professores da rede pública de ensino estadual atuando

FIGURA 3. Estagiários do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências



FIGURA 4. Mesa de trabalhos formada pelas Professoras Dalvaneide Araújo e Kátia Cunha no I Encontro de Formação Docente do LAPEC



Fonte: a autora.

na cidade de Recife e estudantes de licenciaturas. Na ocasião, foi pedido que no próximo evento, além de palestras, pudéssemos ofertar momentos de imersão formativa, ou seja, fazer com que os professores ouvintes materializassem o que a ciência confirma, uma vez que se aprende quando colocamos a mão na massa.

As oficinas contribuem para a formação dos professores na medida em que essas atividades pontuais e de curta duração agem, em longo prazo, como espaços de formação contínua. Hoje o professor participa de um encontro, depois vai a outro (PRALON, 2004). Uma oficina pedagógica pode ser considerada um lugar onde se elabora, fabrica ou conserta algo. Comparada aos cursos e mini-cursos, é onde um tema específico é trabalhado de forma rápida, objetiva (PRALON, 2004). É um ambiente onde ocorre uma construção coletiva de saberes, através de trocas de experiências e de debates, segundo Candau, citada por Moita e Andrade (2006). Ou, ainda, um lugar onde se verificam grandes transformações, ocorridas com o próprio sujeito envolvido nas oficinas.

Diante do exposto anteriormente, em relação ao pedido por mais atividades nas quais pudesse se produzir mais concretamente, em detrimento de apenas atividades expositivas, no II Encontro de Formação Docente do LAPEC, tivemos quase um ano para pensar e planejar um encontro em 2019 mais imersivo e que ocorresse em dois dias, em vez de apenas um. E foi assim que se materializou o II Encontro, que ocorreu entre 10 e 11 de outubro de 2019. No primeiro dia foram realizadas duas oficinas formativas pela manhã e duas à tarde. No segundo dia, realizaram-se duas oficinas no primeiro horário da manhã e uma palestra de culminância denominada “Engajamento docente como prática educacional disruptiva na educação superior”. Alguns dos momentos formativos podem ser apreciados nas Figuras 5 e 6.

FIGURA 5. Oficina formativa: Aprendizagem Através do Encantamento, no II Encontro de Formação Docente do LAPEC



FIGURA 6. *Minute paper* na culminância de uma das oficinas formativas



Fonte: a autora.

Todas as oficinas foram muito bem avaliadas, tendo como ponto forte o grau de aprofundamento e imersão na temática da oficina, e também o grau de conhecimento dosicineiros. Quanto ao momento de culminância, a palestra “Engajamento docente como prática educacional disruptiva na educação superior”, ofertada para todos os participantes das seis oficinas, pôde-se presenciar um momento de elevado engajamento dos participantes com a mediadora da palestra, Prof^a. Michelle Pinheiro. Após os momentos imersivos, cada participante quis falar um pouco de sua experiência no evento, contar um pouco de suas angústias, êxitos e trocas de experiência, ou seja, esse momento não foi apenas de escuta, mas um momento autêntico de troca de experiências docente.

Gostaria de aqui destacar uma das oficinas ofertadas pelo II Encontro de Formação Docente do LAPEC, da qual pude fazer parte comoicineira, junto com o Prof. Dr. Marcos Barros, intitulada: “Aprendizagem através do encantamento”. A oficina foi marcada por um ambiente de aprendizagem que estimulava a criatividade e o encantamento pelo que estava sendo posto em pauta pelosicineiros. Foram discutidos temas como: formas de despertar a criatividade nos estudantes e modos de atrair o estudante para uma aula em que o encantamento seja o principal ingrediente. Os mediadores da oficina ofertaram situações práticas nas quais essas características puderam ser trabalhadas. Os grupos de trabalho na oficina receberam um kit com itens inusitados e surpresas, que deveriam ser utilizados como ferramentas para o grupo realizar uma aula hipotética, considerando as fases da aprendizagem através do encantamento. Depois, cada grupo teria 1 minuto para apresentar a sistematização da aula, método que é conhecido como *minute paper*.

Desenvolvido pela Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, o *minute paper* é uma metodologia que tem a função

de dar um retorno ao professor, um *feedback* sobre os tópicos abordados em aula, sobre suas maiores dificuldades em relação aos conceitos apresentados, além de registrar os pontos mais relevantes da aula. A metodologia da *minute paper* funciona da seguinte maneira: nos últimos minutos de aula é solicitado que os alunos façam algumas notas sobre a aula. O professor então monta uma espécie de roteiro com alguns questionamentos que servirão como guia para o aluno (SCALCO; OLIVEIRA, 2013).

Estudos em grupo

Como dito anteriormente, uma das ações do LAPEC se dá nos encontros para os estudos sistematizados com temáticas diversas sobre o ensino de ciências. A metodologia do grupo de estudo do LAPEC ocorre quinzenalmente, e um dos estudantes fica responsável por facilitar o estudo através de uma apresentação. Em alguns casos o estudo é sucedido de uma atividade para que a temática em questão seja colocada em prática. O Quadro 3 apresenta algumas temáticas em pauta no ano de 2019.

QUADRO 3. Alguns artigos utilizados nos estudos sistemáticos pelo grupo LAPEC

Moraes, R. Análise do Conteúdo. Revista Educação, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
Freire, L.G.L. Auto-regulação da Aprendizagem. Ciência & Cognição, .14, n. 2, p. 276-286, 2009.
Silva, T.S.C; Melo, J.C.B; Tedesco, P. C. A. R. A teoria do flow na contribuição do engajamento estudantil para apoiar a escolha de jogos no ensino de programação. Anais do XXVI Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 2015.
Padilha, M.A.S; ZABALZA, M.A. Um cenário de integração de tecnologias digitais na educação superior: em busca de uma coreografia didática inovadora. E-curriculum, v. 14, n. 3, 2016.
Raabe, A. Eduardo Borges Gomes. Maker: uma nova abordagem para tecnologia na educação. Revista Tecnologias na Educação, v. 26, 2018.

Fonte: a autora.

Conexão LAPEC-Europa

Além dos estudos sistemáticos, no ano de 2019 também houve o intercâmbio científico marcando as ações do LAPEC. No dia 8 de março a Profa. Dra. Rosangela Vidal de Souza Araújo embarcou para a Espanha com destino à Universidade de Santiago de Compostela para a realização do estágio pós-doutoral, sob a supervisão do professor Dr. Miguel Ángel Zabalza Beraza, com o plano de trabalho intitulado: “Análise dos modelos didáticos de professores universitários de disciplinas do ciclo básico da área de ciências biológicas à luz das coreografias didáticas”.

Na prática, o estágio foi materializado através de visitas com entrevistas aos professores da área de Ciências Biológicas (disciplina de Bioquímica) para falar acerca da coreografia didática que caracteriza suas práticas pedagógicas. Abaixo podemos observar algumas das questões feitas aos docentes:

¿Que pensas que é un ensino de calidade?

¿Crees que os profesores de calquera materia deben actualizar-se nas cuestións das innovacións pedagóxicas que acompañan ás necesidades dos estudantes contemporáneos?

¿Cando planeas a lección, que tipo de estratexias emprega para facer a aprendizaxe (autónoma) e garantir accións cognitivas como a reflexión, análise e interpretación de datos, comprensión e resolución de problemas cotiáns a formación profesional do protagonismo estudantil?

¿Que tan importante é a relación profesor-alumno na aprendizaxe?

¿Para os estudantes de hoxe, que estarán no mercado de traballo en breve, cal é o lugar das tecnoloxías (TIC) no proceso de aprendizaxe?

Tal coleta de dados nos oportunizou analisar um panorama não apenas dos métodos didáticos das disciplinas, mas também uma visão mais ampliada das relações professor-aluno, professor-conteúdo. Poder realizar as entrevistas com os docentes pessoalmente e através de documentos escritos (para obtenção de maiores detalhes) foi de extrema importância, pois nos ajudou a compreender na prática certas recomendações institucionais de muitas universidades europeias, deixando clara a importância das coreografias institucionais para as boas práticas das coreografias didáticas e de aprendizagem. O perfil dos docentes que participaram da pesquisa está listado no Quadro 4.

QUADRO 4. Perfil dos Docentes Entrevistados no Estágio Pós-Doutoral na Universidade de Santiago de Compostela

Professor	Formação	Disciplina que leciona	Universidade
Dr. Guillermo Covelo Artos	Licenciado em Biología. Doctor em Biología.	Bioquímica I de 2º curso, Ingeniería Genética de 4º curso	Universidade de Santiago de Compostela
Dr. Primitivo Barja Francisco	Licenciado em Biología. Doctor em Biología.	Bioquímica y Biología Molecular	Universidade de Santiago de Compostela
Dr. Jaime José Gomez	Licenciado e Doutor em Biología pola USC	Bioquímica II	Universidade de Santiago de Compostela
Dr. José Alberto Ramos Duarte	Graduação em Medicina e PhD em Biología do Desporto	Fisiología do exercício, Metabolismo e nutrição	Universidade do porto
Dra. María Esperanza Cerdán Villanueva	Licenciada em Ciencias biológicas Licenciada em Farmácia Doctora em Ciencias	Bioquímica II (Grado de Biología) Bioquímica y Química Biológica (Grado de Química)	Universidade da Coruña

Dra. María Isabel González Siso	Licenciada e Doctora em Biología	Bioquímica II, Fundamentos bioquímicos e biotecnología	Universidade da Coruña
Maria Angeles Freire Picos	Doctora	Bioquímicas e Biología celular	Universidade da Coruña

Fonte: a autora.

Além das informações coletadas, especificamente sobre a questão docente, foi impossível deixar de observar no estágio pós-doutoral que os cenários estruturais das universidades europeias colaboram para uma maior imersão do estudante e também dos professores no campus, desde detalhes nas bibliotecas que convidam o pesquisador a passar um maior tempo até o acesso a refeitórios e lanchonetes, poupando tempo para os discentes e docentes. Ou seja, as universidades dispõem de mais locais funcionais onde todos realizam suas pesquisas, reunindo-se em grupos de trabalho, estudando nas bibliotecas, dentre outras atividades. Nesse contexto, percebemos claramente o quanto as modificações estruturais podem ser impactantes do ponto de vista do engajamento da comunidade acadêmica.

Paulo Freire em muitas de suas falas dizia que estudar tem que ser um ato de felicidade e de prazer, e alguns autores corroboram com esta ideia, Viana e Oliveira (2013, p. 3) afirmam: “compreendemos a felicidade como uma virtude necessária onde quer que haja pessoas e, por conseguinte, sociedade. Assim, essa virtude e sua prática devem fazer parte do cotidiano das pessoas”.

Durante o estágio pós-doutoral, o LAPEC enviou uma proposta que foi submetida ao edital referente à Chamada MCTIC/CNPq N° 05/2019 – PROGRAMA CIÊNCIA NA ESCOLA, que teve como proponente a Professora Dra. Rosângela Vidal de

Souza Araújo. A proposta foi então submetida ao CNPq e foi intitulada: “*Construção do pensamento computacional e do letramento científico através do desenvolvimento de projetos em laboratório maker no ensino básico*”, cujo mérito foi reconhecido com a aprovação da proposta.

A presença de um membro do LAPEC na Europa também facilitou a socialização de alguns trabalhos fruto das orientações em nosso laboratório. Sendo assim, foi apresentado pela pós-doutoranda um trabalho oral intitulado “Estratégias Ativas no Ensino de Bioquímica numa Instituição Pública Brasileira” (Figura 7), no VIII Investigação e Práticas Contextos de Educação, na cidade de Leiria, em Portugal. Além disso, participamos como ouvintes da mesa redonda intitulada: “Cenários de Aprendizagem”.

FIGURA 7. Apresentação do trabalho realizado pelo Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências no VIII Investigação e Práticas Contextos de Educação, Leiria, Portugal, 2019



Fonte: a autora.

Uma das áreas de investigação do Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências é o aprendizado *Maker*, por isso uma das principais atividades realizadas foi a visita ao Instituto de Educação Secundária Isaac Díaz Pardo, acompanhados da professora Patrícia Iglesias, que ministra a disciplina de Tecnologia no instituto e coordena o laboratório *maker*, onde os estudantes, sob sua orientação, desenvolvem projetos do tipo “mão na massa”. Após a visita técnica aos laboratórios, estabelecemos uma colaboração entre o instituto e o LAPEC através do projeto escrito e aprovado pelo CNPq, no qual a professora Patrícia apresenta a função de consultora de tecnologia.

Todos esses processos experienciados na Espanha foram importantes para as nossas atividades no LAPEC, inclusive as atividades de orientação, já que muitas das informações coletadas esclareceram vários processos que nossos estudantes também desenvolvem em seus projetos. Resultou também em prêmio de menção honrosa no Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal Rural de Pernambuco e na aprovação da estudante Maria Gabriela Carneiro Monteiro no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Federal de Pernambuco.

Atividade de formação docente em outros espaços

A formação docente é estritamente compreendida como profissionalização e preparação do professor para a carreira do magistério, tomando como preceito o compromisso de formar o cidadão de acordo com a sociedade em que vive. Nestes mesmos termos, Libâneo (2001, p. 14) aponta: “Formar-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas qualidades humanas e profissionais, religiosas e de compromisso com a formação da sociedade em que vive”.

A formação docente, portanto, é um processo de maturação da pessoa, realizada tanto a partir das experiências dos professores da instituição formadora, quanto dos próprios sujeitos (formandos). Segundo Freire (1996, p. 25), “[...] quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. Em outras palavras, durante o processo de formação o docente adquire experiência e conhecimento que o transformam, ou seja, modificam sua maneira de pensar e agir.

O conceito de formação docente é flexível, com múltiplas perspectivas associadas ao desenvolvimento do profissional professor, com apropriação prática e teórica da função de Magistério. A formação é um ato complexo que requer tempo e dedicação do profissional, tanto pela exigência da função, como pela concorrência do mercado na hora de selecioná-lo para o trabalho.

Por entender a importância da formação docente de forma inicial e continuada, traz-nos muita alegria receber convites para mediar oficinas com esse perfil. Desde que o Laboratório de Pesquisa em Ensino de Ciências iniciou, temos sido convidados para algumas formações nas quais tanto pesquisadores quanto nossos orientandos são formadores, uma vez que o licenciando em formação, enquanto ensina, também está aprendendo e repensando suas práticas.

Dentre os locais em que o LAPEC esteve presente com sua equipe de formadores, podemos destacar o Encontro de Formação de Professores Recém-empossados na Universidade Federal Rural de Pernambuco, no segundo semestre de 2019. A formadora foi a Prof^a. Dra. Janaína Albuquerque. Também estivemos presentes por mais de uma vez nos eventos formativos para professores da rede municipal de Feira Nova, com temáticas envolvendo tecnologia e educação, nos quais a Prof^a. Dra. Rosângela Vidal atuou como formadora.

A convite da coordenação da equipe da REDEC-UFPE, duas de nossas orientandas, Paolla Oliveira e Maria Gabriela Carneiro, foram convidadas para ministrar uma oficina formativa intitulada “Ensino híbrido: modelos e propostas para encantar os alunos”, no município de Glória de Goitá, no Estado de Pernambuco. As estudantes também ministraram uma formação para professores da GRE – Recife-Norte com o tema “Metodologias ativas e inovadoras na educação”.

Também na Universidade Federal Rural de Pernambuco tivemos o prazer de sermos convidados a ministrar uma oficina do Diretório Acadêmico de Licenciatura em Ciências Biológicas (LECBIO), com a temática “Metodologias ativas e inovadoras no ensino da Bioquímica”.

Referências

LIBANEO, J. B. *A arte de formar-se*, 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NILCE, S. J. C.; BLASZKO, C. E.; UJIIE, N. T. O ensino de ciências e o papel do professor: concepções de professores dos anos iniciais do ensino fundamental. *XII Congresso Internacional de Educação*, 2015.

LIMA, M. E. C. C.; MAUÉS, E. Uma Releitura do Papel da Professora das Séries Iniciais no Desenvolvimento e aprendizagem de Ciências das Crianças. *Revista Ensaio*. Belo Horizonte. v. 8, n. 2, p. 161-175, set./nov. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-21172006000200184&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 02 jan. 2020.

SCALCO, P.; OLIVEIRA, T. E. O uso do método do minute paper nas aulas de física. *V Encontro Estadual de Ensino de Física – RS*, Porto Alegre, 2013.

PRALON, L. H. *Oficinas pedagógicas de Ciências: revelando as vozes de um discurso na formação continuada de professores*. 2004. Dissertação (Mestrado em Tecnologia Educacional nas Ciências da Saúde) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOITA, F.M.G.S.C.; ANDRADE, F.C.B. O saber de mão em mão: a oficina pedagógica como dispositivo para a formação docente e a construção do conhecimento na escola pública. In: *Anais Educação, Cultura e Conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos*. Caxambu - MG: ANPEd, 2006.

VIANA, A. P. S.; OLIVEIRA, T. Um estudo do conceito de felicidade na história da educação. *Anais da Jornada de Estudos Antigos e Medievais*. Universidade Estadual de Maringá, 28 a 30 de Agosto, 2013.

A RESIDÊNCIA E O FLORESCIMENTO DO DOCENTE EM FORMAÇÃO: uma experiência na Escola Municipal de Referência Iva Ferreira de Souza

Marcela Karolinny da Silva Costa¹

Manoel Victor Malaquias da Costa²

Dulcineia Iva da Silva³

Introdução

O Programa de Residência Docente nas Ciências (ReDEC) é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o requinte do estágio curricular supervisionado nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, observação do dia-a-dia escolar, funcionamento das coordenações e compreensão do contexto vivido pela Instituição, contribuindo de maneira significativa para o aperfeiçoamento da rede de Ensino e da prática dos licenciandos envolvidos. O espaço escolar oferecido pelo Programa de Residência Docente é um lócus de vivências, de experimentação, de observação-participativa e de construção de

1 Licenciada em Ciências Biológicas/UFPE.

2 Licenciando em Ciências Sociais/UFPE.

3 Gestora da Escola Municipal de Referência Iva Ferreira de Souza/Feira Nova.

saberes docentes, que se dá através da exposição a novas teorias, de novas práticas e novos olhares sobre as tarefas milenares de ensinar e aprender (SANT'ANNA; MATTOS; COSTA, 2015).

Os estágios e as práticas em contextos profissionais na formação universitária devem objetivar, tanto aos professores em processo de formação, quanto aos que já atuam como profissionais, a oferta de subsídios diretivos que levem em conta as novas diretrizes curriculares, buscando atender de modo criativo e inovador as transformações introduzidas no sistema nacional de ensino (ZABALZA, 2015).

Sendo assim, tomando como base o modelo das coreografias de aprendizagem apresentadas por Zabalza (2015), que trata de uma metáfora extraída do mundo da dança para tentar explicar a ligação entre o ensino e a aprendizagem efetiva, levamos as Coreografias institucionais como um modelo de análise possível para entender o processo educativo no município de Feira Nova, que é apresentado aqui como o cenário formativo onde se encontram muitos elementos e desafios a serem enfrentados não apenas por professores, mas por toda a equipe escolar.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre as vivências construídas durante o ano de 2018 na Escola Municipal Iva Ferreira de Souza, ressaltando as características sociais, pedagógicas e estruturais da instituição, além de promover um espaço de percepção da Residência Docente como ápice diferencial no processo formativo individualizado a partir do relato da experiência vivida.

A antecipação: os primeiros passos da ação formativa

Nessa etapa, os professores responsáveis fazem um levantamento das aprendizagens que desejam que seus estudantes alcancem para então iniciar o planejamento das atividades de ensino

pertinentes (PADILHA et al., 2010, p. 6). Assim como acontece no mundo da dança, no qual a antecipação de uma coreografia corresponde ao momento em que o coreógrafo apresenta a base inicial dos passos, relembra posturas e valores, no âmbito educacional esse componente se relaciona com a competência do professor ao planejar das atividades dos estudantes.

Nesta direção, os momentos que antecederam o início do período de Residência implicaram na apresentação do projeto. Essa etapa correspondeu ao momento de traçar os objetivos e planos de ação que atendessem à complexidade e à significância do projeto, atentando não apenas para as inferências no cenário educacional do município, mas também para suas contribuições na construção do perfil profissional do docente em formação.

Nesses encontros foram apresentadas, para além do livro de base teórica, as ferramentas de análise que permitiram aos residentes identificar as potencialidades e fragilidades presentes em cada uma das instituições delimitadas para análise, bem como para o levantamento de perfis da equipe docente, dos estudantes, e da equipe escolar como um todo.

Assim, considerando que as diversas formas de organizar as situações de aprendizagem provocam diferentes processos internos, fez-se necessária a obtenção de uma imagem clara do ambiente escolar para só então poder propor intervenções que surtam efeitos eficazes, não apenas no setor pedagógico, mas também social, uma vez que as alterações sociais, de certo modo, permeiam a escola, alterando o processo educativo, bem como seus fins e objetivos, no intuito de adequar-se às novas demandas sociais.

A colocação em cena: reconhecendo o cenário de atuação

Essa etapa refere-se à maneira como os docentes utilizam os recursos e as condições para o ensino, levando em considera-

ção suas especificidades, sejam elas de escola para escola ou até mesmo de turma para turma. Dessa maneira, as condições estão compostas pelas ações e dinâmicas que estes colocam em prática no ambiente da sala de aula (PADILHA et al., 2010, p. 7). A competência relacionada a esse componente é a manutenção da coerência entre o pensamento e a ação, entre planejamento e prática.

Este é o componente palpável da coreografia, por isso utiliza-se de critérios como estrutura, metodologia, recurso, avaliação e relações estabelecidas no ambiente escolar.

Para construir os dados necessários a esta etapa, foram utilizados instrumentos como observações, entrevistas individuais por meio de questionários com os professores e entrevistas coletivas com os representantes de turma. Todos esses instrumentos serão devidamente apresentados e discutidos a seguir.

Quanto à estrutura Física

A escola Iva Ferreira de Souza está situada logo à entrada da cidade. O entorno escolar é um ambiente muito utilizado pela comunidade vizinha, pois a escola fica entre a academia da cidade, o estádio municipal e um clube de festas locais.

Ao fazer as observações, é possível destacar que, de modo geral, a escola apresenta um ótimo estado de conservação das suas instalações físicas, que vêm passando por reformas pertinentes nos últimos tempos, já que é a primeira escola municipal semi-integral da região, uma iniciativa do então governo da cidade.

A instituição funciona nos turnos da manhã e da tarde, e em ambos os turnos há porteiros e vigias. Além disso, a escola é cercada por muros com altura que apresenta boas condições de segurança. Além de salas de aula confortáveis e grandes, a escola

também dispõe de recursos materiais, como *datashow*, *notebook*, caixa de som e impressoras em ótimo estado de conservação, mesmo que em pouca quantidade.

Quanto ao perfil do corpo docente

Atualmente a escola possui em seu quadro de profissionais, entre efetivos e contratados, aproximadamente 15 professores, que, em sua maioria, participam e dialogam a respeito de suas demandas, demonstrando preocupação no que diz respeito ao melhoramento do processo de ensino-aprendizagem.

Além de diálogos não formais com outros profissionais da escola através dos quais também foram obtidas informações, foi aplicado um questionário aos professores com perguntas como: “Quais os desafios que você encontrou na escola para formar seus alunos ao iniciar o ano letivo?”; “Que formações você desejaria para 2018?”. Foi identificada a necessidade, por parte dos professores, de inovarem suas metodologias de ensino também em suas próprias áreas de formação. Eis o exemplo na resposta de um professor de História diante da pergunta “Que formações você desejaria na sua área específica?”:

“Como melhor trabalhar ensino-aprendizagem na área de História. Ter contato com outros profissionais da área de História, para que haja uma troca de saberes onde possamos adquirir novas técnicas de trabalho em sala de aula.”

Além disso, as salas de aula se apresentam de maneira extremamente desafiadora ao docente. Segundo os professores, são recorrentes os casos de indisciplina, falta de respeito e agressão verbal nas turmas. Foram quase unânimes nos questionários os relatos a respeito desse problema, apresentando-se como de grande relevância.

“Formações que me ajudem a melhor ensinar o conteúdo e ao mesmo tempo fazer com que o aluno queira aprender. Pois tem sido complicado trabalhar sem que muitos queiram aprender.”

Essa resposta de um professor demonstra as duas grandes questões interligadas em uma mesma fala: o déficit por parte do professor na inovação metodológica e as complicações a respeito do comportamento do aluno em sala de aula.

A partir disso, observamos que os professores da Escola Iva Ferreira de Souza são profissionais sérios e conscientes das necessidades vigentes. Essas necessidades dizem respeito à inovação da metodologia de ensino, bem como às medidas que acenam a motivação do aluno no âmbito escolar.

Quanto ao perfil dos estudantes

A instituição atende atualmente cerca de 320 alunos com o perfil socioeconômico de baixo a médio. Por terem os pais separados – na maior parte dos casos por razões relacionadas ao uso e/ou venda ilegal de entorpecentes, roubo, entre outros atos, e por esse motivo estarem presos ou serem fugitivos –, a maioria desses alunos moram com os avós em comunidades violentas do município, como consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Tendo em vista o contexto em que estão inseridos os estudantes, são frequentes os casos de violência, desrespeito e agressão verbal contra professores, funcionários e colegas. A direção escolar tem trabalhado arduamente para que esse quadro seja alterado, e já é possível identificar o notável avanço nesse processo, especialmente quando comparamos com os anos anteriores. Esse discurso é presente nas falas de todos os funcionários. No entanto, ainda há bastante a se fazer para conseguir mudar o

paradigma deixado pelas marcas no decorrer dos anos na população feiranovense a respeito dessa instituição de ensino.

Durante a entrevista coletiva com os representantes de turmas, os alunos foram questionados sobre o ambiente escolar, se era ou não satisfatório, e o que a escola representava para eles. Também foram feitas perguntas sobre as aulas, o que eles achavam e o que acreditavam que poderia melhorar. As respostas emitidas pelos alunos evidenciaram que se reconhecia a dificuldade do professor em inovar nas aulas, já que as tentativas anteriores eram mal recebidas pelos próprios estudantes e isso era cansativo. No entanto, esses alunos deixaram claro que a persistência do professor em sala de aula acentua a falta de motivação da turma.

Diferente das outras do município, a escola possui duas turmas no período da tarde voltadas para a Educação Especial (E.E), para atender os alunos com necessidades especiais. Nessas salas, o gênero e as idades apresentam uma considerável diversidade. Alguns são mais agitados, outros mais quietos. Uns falam muito, outros falam pouco, e outros de fato não falam. Tem idosos e também adolescentes. Porém, mesmo diante das diferenças, é facilmente perceptível o bem-estar e a coesão desses estudantes em sala de aula, seja entre si, seja com as professoras (figuras pelas quais possuem um enorme respeito e carinho).

Anteriormente, os pais dos alunos das outras turmas não concordavam com a ideia de um intervalo inclusivo para os estudantes da E.E participarem junto aos demais, alegando não quererem a interação deles com seus filhos. Diante disso, a escola chegou a dividir os intervalos, atitude que potencializava a marginalização desses alunos no âmbito escolar. Em contraposição, as professoras da E.E, não concordando com a situação, questionaram o formato exclusivo, defendendo a escola como uma ferramenta fundamental para incluir estas pessoas. A partir

daí, a escola resolveu manter o intervalo de caráter inclusivo, e o resultado não poderia ser melhor. Hoje, é brilhantemente notável a harmonia da convivência dos alunos da E.E com os demais integrantes da escola. Quem observa somente o intervalo não imagina que eles fazem parte de turmas diferentes. Uns brincam junto aos outros na quadra, outros jogam pião no pátio. Sempre muito alegres, receptivos e carinhosos com todos ao seu redor. Se a escola Iva Ferreira de Souza tem pontos muito positivos, a E.E e sua configuração é, sem dúvidas, um deles.

Diante do exposto, no que diz respeito às nossas intervenções na escola, traçamos um plano de ação que atendesse as demandas tanto de professores quanto de alunos, visando uma maior integração entre o planejamento e as reais necessidades da instituição. Assim, conciliamos o pensamento e a prática pedagógica, levando em conta as características estruturais, sociais e as relações interpessoais existentes.

O modelo base da aprendizagem: a coerência entre o planejamento e o chão da escola

Esse momento compreende a sequência de operações mentais ou atuações práticas que o estudante precisa executar para alcançar a aprendizagem, que é facilitada e condicionada pela maneira como o professor coloca em cena as coreografias (componente palpável anterior) para que os alunos realizem seu processo (PADILHA et al., 2010, p. 7).

As ações relacionadas a esse componente concentram-se na capacidade do professor de identificar as etapas que constituem esse processo e de propor as condições necessárias para que os alunos mobilizem as operações pertinentes para sua aprendizagem.

Para alcançar tal feito, foi delimitada uma agenda de trabalho (Quadro 1) a ser executada no decorrer do ano de 2018. Nesse plano de trabalho, todos os segmentos da escola, tais como alunos, professores e gestores, foram envolvidos em todo o processo.

QUADRO 1. Agenda de trabalho para 2018

AGENDA DE TRABALHO DAS VIVÊNCIAS FORMATIVAS			
Mês	Formação para professor	Formação para estudante	Fórum de gestores
Junho	-	-	Compartilhamento da agenda de trabalho e observações
Julho	Mediação de conflitos em sala de Sala de aula.	Autoavaliação e relações coletivas	Validação das ações e visita ao SAF
Agosto	-	-	<i>Feedback</i> das primeiras vivências formativas e validação da segunda.
Setembro	Novas ferramentas tecnológicas e seu potencial para o desenvolvimento da educação	Língua Portuguesa e Matemática: aprendendo com métodos alternativos	
Outubro	Aulas práticas e suas contribuições na construção do conhecimento (atender às especificidades das grandes áreas: humanas, exatas, linguagens e biológicas)	Utilizando jogos didáticos no ensino de Português e Matemática	

Fonte: Residentes responsáveis pela escola Iva Ferreira, 2018.

O produto da aprendizagem do estudante: um relato de experiência baseado na metáfora do florescimento

As flores

(...) As flores nos mostram a Felicidade e o Amor que cultivamos ao longo da nossa existência. Mostram-nos a Beleza e a atenção que colocamos em cada um de nossos atos... As flores são nossa capacidade de Compartilhar e Entregar. Mostram-nos se somos ou não capazes de desfrutar da nossa existência. As flores são o nível de alegria e o gozo que levamos dentro, são nosso potencial para despertar o amor e a felicidade por onde passamos e o que quer que façamos. As flores são a energia e a alegria, a expressão, a cor, a jovialidade e a vida. São sutis, delicadas e frágeis e, ao mesmo, tempo, são profundas e amorosas. As flores se conectam com o Coração e representam o mistério sagrado. As flores nos ensinam Autoconfiança e Desapego. Seja Flor. Floresça. Embeleze. Alegre. Encante (...)

Árvore da Vida de Suryavan Solar

Se nos colocarmos a pensar sobre o processo formativo de um futuro professor, deparamo-nos com o estágio curricular supervisionado, cuja maior implicação é que, para a maior parte dos estudantes, o único contato que tiveram até então com a sala de aula foi na posição de alunos. No entanto, agora os papéis se invertem, e, tendo que assumir a função de professor, esses estudantes carregam consigo ansiedade e medo, muitas vezes em detrimento de o período dos estágios ser visto como um momento em que o licenciando se depara com diversos questionamentos e desafios, dentre eles a chance de poder se identificar ou não com a profissão referente ao curso de licenciatura escolhido (MILANESI, 2012).

Para além dessa característica pedagógica forte presente nos estágios supervisionados, a Residência Docente traz algo mais profundo para a formação do futuro professor por considerar as

interfaces entre o meio acadêmico e a realidade escolar, locais em que se desenvolvem sinergias entre a experiência concreta e a formulação teórica, entre a conceituação e a vivência prática (ZEICHNER, 2010). O processo de imersão, que consiste em viver o chão da escola reconhecendo os atributos que permeiam o funcionamento da instituição escolar de maneira efetivamente prática e global, traz consigo o vislumbamento do leque de atuações do professor, que, por sua vez, não se resume à sala de aula. Reiterando o que já foi dito, o espaço escolar oferecido pelo Programa de Residência Docente pretende ser um lócus de vivências, de experimentação, de observação-participativa e de construção de saberes docentes, através de exposição a novas teorias, novas práticas e novos olhares sobre as tarefas milenares de ensinar e aprender.

De forma metafórica, trazemos à memória a imagem da flor que alcança na etapa do florescimento o pico de sua realização individual. O florescer representa para a flor que ela está completa, significa que ela passou por todos os processos necessários, desde a semente até o desabrochar de cada pétala, que a transforma de um simples botão em algo que nos encanta. Encarar a docência direcionada exclusivamente para a sala de aula é estabelecer limites no ser professor, é como se olhassem para uma flor e sugerissem que o estágio de botão é o último, quando na verdade ele é a preparação para um estágio simplesmente sublime. Viver a Residência Docente é se permitir florescer profissionalmente, é descobrir que a sutileza da flor (profissão) não tira dela a profundidade de sua simbologia.

A cada vivência formativa passamos por etapas de crescimento. Superamos medos (como assumir turmas da educação infantil, trabalhar temáticas que não dominamos e propor oficinas coerentes com a realidade de cada escola), criamos vínculos (com alunos, gestores, professores e funcionários), além de

sermos a todo momento incentivados ao melhoramento. Todo o processo formativo vivenciado na Residência Docente representa a reafirmação do caminho profissional escolhido; é como sentir que a cada dia desabrocha uma nova pétala incrivelmente mais bela que a anterior.

A procura pela satisfação pessoal e a busca pelo que confere às pessoas o sentimento de felicidade circunda a história do ser humano desde sempre. “O que torna a vida boa?”, Aristóteles e Platão também fizeram esse questionamento séculos atrás. A Psicologia Positiva sugere que tudo começa com o incremento das situações de vida capazes de gerar gratificação. Segundo Seligman (2004), gratificações não são atividades relacionadas com qualquer sensação natural. Elas são capazes de envolver e absorver o indivíduo de um modo que o mesmo se entrega àquilo por prazer. O autor expõe que para obter uma vida boa é necessário usar cotidianamente as forças pessoais, gerando assim uma felicidade autêntica e uma gratificação expansiva.

Viver o chão da escola é sentir-se o tempo inteiro envolvido e abraçado com aquilo que se escolheu ser, neste caso, professor. E um professor que entende as demandas da secretaria, o compromisso da gestão, o funcionamento da cantina, a atuação da portaria, e que dialoga com propriedade acerca das demandas de sua escola, além de estar disposto a se reinventar como profissional para atender as especificidades de sua sala de aula, reconhece o contexto do aluno como um dos maiores desafios de sua própria prática pedagógica. Conseguir construir tudo isso ainda no momento de formação é se sentir um profissional em constante crescimento.

A residência sob a ótica da gestão

Os residentes muito contribuíram na observação do âmbito escolar, onde passaram duas semanas em observação na escola.

Participaram das reuniões entre o corpo docente, gestão e pais e, além disso, interagiram e colaboraram dentro e fora da sala de aula, onde, a partir das observações, elaboraram coreografias e dinâmicas com os discentes.

Esse feito partiu de uma diagnose que os residentes obtiveram com as observações; um estudo foi feito para que, a partir daí, se trabalhasse com as formações aos professores, visto que em nossa escola os mestres promovem um ensino-aprendizagem inovador.

A vinda dos residentes para a escola foi positiva, pois acrescentou valores que a escola preza, e as oficinas também ajudaram no desenvolvimento da aprendizagem.

Considerações finais

Neste capítulo, é possível fazer uma abordagem geral acerca de todo o processo vivenciado em função das atuações dos residentes da Escola Iva Ferreira de Souza. Diante das experiências, destaca-se que as contribuições promovidas pelo Programa de Residência Docente nas Ciências ultrapassam as barreiras dos papéis e relatórios. Este trabalho está diretamente ligado a uma expressiva contribuição para a manutenção da educação, área de extrema importância para a estrutura e o desenvolvimento de nossa sociedade. Compreender que estudantes de licenciatura são ferramentas ativas nessa construção significa acreditar em uma mudança na educação, que inicia com a mudança de visão do profissional ainda em processo formativo, o que se configura como uma iniciativa bastante gratificante e empolgante para todos os envolvidos, sejam eles os atores escolares (aqui representados pelo gestor, alunos, professores e funcionários), sejam eles licenciandos e licenciados participantes do projeto. A Residência

oferece uma imagem real acerca do caminho a ser trilhado, promovendo significativamente o preparo profissional. Esse processo indica um início, descobrimento, autoconhecimento e, com certeza, a esperança de uma educação melhor.

Referências

- MILANESI, I. Estágio supervisionado: concepções e práticas em ambientes escolares. *Educar em Revista*. Editora UFPR, Curitiba, Brasil, n. 46, out./dez. 2012.
- PADILHA, M. A. S. et. al. Ensino na Docência Online: um olhar à luz das Coreografias Didáticas. *Revista de Educação Matemática e Tecnológica* ed. Ibero-americana. Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. v. 1, n. 1, p. 1-12, 2010.
- SANT'ANNA, N. D. F. P.; MATTOS, F. R. P.; COSTA, C. S. Formação continuada de professores: A experiência do programa de Residência Docente no colégio Pedro II. *Educação em Revista*, p. 249-278, 2015.
- SELIGMAN, E. P. *Felicidade Autêntica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- ZABALZA, M. A. *O Estágio e as Práticas em Contextos Profissionais na Formação Universitária*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.
- ZEICHNER, K. Formação universitária na educação de Professores: Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. *Journal of Teacher Education*, Washington, v. 61, p. 89-99, 2010.

O PROTAGONISMO DO ALUNO NA EVOLUÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM: uma experiência na Escola Municipal Padre Nicolau Pimentel

Fernanda Alves Nunes¹

Odon Porto Almeida Neto²

José Edson Barbosa³

Introdução

A Residência Docente nas Ciências (ReDEC) é um programa de extensão da Universidade Federal de Pernambuco em parceria com a cidade de Feira Nova que atua na formação de professores, alunos e graduandos. Antes de sermos imersos nas escolas-campo passamos por uma seleção. Depois, foram realizadas capacitações para que nós, residentes, fôssemos capazes de entender e interpretar todos os problemas encontrados nas escolas, da mesma forma que fomos treinados para identificar as potencialidades e conseguir explorá-las para melhorar a vivência acadêmica de toda a comunidade escolar.

Durante as formações trabalhamos com documentos para nos nortear no desenvolvimento do projeto, tal como a cartilha que traz indicadores de qualidade na educação, organizada pela

1 Licenciada em Ciências Biológicas/UFPE.

2 Licenciando em Ciências Sociais/UFPE.

3 Gestor da Escola Municipal Padre Nicolau Pimentel/Feira Nova.

Ação Educativa, pela Unicef, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), e pelo Inep-MEC, em 2005, mostrando parâmetros que permitem uma avaliação crítica e justa da instituição. Essa avaliação conta com parâmetros físicos-estruturais e também pedagógicos e de interação entre a tríade professores-alunos-escola.

Já para as formações com os professores, foi debatido o livro organizado pelo Instituto Ayrton Senna (IAS) e pelo Boston Consulting Group (BCG), intitulado “Formação Continuada de Professores no Brasil” (2014). Nele é possível observar a importância de professores capacitados para que o conhecimento se desenvolva. A obra também aborda os desafios das formações e as oportunidades para que estas ocorram. Sabendo da importância da renovação do conhecimento, a residência se pauta na construção de formações que auxiliam no desenvolvimento e na criação de novos saberes junto à comunidade escolar. A escola tem mudado e para isso é preciso compreender essas mudanças. Em seu discurso, Ferreiro (2001 apud CANDAU, 2011) diz:

a escola pública, gratuita e obrigatória do século XX é herdeira da do século anterior, encarregada de missões históricas de grande importância: criar um único povo, uma única nação, anulando as diferenças entre os cidadãos, considerados como iguais diante da lei. A tendência principal foi equiparar igualdade à homogeneidade. Se os cidadãos eram iguais diante da lei, a escola devia contribuir para gerar estes cidadãos, homogeneizando as crianças, independentemente de suas diferentes origens. Encarregada de homogeneizar, de igualar, esta escola mal podia apreciar as diferenças. Lutou não somente contra as diferenças de língua, mas também contra as diferenças dialetais da linguagem oral, contribuindo assim para gerar o mito de um único dialeto padrão para ter acesso à língua escrita.

Sabendo dessas questões, que até mesmo na atualidade se perpetuam, é natural encontrar metodologias voltadas para o tradicionalismo. Tendo em vista todos esses pensamentos e após diversas discussões em grupo, compartilhando conhecimento e análises sobre a melhor forma de compreender a escola em sua totalidade, montamos uma grande enciclopédia de saber, que nos permitiu ir à Feira Nova e entender a complexidade e o contexto em que cada instituição está inserida. Para isso foi realizada a coreografia institucional, em que Zabalza (2015) fala sobre as coreografias didáticas, nas quais uma sequência é seguida para possibilitar sua aplicabilidade onde será realizada: 1. antecipação do plano de ação a ser desenvolvido; 2. aplicação das atividades previstas; 3. construção do significado da ação realizada; 4. generalização da experiência; 5. reflexões sobre experiências similares.

As coreografias didáticas se baseiam no universo das artes, marcado por danças e ritmos, e essa teoria chega na sala de aula e nas instituições, entendendo o professor como o coreógrafo que deve coordenar os movimentos do processo de aprendizagem dos seus discentes, conduzindo-os a uma aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, Zabalza (2015, p.199) ressalta que “...aprende como se ensina, ou seja, as diversas formas de organizar as situações de aprendizagem provocam diferentes processos internos nos sujeitos, como consequência, diferentes tipos de aprendizagem”.

O campo de análise foi a Escola Intermediária Padre Nicolau Pimentel (Figura 1), que está localizada Avenida Manoel Almeida, s/n, no Centro da cidade de Feira Nova, interior de Pernambuco, Zona da Mata. A instituição trabalha com os Anos Finais do Ensino Fundamental nos turnos da manhã e da tarde e atende a Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante a noite.

FIGURA 1. Escola-campo



Fonte: os autores (2018).

Os estudantes que frequentam são considerados de baixa renda, sendo da cidade ou de localidades rurais próximas.

Este capítulo mostrará a importância da residência na formação de futuros professores, bem como dos já atuantes e dos alunos.

A residência possui um ideal, que é a mudança no processo educacional, trabalhando, assim, novas perspectivas de inovação, pesquisa, extensão e ensino. As escolas públicas são locais de compreensão de realidades, de entender e desenvolver novos caminhos para transformá-las e melhorá-las. Para tornar o aluno protagonista do seu conhecimento é preciso entender em que contexto ele está inserido. Após essa diagnose, o compartilhamento de saberes e experiências se tornam essenciais para o crescimento da educação. Sabendo disso, ampliaremos as pos-

sibilidades didáticas para se pensar o ensino a partir do relato sobre o processo de vivências na residência realizada nas escolas municipais da cidade de Feira Nova. Vale ressaltar que a ReDEC se preocupa com uma abordagem de aprendizado significativo e interdisciplinar.

Uma abordagem de educação que propicia o processo de reconstrução do conhecimento para a compreensão da realidade no sentido de resolver sua problemática, trata o conhecimento em sua unicidade, por meio de inter-relações entre ideias, conceitos, teorias e crenças sem dicotomizar as áreas de conhecimento entre si e, tampouco valorizar uma determinada área em detrimento de outra (PRADO, 2001).

O aluno e a aprendizagem significativa

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

A ReDEC ocorreu durante 10 meses na cidade de Feira Nova. No intuito de compreender melhor o funcionamento e as dificuldades das escolas da rede municipal, constatamos, por meio de conversas com toda a gestão técnica e a direção da instituição, quais eram as maiores dificuldades que existiam para um bom convívio entre escola e sociedade. Sabe-se que é necessário compreender a escola a partir de outros âmbitos:

levar em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na

história. Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (DAYRELL, 1996).

A escola recebeu dois residentes licenciandos, um da área de Biologia e outro de Ciências Sociais, e juntos conseguimos realizar diversos trabalhos na instituição. Sempre pensamos em uma visão mais voltada para os indivíduos enquanto pertencentes à comunidade. Para isso trabalhamos bastante com a arte no ensino escolar, utilizando a música para demonstrar alguns padrões do comportamento dos estudantes. Afinal, “o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo.” (BRÉSCIA, 2003, p. 81). Além disso, Pitágoras, na Grécia Antiga, já entendia o poder da música para a educação de jovens. Por meio dela se consegue atingir a ludicidade e o estado de fluxo de aprendizagem sem muitas adversidades, ainda mais quando se trata de pensar a sociedade, pois a música traz reflexos sociais entoados em forma ritmada.

A arte tem uma grande importância na educação escolar e em geral ela tem função indispensável na vida das pessoas desde o início das civilizações, tornando-se um fator essencial de humanização. Cada um de nós, combinando percepção, imaginação, repertório cultural e histórico, lê o mundo e o reinterpreta à sua maneira, sob o seu ponto de vista, utilizando formas, cores, sons, movimentos, ritmo, cenário (COLETO, 2010).

As vivências começaram bem antes de qualquer viagem. Tivemos formações e construções de oficinas que, a partir dos dados coletados e analisados, foram programadas para atender às especificidades das escolas. Muitas delas foram pautadas levando em consideração o melhoramento do ambiente escolar

para que alunos e professores participassem mais de seu funcionamento. A primeira vivência formativa, de fato, foi muito mais cansativa do que as demais, já que o processo era bastante novo e não estávamos acostumados com toda a correria.

Tivemos algumas dificuldades em pensar a primeira oficina; em uma época em que ser intolerante está legitimado até em discursos políticos, ensinar sobre tolerância parece algo errado a se fazer, mas sentimos a necessidade e fizemos. Levamos na parte da manhã da Escola Padre Nicolau uma oficina sobre intolerância religiosa e racismo. Não tivemos muitos problemas em sala de aula. Como o foco é o aluno como protagonista dentro da sala de aula, a concepção é a de que uma aula produtiva é aquela em que o aluno está na liderança da sua aprendizagem. E foi conversando com os alunos, e permitindo que eles se expressassem da forma deles e na linguagem deles, que as etapas da oficina foram realizadas.

A escola é, por excelência, espaço promotor de desenvolvimento, aprendizagem e inserção social de todas as crianças. Prepará-las para viver em grupo e usufruir de seus direitos de cidadão de forma ética é responsabilidade de toda a sociedade, e não apenas das famílias e dos professores – sobretudo, em se tratando daquelas que, por algum motivo, se encontram em situação de desvantagem. Construir na escola um ambiente onde a presença da diversidade seja o reflexo da sociedade em que ela se insere, considerando as diferenças como aspectos enriquecedores no processo formativo de cada um, esse, sim, é o maior desafio de nossa comunidade educativa (CASTRO, 2015).

Em todo processo formativo sempre gostamos de empregar nas aulas o ensino através da investigação. Para Carvalho (1999), é preciso que sejam realizadas diferentes atividades, acompanhadas de situações problematizadoras, que permitem o processo de

discussão e de diálogo dentro da sala, e que tornam os alunos protagonistas na construção do seu conhecimento. A oficina foi pensada para que os estudantes pudessem realizar atividades que impedissem a monotonia. E todos os momentos direcionavam para um processo reflexivo. Procuramos sempre deixar os alunos relatarem suas experiências e compartilharem com os colegas todos os momentos em que de alguma forma sofreram ou realizaram alguma atitude agressiva. Nessa mesma oficina pedimos para que eles escrevessem mensagens de respeito em pedaços de papel em forma de folhas de árvore para que montássemos a “árvore do respeito” (Figura 2).

FIGURA 2. Primeiras vivências formativas realizadas na Escola Padre Nicolau, com oficina sobre Racismo e Intolerância Religiosa



Fonte: Residentes responsáveis pelas turmas (2018).

Na segunda etapa das Vivências Formativas tivemos a oportunidade de conhecer uma gama de realidades diferentes. Foi trabalhado o tema de respeito e empatia. Farrington (2002) fala sobre os principais fatores para a agressividade juvenil, como por exemplo a impulsividade, o baixo desempenho escolar, pais criminosos, baixa renda familiar e supervisão parental deficiente. Outras explicações centram-se nas mudanças acarretadas pela idade, em termos de capacidades físicas e oportunidades de cometer crimes, vinculadas a mudanças nas “atividades de rotina” (COHEN e FELSON, 1979). A explicação de maior aceitação dá ênfase à importância das influências sociais (FARRINGTON, 1986).

Pensando nisso, produzimos uma oficina que permitisse ao aluno atuar como protagonista. Tentamos pensar uma oficina que não os fizesse ficar sentados nas cadeiras como meros receptores de um assunto, e funcionou muito bem dentro de sala. Alguns alunos até chegaram a comentar em suas histórias, durante a atividade da oficina, casos de violência que ocorreram dentro de casa, e isso os fez pensar nas consequências de certas atitudes que estavam sendo tomadas por eles mesmos e pelos colegas. Maturana (1995, apud TASSONI, 2000) afirma que as emoções definirão as ações, e é por causa do lado emocional que uma pessoa agirá de determinada forma.

Portanto, podemos afirmar que a afetividade constitui um fator de grande importância no processo de desenvolvimento do indivíduo e na relação com o outro, pois é por meio desse outro que o sujeito poderá se delimitar como pessoa nesse processo em permanente construção. Nesse sentido, é essencial que o professor de Ensino Superior também esteja envolvido nesse processo, considerando a afetividade como parte do desenvolvimento, buscando a formação integral dos estudantes universitários e uma vivência positiva da aprendizagem (VERAS; ATAIDE, 2010).

Certas crianças só precisam que alguém as veja de forma diferente da maioria. Necessitam de algum apoio. Dar aula sempre foi algo que nos encantou, e certos alunos só querem entender porque devem respeitar, ajudar ou participar, mas isso não é conquistado simplesmente por ser professor; a admiração é algo a ser conquistado e não imposto, e nesse momento chegamos no ponto de extrema importância, que é trabalhar a afetividade dentro da sala de aula. Inúmeros professores simplesmente não conseguem dar aula, pois não entendem que a admiração de um aluno é o que vai ressoar positiva ou negativamente, e se os professores simplesmente chegam na sala querendo se impor, por muitas vezes não são aceitos.

Em uma palestra no TEDx Recife aprendemos que o que muda a educação é o afeto e aqueles professores que têm essa relação com seus alunos são os que permanecem dentro da memória afetiva, muitas vezes permeada de eventos traumáticos, e a sala de aula não deve ser mais um trauma. Afinal, aprender é fácil. Em discursos de antigos professores, eles sempre diziam: *“Nós aprendemos bem mais com vocês (alunos) do que vocês têm ideia. Às vezes chegamos aqui falando sobre assuntos que não dizem muito, mas basta conversar um pouco com alguns dos nossos alunos que vamos aprender o que é realmente importante. O assunto surge como consequência”*.

Considerações finais

A residência possuía um objetivo muito claro: formar professores, alunos e graduandos, mas essa formação não seguiria metodologias tradicionais, uma vez que nós, graduandos, deveríamos passar por um processo de imersão no qual conheceríamos a escola em sua totalidade. Após esse processo de imersão analisamos quais seriam as necessidades de formação para os profes-

res e quais as demandas de oficinas para os alunos. As formações para os alunos foram baseadas em necessidades observadas e através de conversas com eles; foram pensadas não apenas para o desenvolvimento do conhecimento técnico, mas também para o crescimento pessoal e a melhoria da relação professor-aluno e aluno-aluno, no intuito de que predominassem o respeito e a compreensão.

É preciso compreender que o aluno estará sempre no centro. Dentro de uma sala de aula o professor não é o detentor do conhecimento, sendo sua função a de mediar e ensinar o aluno a aprender. Assim uma construção coletiva de saberes e de aprendizados significativos ocorre. Estar dentro de uma sala de aula passou a ser considerado pelos alunos como algo chato e desmotivador, portanto é preciso quebrar esses pensamentos e trabalhar em conjunto para conseguir desmistificar e mostrar que o aprender é baseado em curiosidades, e qualquer ser humano está apto para tal.

O aprendizado significativo acontece quando uma informação nova é adquirida mediante um esforço deliberado por parte do aprendiz em ligar a informação nova com conceitos ou proposições relevantes preexistentes em sua estrutura cognitiva (AUSUBEL et al., 1978, p. 159, apud SOUZA, 1999).

Sabendo da necessidade dessas mudanças, as oficinas realizadas junto à escola foram feitas para serem dinâmicas, direcionando os alunos para o pensamento crítico e o autoconhecimento. Utilizamos diversas metodologias, como arte no ensino, música, ensino por investigação e jogos. A todo o momento tínhamos a preocupação de colocar o aluno como protagonista desse conhecimento. Participando de forma ativa da construção e tendo suas opiniões levadas em consideração, o conhecimento passa por um processo de ressignificação, tornando prazero-

so tanto para o estudante quanto para o professor, pois ambos saem das metodologias tradicionais e engessadas de ensinamento que tanto perduram no contexto escolar.

Para que tudo isso seja colocado em prática dentro das escolas é preciso que ocorra um compartilhamento de conhecimento e saberes. Um espaço onde todos possam falar das suas experiências, sendo elas positivas ou negativas. Momentos de interação (Figura 3) representam um grande passo para a evolução da educação e, portanto, devem ocorrer com frequência nas instituições.

FIGURA 3. Encerramento do fórum de gestores



Fonte: Pedro Rodrigues (2018).

Conhecimento não é para ser guardado... Deve ser compartilhado, dividido, refinado... O conhecimento realmente significativo vem através de construções coletivas e críticas.

Referências

- BRÉSCIA, V. L. P. *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo, 2003.
- CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem fronteiras*, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011.
- CARVALHO, A. M. P. (Ed.). *Termodinâmica: um ensino por investigação*. São Paulo: USP, Faculdade de Educação, 1999.
- CASTRO, M. P. *Reflexões sobre o ensino para todos e o respeito à diversidade*, 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/560/reflexoes-sobre-o-ensino-para-todos-e-o-respeito-a-diversidade>. Acesso em: 25 set. 2018.
- COHEN, L. E.; FELSON, Marcus. Social Change and Crime Rate Trends. *A Routine Activity Approach*, 1979.
- COLETO, D. C. A importância da arte para a formação da criança. *Revista Conteúdo*, v. 1, n. 3, p. 137-152, 2010.
- DAYRELL, J. *A escola como espaço sócio-cultural. Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, v. 194, p. 136-162, 1996.
- EDUCATIVA, Ação. *Indicadores da qualidade na educação*. São Paulo: Ação Edu, 2004.
- FARRINGTON, D. P. *Fatores de risco para a violência juvenil: Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO, 2002.
- GROUP, B. C.; SENNA, Instituto. *A Formação continuada de professores no Brasil*. São Paulo: Cross Content, 2014.
- PRADO, M. E. B. B. Articulando saberes e transformando a prática. *Boletim do Salto para o Futuro*. Série Tecnologia e Currículo, TV-ESCOLA-SEED-MEC, 2001.
- SOUZA, R. R. *Usando mapas conceituais na educação informatizada rumo a um aprendizado significativo*. Rede de Tecnologia na Educação, Edutec, 1999.
- TASSONI, E. C. M. *Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, UNICAMP, 2000.
- VERAS, R. S.; ATAÍDE, S. P. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem, em contexto universitário. *Educar em revista*, v. 26, n. 38, p. 219-235, 2010.
- ZABALZA, M. A. *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

DIÁRIO DE UM RESIDENTE: uma experiência na Escola Municipal Francisco Coelho da Silveira

Luís Romário da Silva Santos¹

Claudionice Vieira de Melo²

Introdução

A Residência Docente nas Ciências é um programa de extensão da Universidade Federal de Pernambuco em parceria com a cidade de Feira Nova - PE. Foram selecionados 12 residentes extensionistas da Universidade para atuar nas escolas-campo de Feira Nova, coordenado pelo mestrando em Ensino de Ciência e Matemática, Fredson Murilo, e pelo professor mentor, Marcos Barros, do Centro de Educação da UFPE. A ReDEC recebeu da Fundação Joaquim Nabuco, em 2017, o prêmio de programa mais inovador do estado de Pernambuco, sediado em Feira Nova, um município do estado de Pernambuco, mais conhecido popularmente como terra da farinha de mandioca, devido a sua grande influência na plantação de mandioca e produção de farinha.

Dentre as 10 escolas, aqui apresentamos a Escola Municipal Francisco Coelho da Silveira, trazendo um pouco seu histórico. É

1 Licenciado em Ciências Biológicas/UFPE.

2 Gestora da Escola Municipal Francisco Coelho da Silveira /Feira Nova.

uma escola pequena, localizada na zona rural do município, precisamente no Sítio Agostinho. De natureza muito aconchegante, a escola atende ao público de Educação Infantil, Anos Iniciais e Anos Finais, e recebe estudantes do próprio município e dos municípios vizinhos. A equipe técnica da escola é composta por 29 funcionários, entre professores, coordenadoras, porteiras, secretárias, estagiários, merendeira, auxiliar de serviços gerais e bibliotecárias.

Os professores da Escola Francisco Coelho têm se dedicado com afinco ao processo de aprendizagem, e isso pode ser percebido quando observamos seu crescimento no site do QEdu, cujo Ideb, em 2017, atingiu a meta dos Anos Iniciais e Anos Finais, mas ainda busca-se alcançar a média estipulada pela Prova Brasil de Português e Matemática.

Relato de experiência

Um dos objetivos da residência docente é imergir os licenciados na rotina escolar, com o intuito de coreografar as instituições de ensino do município, considerando os princípios de coreografias didáticas (ZABALZA, 2015), com viés investigativo, a fim de refinar e sincronizar os ritmos pedagógicos da instituição, modificando o cenário educacional, restaurando e direcionando o ambiente para que ocorra uma aprendizagem significativa.

O termo **coreografia didática** faz analogia a uma peça de teatro, na qual o autor vai expor um roteiro que muda o desfecho da história de acordo com o interesse da plateia. Trazer isso para o chão de escola permite que nós, como professores, entreguemos os papéis de protagonistas do conhecimento aos nossos alunos, de forma a se compreenderem as fragilidades, para depois selecionar medidas de solução das possíveis problemáticas, con-

ferindo assim a possibilidade de um possível avanço na educação institucional (ZABALZA, 2015).

Entretanto, inovar é um desafio contínuo, e não se pode improvisar, pois é necessário encarar aquilo que é novo com competência, abertura e coragem. Inovar requer muita iniciativa, coragem e engajamento das pessoas envolvidas no processo, daí a necessidade do comprometimento institucional e pessoal, com agentes inovadores, em que os próprios estudantes e professores administram seus recursos e gestão. Essa inovação só acontece quando estão juntos valores pessoais e institucionais, conforme destaca Zabalza (2015). Coreografias didáticas e inovação significam mudanças, porém não apenas isso. Outro ponto que o autor defende é que, para acontecer a inovação, ela precisa ser autêntica, e os processos não podem ser forçados ou impostos pela equipe de gestão ou coordenação escolar de maneira formal e burocrática. Assim, as ações devem ser previamente planejadas, pensadas, promovidas e estruturadas pela equipe de pessoas engajadas para a execução do processo, incluindo a coordenação escolar.

Antes da imersão no ambiente escolar é preciso uma preparação antecipada do residente para que ele entre na comunidade escolar. Além de Zabalza, tivemos o aporte teórico da cartilha de indicadores de qualidades na educação, e esse momento de preparação foi crucial para sabermos identificar problemas e promover mudanças, a partir de sete dimensões, o que nos estabelece vários critérios que nos ajudaram a conhecer o ambiente do campo para nele nos situar. A seguir descrevemos essas sete dimensões:

1. Ambiente educativo: essa dimensão, para nós residentes, ajudou-nos a compreender valores como respeito, alegria, amizade, solidariedade, disciplina, o combate à discriminação e o exercício dos direitos e deveres no ambiente escolar.

2. Prática pedagógica e avaliação: essa dimensão está direcionada à coletividade sobre a proposta pedagógica da escola, planejamento das atividades educativas, estratégias e recursos de ensino-aprendizagem e sobre os processos de avaliação adotados para os alunos, incluindo a autoavaliação e a avaliação dos profissionais da escola.

3. Ensino e aprendizagem da leitura e da escrita: propõe estratégias pedagógicas para a alfabetização inicial e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita no desenvolvimento da educação básica; ajuda também a observar as estratégias que os estudantes utilizam para desenvolver hábitos e o que os motiva para a leitura, incluindo o uso da biblioteca e de equipamentos de informática.

4. Gestão escolar democrática: centraliza o compartilhamento das decisões em todos e garante a qualidade e a relação custo-benefício, tratando sempre de transferir as informações com transparência para toda a comunidade escolar.

5. Formação e condições de trabalho dos profissionais da escola: nessa dimensão discute-se sobre os processos de formação dos professores, sobre a suficiência, assiduidade e estabilidade da equipe escolar e demais assuntos relacionados ao trabalho na escola.

6. Espaço físico escolar: essa dimensão nos direciona para um bom aproveitamento dos recursos existentes na escola, bem como a disponibilidade e a qualidade desses recursos e a organização dos espaços escolares.

7. Acesso, permanência e sucesso na escola: essa dimensão aponta para se diagnosticar algum tipo de problema que os estudantes apresentam. Para isso são feitas algumas perguntas específicas que ajudam a diagnose: Quais são os alunos que apresentam maior dificuldade no processo de aprendi-

zagem? Quem são aqueles que mais faltam na escola? Onde e como vivem? Quais são suas dificuldades? Quem são os alunos que abandonaram ou evadiram? Quais os motivos?

Para as atuações em campo acontecerem e ser possível compreender o chão de escola foi necessário organizar formações específicas para instruir-nos antecipadamente em relação às teorias que embasam nossa pesquisa.

Atualmente cada ação mensal do programa dura três dias, que possibilitam contemplar todas as escolas do município em um dos horários (manhã ou tarde), com formação e capacitações para os professores da instituição, além de oficinas voltadas para os discentes da escola. Essas oficinas foram pré-selecionadas e elaboradas conforme o interesse do público-alvo, pelas informações obtidas por meio de um questionário elaborado e aplicado pelo coletivo de residentes nas capacitações individuais e coletivas, cujo objetivo era sondar professores e alunos da rede municipal de Feira Nova. Na nossa área de atuação, baseamo-nos nas observações das interações dos alunos com o espaço e em algumas entrevistas e conversas com os alunos nos corredores da escola.

Compreendemos a escola como um ambiente com potenciais quase “mágicos” na transformação do indivíduo social, e assim devemos encarar cada estudante como uma charada ou um enigma da natureza, em que o próprio indivíduo vai manifestar de maneira única suas forças físicas, psíquicas e intelectuais de acordo com sua cultura e conhecimento construído a partir do seu desenvolvimento, bem como os elementos artísticos que o rodeiam (música, dança, culinária, desenho, pintura etc) (STEINER, 2000).

Toda ação programada para a Escola Francisco Coelho esteve pautada em propostas de inovações pedagógicas, e direcionamos

nossas ações para uma educação mais humana, com um olhar debruçado para o bem-estar, que pode transformar a educação em um processo muito mais feliz e prazeroso, como defende Csikszentmihalyi (1992), que nos ensina que o Flow leva o estudante a um estado de plena contemplação e felicidade, fazendo-o esquecer o tempo cronológico e muitas vezes até de suas necessidades fisiológicas. O Flow, ou teoria do fluxo, estrutura nossas atividades pedagógicas, colocando o educando como protagonista do seu conhecimento, mergulhando em um sentido planejado de início, meio e fim, que amarra a linha de raciocínio, de maneira que o fluxo da aprendizagem ocorra de forma ininterrupta, sutil e eficiente.

Trazer elementos humanos para a pedagogia ajuda em nossas vivências a chegar mais próximos da realidade dos estudantes, pensando que o ser humano é também parte da natureza, considerando que o homem é um ser holístico, que existe e segue leis de força superior, às quais nós, como organismos vivos, inconscientemente somos submetidos. Então se faz interessante incorporar práticas pedagógicas que possibilitem a interação do estudante como meio, desenvolvendo as habilidades de saber ouvir e a empatia no exercício de nossos hábitos pedagógicos, interligando o processo natural do conhecimento como a natureza, a cultura, a arte etc, reconhecendo desta maneira esse superorganismo, e a ele agregando valores, estaremos juntos praticando o que é chamado de Pedagogia da Terra (GADOTTI, 2000).

Toda essa preparação teórica contribuiu para minha formação, para que quando eu chegasse na escola pudesse encarar esse ambiente com um olhar diferenciado, sabendo encarar a realidade dos alunos, como futuro professor. A primeira leva de dados na imersão na escola Francisco Coelho da Silveira foi obtida com base em pesquisas e observações, como explicitamos a seguir no relato de campo.

A escola possui um espaço físico bastante amplo, contando com sete salas de aulas, das quais seis funcionam em bom estado. Cada sala possui no mínimo três ventiladores, o que ainda não é suficiente, pois no ambiente da sala faz bastante calor, o que interfere diretamente na atmosfera da classe, pois os alunos aparentemente ficam bastante agitados e eufóricos em dias mais quentes. As carteiras e quadros brancos estão relativamente em bom estado, embora haja reclamações por parte da gestão em relação à preservação do patrimônio, pois as salas, muito tradicionais, sem muitas informações ou algo atrativo, possuem poucos elementos que tragam um pertencimento para o corpo discente.

Os espaços abertos são grandes, porém pouco acessíveis. Algumas áreas do pátio possuem cobertas e são utilizadas pelos alunos da escola para algumas atividades ao longo do dia, mas ainda é possível encontrar alguns espaços pouco utilizados e, quando utilizados, não se mostram benéficos ao ensino, servindo até de pontos estratégicos de fuga para os estudantes. A quadra da escola não possui cobertura e, no momento da pesquisa, encontrava-se em reforma na sua estrutura, portanto, nem sempre se torna possível a utilização desse espaço pelos diferentes integrantes da escola.

A sala de vídeos encontra-se desativada por falta de manutenção dos computadores, que ficam amontoados nas mesas e cadeiras, além do principal fator contribuinte para o cenário encontrado, que é a avaria na estrutura física do teto, o que dificulta ainda mais a utilização da mesma. A escola dispõe de uma biblioteca bastante organizada, climatizada, e os alunos frequentam esse espaço assiduamente, por vontade própria ou recomendações do professor, sendo alguns materiais didáticos disponíveis para os discentes na biblioteca, tais como jogos matemáticos, raciocínio lógico, livros didáticos e paradidáticos, além de materiais de ciências, na área de anatomia e astronomia, história e ar-

queologia, produzidos pelos próprios alunos. Por meio de ações, falas e comportamentos observados, era perceptível o quanto era valioso aquele lugar. Certa vez perguntamos para os alunos dos anos finais por que eles gostavam de ir para a biblioteca, e uma aluna do 9º ano falou: *“Gosto de passar um tempo na biblioteca porque isso me acalma e muitas vezes muda meu humor”*. Outro aluno do 8º ano relatou: *“Sempre pego um livro aqui, porque me ajuda a ler e entender as coisas mais rápido”*. Outra fala sincera, como a de aluno do 7º ano, foi reveladora: *“Prefiro aprender a ler sozinho. Não gosto muito do barulho da sala, nem da professora gritando”*.

É possível perceber que, por diferentes motivos, esse espaço é vivenciado por diferentes estudantes e funciona na escola como um refúgio ou uma espécie de recanto sagrado de aprendizagem, onde muitos estudantes encontram suas próprias respostas no calor dos livros, sendo, assim, agentes dos seus conhecimentos.

Todos os alunos têm acesso a alimentação, proveniente da merenda escolar. A cozinha é bastante organizada, limpa, não faltam as ferramentas de trabalho. A comida é bem preparada, porém o espaço físico é pequeno, com um freezer e uma geladeira, que estocam as merendas dos alunos. A cozinha ainda possui um fogão industrial onde são preparadas as comidas que são servidas aos alunos. Por mais que se tenha uma alimentação balanceada e acompanhada por um nutricionista, pudemos observar que os alunos não fazem as refeições com frequência, pois sempre há uma preferência de cardápio, pois, quando é servida uma papa, por exemplo, é o dia com menos frequência no refeitório.

Os demais espaços físicos da instituição, como a secretaria, coordenação, sala dos professores, têm o acesso restrito somente a pessoas autorizadas. Os banheiros são de fácil acesso e estão preparados para recepcionar sempre as pessoas que os utilizam, portando necessidades especiais ou não, sendo toda essa parte acessível ao público frequentador.

A gestão escolar é bem democrática e pacífica, a equipe é bem harmônica, facilitadora dos diálogos, sem muitas hierarquias. São feitas reuniões praticamente mensais, e a administração atual permite que o professor tenha autonomia pedagógica para ministrar suas aulas. Ao longo do acompanhamento, percebemos que houve poucas participações da família na escola, e, após questionamento, a diretora da escola informou que nem 65% dos pais compareceram às reuniões, conforme esclarece: “A grande maioria, cerca de 80% dos pais de alunos matriculados, só frequenta a escola em casos extremos com seus filhos ou em datas comemorativas, [como] dia das mães, dia dos pais ou algum evento organizado pela escola”. Durante a minha imersão não tive a oportunidade de vivenciar uma reunião de pais e mestres, pois a reunião teria acontecido na semana anterior e, mesmo assim, o número de presenças de pais foi baixíssimo.

As observações a seguir foram feitas com base na experimentação dos princípios de Goethe. A observação do fenômeno (ou fenomenologia de Goethe aplicada) ajuda a compreender o fenômeno sem que haja interferências dos seus conceitos pré-concebidos, sem rótulos ou julgamentos (GHELMAN, 2000, p. 260-271). Observando a rotina do intervalo no pátio, percebi que entre o corpo estudantil não havia boas práticas de prevenção de doenças, e os hábitos de higiene eram relativamente escassos, como, por exemplo, alunos compartilhando o mesmo copo utilizado para beber água, e o cuidado com o lixo quase que não existia.

“O que percebi em minhas observações [...], principalmente no horário de intervalo, basicamente foram corpos vazios de esperança peregrinando em meio ao espaço, com sede de movimento, arte e expressões profundas, pois as próprias intenções da atmosfera estavam fadadas ao vazio”.

Acompanhando os professores dentro da sala de aula, nas turmas dos Anos Finais, observei que havia pouco empoderamento dos espaços escolares e muitas vezes algo na rotina os incomodava, além de serem os incômodos fatores de complicações externas, quando os próprios alunos já teriam abandonado a causa por considerarem que eram incapazes de mudar a situação ou até mesmo solucionar.

Outro dado importante é como um indivíduo jovem consegue externalizar os comportamentos relacionados às imagens ligadas ao seu cotidiano de família e o quanto os jovens estão carentes de atenção dos indivíduos que integram sua família e até que ponto eles estão dispostos a conseguir essa atenção, e é por meio de pequenos atos comportamentais que às vezes deciframos os enigmas da natureza. Então fui bem atento e planejei uma intervenção em forma de oficina que também pudesse contribuir significativamente no cenário da escola.

Toda essa primeira parte do levantamento do chão de escola foi compartilhado em um evento denominado Fórum de Gestores, que aconteceu no próprio município, na Escola Padre Nicolau, e contou com a participação dos gestores das escolas do município, alunos de mestrado na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE e os residentes que participam do programa de extensão. Na apresentação da primeira leva de dados coletados nas escolas, fizemos um feedback para os gestores da rede municipal de Feira Nova, em que foram destacadas as principais fragilidades e potencialidades da instituição, e divulgamos as principais intervenções que aconteceriam ao longo do ano de 2018. Foi uma tarde de socialização dos trabalhos e seguimos organizando novas socializações, sempre promovendo novas experiências, conhecendo novos lugares e suas potencialidades, como, por exemplo, as visitas que fizemos ao Sistema

Agroflorestal Experimental, o SAFE-UFPE, e também ao Cais do Sertão, no Recife Antigo.

Vivências formativas

Quando a semana de vivências formativas enfim chegou, uma mistura de frio na barriga e, ao mesmo tempo, uma calma profunda invadem meu corpo no momento de partida até o destino final. Com tudo planejado, é chegada a hora de pôr na prática um plano de vivências formativas que acontecem simultaneamente para professores e alunos, com capacidade informativa de mover um Município Escolar, sem ser necessário parar um dia letivo. Todas as ações aconteceram em 3 dias consecutivos de trabalho de campo ativo. As 10 escolas receberam um turno de formação, ou seja, manhã ou tarde, de maneira que todas as escolas foram contempladas com as oficinas propostas pelo residente formador. Com isso, a cada dia da semana duas escolas do município recebiam oficinas para todas as turmas, enquanto seus professores contemplavam as oficinas propostas por especialistas.

Na primeira vivência formativa, a impressão que tive foi de terem me destinado uma turma rotulada por ter muitas dificuldades, segundo este depoimento: *“O 3º ano é complicado... são os alunos repetentes, somado aos alunos que não são alfabetizados e possuem dificuldades na alfabetização, junto com os educandos que têm histórico de má conduta em seu comportamento.”* Durante muito tempo tentei buscar conhecimentos que pudessem nortear um diálogo, e fui explicando o conteúdo a partir do cotidiano dos alunos, mas isso não surtiu muito efeito. Ao terminar a explanação teórica, algo me parecia vago, pois, mesmo com a participação dos alunos, esse conteúdo, na atmosfera da sala, estava de alguma forma abstrato ou flutuando. Em uma observação antes da parte prática eu consegui sentir o elemento que faltava

para amarrar o conhecimento, a ponte para a realidade da turma. O diálogo tinha sido proveitoso e, em meio a tantas palavras faladas, nada surtiu tanto efeito quanto a escrita, e, através da alfabetização, eu consegui o envolvimento necessário da turma na parte teórica. Na parte prática, que consistiu na produção de uma horta na comunidade escolar, pude observar todas as turmas, pois auxiliei na construção das covas de plantio. Notei que, basicamente, nos anos iniciais me deram uma aula, pois já possuíam habilidades incríveis com ferramentas e trabalho manual.

Vivências formativas nas demais escolas de Feira Nova

Escola Manoel Antônio Aguiar

Na segunda oficina, assim que chegamos fomos divididos e fiquei responsável pela turma do 8º ano. Os alunos, bem mais maduros em relação à turma anterior, eram medianamente participativos, colaboraram bastante sobre suas concepções em torno do tema consciência ambiental, e, em um diálogo, pudemos revisar sobre relevo, vegetação, tipos variados de vegetação, e refletir sobre problemas sofridos pela falta de consciência ambiental. Após a abordagem teórica, conduzimos os alunos a uma visita ao entorno da escola, para que assim pudessemos descrever o cenário ecológico vivido por eles naquele momento, e assim eles iriam destacar o que mais lhes chamasse atenção na natureza. Nesse momento notei que o diálogo com os alunos ajudava a alçar um nível maior e mais profundo, e, em meio às explicações teóricas e o ambiente natural, a natureza tornou-se um elemento chave na nossa aproximação interpessoal. Após o término desse momento pudemos experimentar outra atividade prática, que foi mais um momento de apreciação dos alunos detentores do domínio de téc-

nicas de plantio e manejo de ferramentas de modo correto, otimizando sua operação de modo simples e prático, uma experiência que realmente marca a vida de um professor em formação.

Escola Padre Nicolau Pimentel

Desde o início essa oficina exigiu uma concentração e um refinamento cuidadosos, ao serem abordados os conteúdos de preconceito, intolerância e afins, pois trata-se de assuntos históricos do passado que reverberam no presente, como uma sombra social maquiada por uma aceitação vigente perante a sociedade midiática. Falar de racismo requer uma flexibilidade do professor para que ele possa transmutar-se em diferentes figuras arquetípicas, que auxiliam no resgate de imagens e seus respectivos valores, para que seja introduzida conscientemente a ideia de igualdade e respeito ao indivíduo com o seu semelhante, a partir da autoconsciência crítica, e assim tentar sensibilizar sobre os paradigmas que circundam o preconceito, usando uma lente de empatia.

Então optei por iniciar uma roda de diálogos com o tema voltado às imagens de rei, rainha, príncipes e princesas e, através das histórias citadas pelos alunos, fui trazendo elementos que representavam a evolução histórica da imagem do negro e do branco. Nesse mesmo momento pude trazer o elemento da cultura, a geografia e os grandes líderes defensores de sua cultura, músicas e poesias, em um viés comparativo, ainda sem atribuição de valores. Destaco um ponto positivo dessa etapa, que foi o despertar da curiosidade, sendo quase impossível ignorar os mais variados tipos de perguntas que surgiram, das quais tentei, encaixando os conteúdos de forma mais coerente possível sobre as ideias de intolerância, preconceito, curiosidades, marginalização, estereótipo e imagem, apenas instigando o levantamento do “eu” questionador, para ativar seu modo crítico profundo, fa-

zer uso desse gancho para aplicar o jogo proposto pela oficina, utilizando o lúdico como uma ferramenta de avaliação, fixação e domínio do conteúdo. Em minha diagnose os cartões com os textos trouxeram para sala um clima reflexivo, o que fizemos basicamente ao repensar nos hábitos, e os alunos embarcaram no pensamento, fazendo com que perdêssemos o tempo de intervalo, pois não conseguimos abandonar nossos pensamentos pela metade e decidimos continuar e fazer um intervalo após a atividade. No intervalo oficial os alunos puderam contemplar uma vivência de músicas e danças africanas, com o principal objetivo de desmistificar as informações que são tratadas de forma oculta e opressora no cenário social e destacar a importância dessas manifestações artísticas para se manter em um cena cultural que não pode ser extinta ou simplesmente ignorada. Ao retornarmos à sala fizemos a contagem dos pontos e os informes sobre o vencedor do jogo; posteriormente iniciamos as manifestações artísticas na sala para uma confecção do cartaz, e foi incrível como a atmosfera da sala mudou diante das cores das tintas e dos lápis. Aproveitei a agitação do intervalo para os engajados em atividades artísticas e produzimos um cartaz sobre a África e uma árvore da paz, onde cada folha continha mensagens de paz.

No encerramento da oficina destinei um momento para responder perguntas de dúvidas e curiosidades, tais como: *“Professor, então qual é o certo e o errado?”*; *“Como é essa religião? Você conhece?”*; *“Me explique um pouco sobre reis da África?”*. O outro momento foi destinado a fazer uma retrospectiva da aula e ainda ouvir o feedback dos alunos, e para minha surpresa tive um resultado negativo, que foi relacionado aos cartões do jogo, que ficaram um pouco restritos entre os grupos. Não foram delegadas muitas funções a esse grupo, mas, mesmo assim, ainda gostaram da oficina e do tema, e nesse momento pude perceber

o quanto é fundamental destinar um tempo de sua aula para ouvir seus alunos, e isso é muito marcante nesse programa.

Conquistar a turma é uma das tarefas primordiais para a fluidez das oficinas, para que seja possível obter uma relação positiva com os alunos sem que haja danos ao aprendizado. Promover a interação da classe aparentemente é uma tarefa bem difícil, mas a criatividade se mostra uma ferramenta indispensável e mais uma vez ressalto a importância do trabalho manual artístico para a melhoria das interações interpessoais da classe em um trabalho coletivo.

Escola Iva Ferreira de Souza

No princípio essa oficina em especial me deixou muito curioso e desde então esperei ansiosamente para aplicá-la, pois trabalhar aspectos humanos dentro do ambiente escolar é algo de que gosto e isso faz toda a diferença na fluidez do conteúdo, com o clima dentro da sala aula guiado por uma atmosfera de aliança, confiança e abertura. Vivenciar oportunidades que proporcionem estreitamento no diálogo permite direcionar os holofotes para o nosso “eu”, fortalecendo o caráter, prestigiando a profunda formação do indivíduo adulto consciente de si e dos seus atos.

Todas as atividades elaboradas e pensadas pelos residentes serviram como uma luva na turma em que fui responsável por ofertar a oficina. O engajamento dos alunos e a oportunidade de compartilhar experiências nossas, sem perder o significado de uma aula, geram um aprofundamento nos valores inter-relacionais, e o profissional muitas vezes conduz a um *flow* dentro de uma perspectiva sensível, ao olhar para o ser humano que está por trás do personagem aluno.

Este certamente foi um dos trabalhos mais emocionantes que já executei, que me exigiu um autocontrole entre pensar,

sentir e agir. Dar espaço para que pessoas falem o que elas sentem quando o que elas mais querem é serem ouvidas vai ser como uma bagagem que eu carregarei em minhas viagens no mundo da educação. Aulas como essas são exemplos de trocas enriquecedoras das relações interpessoais entre professor/aluno, aluno/professor, aluno/aluno, criando uma relação que Rudolf Steiner chama de “autoridade amada”.

Escola Municipal Francisco Coelho/Escola Municipal João Chéu

Essa oficina foi oferecida aos professores de duas escolas do município em horários diferentes: pela manhã aconteceu na Escola Municipal Francisco Coelho, e no horário da tarde, na Escola Municipal João Chéu. Foi uma experiência inédita em minha carreira como licenciando oferecer capacitação a professores, e, para meu primeiro contato com capacitações, posso dizer que o rendimento foi proveitoso, contemplando diferentes áreas de ensino, e atingiu a sensibilização prevista acerca do compromisso do professor como um potencial agente de identificação das demandas sociais da sua comunidade. Vale enfatizar também que é uma ótima oportunidade de o professor se pôr no lugar de aluno e aprender como é possível transformar as coisas ao nosso redor pela simples perspectiva de desconstrução das hierarquias dentro de sala, na tentativa de revalidar o pensamento e ultrapassar as barreiras aluno-professor.

A parte mais marcante dessa oficina foi quando vi os professores todos engajados em equipes nas atividades práticas da oficina, revelando a importância do fazer através do trabalho manual. Transformar o lixo num produto útil para a escola me fez sentir uma profunda gratidão, e para mim valeu muito ver os olhos do professor de Ed. Física vidrados em um troféu construído com garrafas pet e Etileno Acetato de Vinila E.V.A. Ver a

aplicabilidade do meu trabalho nos processos da aprendizagem na formação desses professores das duas escolas alimentou o sentimento de dever cumprido.

Segundo encontro

Desta vez a experiência na escola foi de coordenar os residentes que estavam em ação na escola, e percebi que coordenar toda a ação é uma grande responsabilidade. Apoiar, ouvir, resolver possíveis complicações e programar tudo para que aconteça perfeitamente não foi uma tarefa fácil, mas uma ótima oportunidade de aprendizagem. Quando o trabalho das oficinas é finalizado e o exercício do espírito de liderança é feito, podemos observar o quanto nosso empenho e dedicação são importantes para se ter a sensação de missão cumprida.

Escola Municipal João Chéu

Uma das vivências que executei com bastante leveza e profundidade, com o público-alvo de crianças em processo de alfabetização, foi a oficina planejada pela residente Samarina Fernandes, que eu poderia descrever em uma frase: “diversão, aprendizagem e artes: a trinca perfeita”. A atmosfera de paz do local impregna a sala de aula, e isso ajuda o professor na condução das atividades, com o som da natureza transformando a sala de aula em um ambiente renovador.

Considerações finais

Sobre esta experiência, podemos concluir que um processo de formação de professores e alunos de um município tem um poder de impacto avassalador. É como se um arco-íris da educação

cheio de intervenções cobrisse uma rede de escolas municipais. É algo renovador, instigante, impactante, curioso e muito motivador saber que fizemos parte de um processo cíclico de transformações e que podemos considerar o indivíduo e a natureza como protagonistas e detentores do conhecimento, e que todo esse compilado de informações e experiências sustenta os pilares da base da formação do profissional licenciado. Propostas como o Programa de Residência Docente não só qualificam, enriquecem e preparam um bom currículo profissional, mas também ampliam a consciência, empoderam, resgatam, nutrem o que há de mais belo na escola: uma aprendizagem significativa, confortante e curativa.

Referências

CSIKSZENTMIHALYI, M.; CSIKSZENTMIHALYI, I. S. *Optimal experience: psychological studies of flow in consciousness*. United Kingdom: Cambridge University Press, 1988.

CSIKSZENTMIHALYI, M. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

DE SOUZA, S. E.; DE GODOY DALCOLLE, G. A. V. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. Trabalho de Conclusão de Curso, 2007.

GHELMAN, R. Dissociação entre homem e natureza. *Anais da IV conferência brasileira de agricultura biodinâmica*. USP Cidade Universitária, São paulo: Editora Antroposófica, 2000, p. 260- 271.

GADOTTI, M. *Pedagogia da Terra*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2000.

PORTAL QEDU. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/escola/97284-escola-fran-cisco-coelho-da-silveira/censo-escolar>. Acesso em: 24 de set. 2018.

STEINER, R. *Questão pedagógica como questão social*. 1. ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2009.

ZABALZA, M. A. *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

PROTAGONISMO E SUPERAÇÃO NA RESIDÊNCIA DOCENTE NAS CIÊNCIAS: uma experiência na Escola Municipal Manoel Antônio de Aguiar

Gustavo Henrique da Silva Barbosa¹

Mirian Rodrigues da Silva²

Introdução

O programa de extensão Residência Docente nas Ciências (ReDEC) é uma parceria da Universidade Federal de Pernambuco, mais precisamente do Centro de Educação, com o município de Feira Nova-PE. Esse programa, que é inovador no âmbito de formação de professores em formação e em exercício, tem seu sucesso evidenciado desde o ano de 2017, sob a coordenação do Dr. Marcos Alexandre de Melo Barros, professor do Centro de Educação da UFPE, e do mestrando em Ensino de Ciências, Fredson Murilo da Silva, e conta com o apoio da Prefeitura, juntamente com a Secretaria de Educação.

Antes da imersão para a vivência da residência docente em Feira Nova, tivemos algumas reuniões em que discutimos textos, artigos, documentos e formulários com conteúdos relacionados

1 Licenciando em Ciências Biológicas/UFPE.

2 Gestora da Escola Municipal Manoel Antônio de Aguiar /Feira Nova.

ao nosso trabalho, que nos permitiram fazer as mais diversas análises, desde o sucesso da metodologia de ensino e aprendizagem empregados nas escolas do município até as fragilidades e potencialidades notáveis das instituições de ensino, que, posteriormente, poderiam ser corrigidas e/ou valorizadas pelos residentes extensionistas, juntamente com sua equipe escolar.

Em nossas reuniões abordamos um importante teórico para a educação básica, chamado Zabalza, que expõe com muita propriedade as coreografias didáticas, que nada mais são do que alusão ao universo das artes, principalmente pelos ritmos da dança, com as preparações anteriores e posteriores a espetáculos. Dessa forma, o professor assume o papel de coreógrafo e é quem lidera os movimentos do processo de aprendizagem.

Segundo Zabalza (2015), as coreografias didáticas seguem uma sequência de análise para a sua aplicabilidade, como: i) antecipação do plano de ação a ser desenvolvido; ii) aplicação das atividades previstas; iii) construção do significado da ação realizada; iv) generalização da experiência e v) reflexões sobre experiências similares.

Fizemos também uma visita prévia às 10 escolas do município, juntamente com a coordenação do programa e com o secretário de educação, vivenciando um pouco da particularidade de cada instituição de ensino, a fim de estreitar de imediato os laços pedagógicos com nossos futuros campos de atuação e possivelmente um importante marco na nossa formação enquanto professores da educação básica.

Em nossos encontros precisávamos nos preparar o suficiente para o cenário com que posteriormente iríamos nos deparar. Produzimos formulários para extrair respostas de gestores, professores e alunos, compartilhamos livros, textos e apostilas e juntos construímos o modelo ideal de avaliação do estado atual

da educação da cidade de Feira Nova e como atuar causando impacto positivo na mesma.

Estágio curricular obrigatório *versus* residência docente

Para Pimenta (2001), entre outras coisas, o estágio proporciona aos alunos um suporte importante para o desenvolvimento de competências essenciais para o exercício profissional.

De acordo com Gil Pérez (1996), é necessário questionar as visões simplistas sobre a formação dos professores de Ciências e buscar uma formação mais completa, para garantir uma docência de qualidade. Essa é uma tarefa complexa, principalmente pelas limitações dos cursos de graduação e pelo tempo restrito dispensado à formação inicial nesses cursos. Por outro lado, o autor afirma que muitos dos problemas do processo de ensino-aprendizagem não adquirem sentido até que o professor os enfrente em sua própria prática cotidiana.

Segundo Schmall et al. (2006), muitos pesquisadores têm apontado fragilidades nos cursos de licenciatura, indicando a necessidade de mudanças estruturais nas disciplinas de formação pedagógica e, em especial, na disciplina de estágio curricular supervisionado.

Lima (2008) afirma que a disciplina estágio é, sob alguns aspectos, incompleta. Para a autora, embora o estágio constitua um importante espaço de aprendizagem da profissão docente e de construção profissional, é no efetivo exercício do magistério que a profissão docente vai ser de fato aprendida.

De acordo com Pimenta (2012), a finalidade do estágio é levar os alunos a uma análise das realidades sobre as quais atuam, e servir como fonte de experiências concretas para a discussão sobre a questão de ensino e conhecimento pedagógico. Para Aroeira (2014), nos últimos estudos disponíveis na literatura

são encontradas algumas fraquezas nas atividades do estágio supervisionado e que mudanças são necessárias na formação dos docentes. A autora ainda afirma:

O estágio não pode sozinho torna-se responsável pela unidade teoria e prática na formação do futuro professor, muito menos colaborar para isso quando são esboçadas limitações no projeto do curso formador, e quando não há condições mínimas para operar práticas de ensino desejáveis (AROEIRA, 2014).

Nos estágios curriculares os alunos observam a prática do ensino, e o espaço onde se aplica é valorizado como importante na formação inicial desde o início do período republicano (SILVESTRE, 2016). Os estágios supervisionados têm uma carga de 400 horas, em que o licenciado ministra poucas aulas e limita-se mais à observação. Mas o questionamento que se faz é se os estágios na academia são suficientes para atuação em uma sala de aula. Apesar de o papel do estágio obrigatório ser amplamente discutido, uma nova proposta tem sido apresentada na literatura.

Para Ricci (2011, p. 2):

a proposta de residência docente, para professores já formados, não é novidade. Aliás, foi tema de Projeto de Lei do Senado em 2007. Tal projeto, nº 227, atualmente arquivado devido ao término da legislatura do autor, senador Marco Maciel, propõe alterações nos artigos 65 e 87 da LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/96).

A residência docente foi inspirada no programa de residência médica, que é de suma importância para a vida profissional após o término da graduação (ABRUCIO, 2016). A Residência Docente proporciona ao aluno da licenciatura um tempo de aprendizagem integral, no interior na realidade escolar sob a orientação

de seus coordenadores, mas sendo o protagonista do caminho a traçar. Para o desenvolvimento da Residência Docente são necessárias a comunicação e a articulação entre a Universidade e a escola-campo, em apoio com o estudante universitário e todos aqueles que fazem a equipe escolar.

A residência docente vem como uma alternativa de pôr em prática as atividades docentes dos alunos da licenciatura, descentralizando o seu posicionamento de observador e levando-o a ser protagonista e articulador em sua sala de aula. A experiência de “coreografar” e atuar em totalidade como membro da escola permite um maior sucesso ao residente do que ao estagiário, quando tratamos de conhecer de fato o funcionamento de uma escola e como nela agir.

Protagonismo atuante do professor em formação

Sabemos que a escolha de um curso de licenciatura, ao se ingressar na universidade, deveria ser interpretada de uma forma mais séria e sem muitos idealismos, assim como sabemos que atuar como professor após o término de sua vida acadêmica também não é uma tarefa fácil. Em um mundo globalizado e rodeado de tecnologia em todos os âmbitos as escolas necessitam de professores visionários, uma vez que o quadro branco e o pincel não surtem os mesmos efeitos de outrora.

Na universidade os licenciandos se deparam com um leque de oportunidades acadêmicas que não são o da docência, principalmente quando falamos das ciências exatas e da natureza, que, por muitas vezes, atraem esses discentes dos cursos de licenciatura para seus laboratórios e projetos que envolvam pesquisa científica sem a presença da docência ou de qualquer ponto que ligue a docência a essa pesquisa. O mesmo cenário envolve alunos da graduação que, após o seu primeiro estágio curricular

obrigatório, pensam em não exercer a profissão de professor ao fim de sua trajetória acadêmica devido a sua experiência negativa em sala de aula enquanto graduando.

Mesmo com todas as disciplinas que norteiam e permitem que os licenciandos vivenciem a sala de aula ainda como estudantes, há uma baixa adesão dos discentes das licenciaturas às atividades ligadas à docência. Ser professor é algo temido por alguns, que recorrem a outras atividades ou que simplesmente terminam o curso, não exercem a docência e voltam à universidade, a fim de se encontrarem em uma profissão.

Talvez os estudantes de licenciatura das universidades não almejem a docência pelo baixo protagonismo que exercem nos estágios obrigatórios em sala de aula e em outras atividades, tais como pesquisa e extensão. O licenciando precisa exercer o protagonismo de pensar, planejar e aplicar suas atividades na escola enquanto estagiário, com o mínimo possível de empecilhos impostos pela academia e pelas instituições de educação básica.

A residência docente tem por natureza um processo educacional que leva o licenciando a exercer um papel de agente com muitas responsabilidades, tão importantes que podem ser comparadas às de um professor já formado e em exercício. Especificamente a residência docente nas ciências da UFPE criou um modelo de formação denominado Vivências Formativas. O modelo de vivências formativas traz uma única, inovadora e ampla oportunidade para que os residentes exerçam seu protagonismo enquanto professores, quando passam a assumir a sala de aula sem a presença do professor responsável pela mesma. Após coreografar a escola, o residente tem em mãos o modelo-base de aprendizagem para fazer seus planejamentos, desenvolver suas atividades e exercer suas práticas. O modelo de vivências formativas também permite a formação dos professores no horário de suas aulas, levando temas relevantes para sua instituição. Esse

tipo de formação inovadora acarreta benefício também para o aluno, que recebe os residentes em suas respectivas salas para realizarem atividades práticas em forma de oficinas.

Talvez se a residência docente fosse uma alternativa na academia para que os licenciandos pudessem vivenciar de uma forma mais profunda o papel do professor em sala de aula, a paixão dos alunos pela docência fosse despertada. Além disso, seria necessária também a mudança das abordagens das disciplinas na universidade, e, dessa forma, nosso formato educacional do ensino básico ao ensino superior precisa facilitar de forma eficaz e efetiva adesão dos alunos das licenciaturas à educação.

De observador a agente transformador da sala de aula

As práticas pedagógicas dos alunos das licenciaturas são exercidas nos estágios curriculares obrigatórios, que têm uma grande carga horária dedicada à observação do ambiente escolar e das aulas do professor supervisor. Essas observações são de suma importância para a compreensão do funcionamento escolar e das aulas que acontecem durante os estágios, embora, muitas vezes, o aluno assuma somente o papel de observador dessas aulas e passivamente vai caminhando ao fim da sua história acadêmica sem a devida experiência na docência.

O papel dos estágios é de suma importância nos cursos de licenciatura, mas inovar é sempre preciso; atualizar-se para uma prática de sucesso é imprescindível e sempre saber que precisará seguir em frente diante dos diversos acontecimentos na sala de aula é essencial. O posicionamento de observador nos releva como um professor lida com sua sala de aula, como um gestor rege uma reunião, como um coordenador conduz um problema com determinado professor e, principalmente, como o aluno se porta na sala de aula. Quando tomamos a posição de observador,

o foco são os alunos, e o principal ponto que devemos observar é como esses indivíduos aprendem, que estratégias de ensino os instigam, que tipo de aula leva-os a participar, como esses alunos reagem às aulas tradicionais, etc.

O residente precisa ser observador e crítico, precisa saber quando começar e quanto terminar suas ações e como fazer com que atinja o maior número possível de participantes da comunidade escolar, desde a gestora às merendeiras. A principal tarefa é, portanto, entender e buscar solucionar problemas e potencializar as qualidades, e essas atividades jamais serão realizadas por observadores.

Diagnóstico da escola

A Escola Manuel Antônio de Aguiar está localizada na zona rural no sítio Terra Nova s/n, Feira Nova-PE. A escola possui cinco salas de aula, cozinha, diretoria (onde funcionam também a secretaria, a coordenação e a sala dos professores), área para lazer, biblioteca (prédio externo), despensa e duas salas vazias, que guardam alguns materiais didáticos eventualmente quando algum professor solicita.

O cenário da educação na escola Manuel Antônio de Aguiar é altamente frágil e, enquanto residente, pude notar que essa fragilidade é antiga e ainda perdura, mesmo em sua atual gestão. A escola tem um grande potencial, quando tratamos de sua gestão e estrutura física.

Acredito que trabalhar com mudanças na educação é algo árduo e gradativo e que seus frutos demoram a ser colhidos, mas é necessário ser atuante para essa mudança. O novo (tecnologia, novas metodologias de aprendizagem) é algo bem aceito pelos educandos da atualidade, mas que ainda é pouco explorado nas

instituições de ensino. Falta uma ligação do professor (que é quem passa a maior parte do tempo em conexão com os educandos) com o aluno; falta estabelecer uma conectividade real que toque esses alunos para se obter sucesso em sua prática docente. Diante do cenário atual da instituição, faz-se necessário ir além do que se pratica no momento; resgatar esses alunos que mal sabem ler e escrever é uma missão que deve ser cumprida dia a dia, incansavelmente, até que se obtenha o mínimo do sucesso.

Gestão democrática e atuante

A tarefa de conduzir uma escola sendo protagonista da sua função e superar as barreiras não é uma tarefa fácil. A gestão de uma escola precisa atender diversas e notórias diversidades, e o tema gestão democrática é bastante discutido atualmente, além de ser também um desafio para quem assume a gestão, tanto quanto para sua equipe, pois é necessário um trabalho com ampla participação de todos os membros da escola e da comunidade, buscando a descentralização do poder do gestor.

A gestão democrática é de grande relevância e importância para a condução de uma instituição de ensino, sendo o marco para o sucesso de um ambiente favorável a um trabalho de qualidade dos demais funcionários da escola e do bem-estar discente. Para que ocorram importantes mudanças na escola precisa-se de uma gestão democrática, em que todos participem do processo de gerir a escola, opinando em pautas e atuando em ações, todos juntos, funcionários, professores, alunos e a comunidade. O gestor é o responsável por instituir a democracia na escola, principalmente quando falamos de escola pública, devendo proporcionar a todos os membros envolvidos um ambiente escolar de felicidade.

Mesmo sendo uma escola de zona rural, simples e humilde, a EMAA, desde o ano de 2017, conta com uma gestão atuante e que almeja mudanças em parâmetros educacionais que acarretem melhoria na escola. A equipe de gestão, formada por três fortes mulheres nas posições de gestora, coordenadora e secretária, diariamente renova suas práticas para o sucesso de uma escola com princípios educacionais e humanos que atinjam a sua equipe de trabalho (professores e equipe técnica) e seus alunos.

Toda a equipe de gestão tem vasta experiência em educação, cada uma com no mínimo 20 anos dedicados à sala de aula e à rotatividade de cargos nas escolas, que as tornam capazes de desenvolver uma gestão atuante e democrática.

Potencialidades da instituição

Toda e qualquer instituição de ensino tem suas fragilidades e suas qualidades, e às vezes a própria potencialidade da escola é a sua maior fragilidade, ou vice e versa, sendo necessário, portanto, um olhar crítico da gestão e de toda a comunidade que integra a escola, para que se encontrem possíveis soluções para as fragilidades e possíveis ações para a efetivação das potencialidades. É de suma importância que a gestão e toda a comunidade escolar não fechem os olhos para tais fatos, sabendo também que as fragilidades e as potencialidades não devem se ater somente a atributos físicos da escola. O gestor tem o dever de analisar as fragilidades e potencialidades de suas coordenações, que, por sua vez, analisam as dos professores, que analisarão as dos seus alunos, e essa corrente deve ser rebobinada do aluno até a gestão.

Como residente inserido e totalmente imerso no cenário da escola, um dos deveres enquanto observador do campo da residência era destacar as fragilidades e, respectivamente, as potencialidades. No entanto, o olhar do residente deveria ser

voltado para a observação das potencialidades físicas e humanas presentes na escola durante uma semana de vivências. As potencialidades da Escola Manoel Antônio de Aguiar são tão notórias quanto se pode imaginar. A escola tem a maior biblioteca dentre as escolas do município, recém-reformada e muito bem organizada, e duas salas não utilizadas que guardam materiais de ensino/didáticos e de outros tipos.

Aliando a boa vontade dos seus alunos (que ainda é subestimada) e a da gestão, vemos uma gigante potencialidade na Manuel Antônio de Aguiar. As possibilidades de futuros projetos (laboratório de Biologia, Química e Física, projeto de leitura, escrita, reforço e Matemática) que interfiram positivamente na educação escolar desses alunos são inúmeras e certamente serão possíveis graças ao trabalho da gestão, com o corpo discente, em conjunto com a residência docente.

Relato de experiência

O olhar da gestão sobre a ReDEC

A Escola Municipal Manoel Antônio de Aguiar, localizada no Sítio Terra Nova, zona rural, sob a gestão da professora Mirian Rodrigues da Silva e da coordenadora de ensino Selma Cristina Lemos Dutra, no decorrer do biênio 2017-2018 recebe e abraça uma nova experiência que tem sido favorável ao seu crescimento: a presença e atuação dos residentes nessa instituição de ensino tem sido a junção do útil ao agradável, pelo fato de trazerem inovações, como também colocarem em prática o que se aprende nas faculdades. Sabemos que o conhecimento teórico só poderá se consolidar quando se põe em prática. É visível que nas diversas esferas sociais o uso da tecnologia de novidades

tem despertado o interesse da população, e não podemos admitir que na educação não haja mobilidade, continuando estática, sem mudanças e sem acompanhamento a uma geração que a cada momento avança em múltiplos conhecimentos. Uma escola que não se preocupa em se atualizar fica cada vez mais monótona, causando o desinteresse do corpo discente e impedindo o ensino-aprendizagem.

A atuação dos residentes, em especial do residente Gustavo, tem contribuído positivamente para o crescimento do corpo discente da escola. Algo notável na participação destes nas aulas, por serem dadas de uma forma dinâmica, com atividades lúdicas e oficinas, é o fato de os alunos se sentirem atraídos no que favorece uma aprendizagem significativa. As formações para os professores têm sido muito proveitosas, considerando a necessidade dessa instituição de ensino. Os professores participaram ativamente como também aplicaram seus conhecimentos nas suas aulas.

A Escola Manoel Antônio de Aguiar acredita que na educação os resultados na sua maioria não são imediatos, mas a perseverança em semear deve ser contínua e as sementes de boa qualidade. São incontáveis os desafios que nos sobrevêm a cada dia, mas uma equipe que se preza e oferece o melhor, embora com muitos sacrifícios, aguarda por bons frutos. Agradecemos à família Aguiar, que afetivamente recebe e abraça essa causa. Eis aí o motivo do nosso crescimento.

Nossa gratidão a todos os residentes, ao Dr. Marcos Barros e a Fredson, que acreditaram em nós, empenhando-se em oferecer o melhor, ao Secretário de Educação, Claudison Vieira, e à Coordenadora de Ensino, Gerly Paiva, bem como ao Gestor Municipal, Danilson Gonzaga, pela hombridade de reconhecer que educação se faz com vontade, determinação, apoio e ação.

O olhar do residente

O principal olhar de um licenciando além da academia tem que ser a sala de aula. É nesse espaço de sala de aula em que todos os aportes teóricos vêm a se consolidar e é nesse espaço em que se formam de fato os professores. É na rotina de sala de aula e no atendimento às necessidades dos alunos que aprendemos a lidar com as demandas e os conflitos presentes diariamente na rotina da sala de aula, e que não podem ser ignoradas. Estar inserido como professor em uma sala de aula é um vínculo altamente forte com o aluno ali presente, pois, afinal, o professor é um exemplo a ser seguido.

A experiência de assumir diversas salas de aula das mais variadas faixas etárias e sem a presença do professor para orientar é um momento realmente indescritível. Ao longo dos três dias de imersão fui inserido em seis turmas, sendo cada uma delas em diferentes escolas e turmas; em algumas delas estava sozinho e outras, em dupla. Posso afirmar que tudo muda todas as teorias, toda a nossa base e preparação para tal, todo o nosso planejamento, autoestima e paciência. É um momento ímpar, mas é também um momento de adaptação a todo instante, pela constante mudança de personalidade e comportamento, que varia em cada escola, em cada turma e em cada aluno.

Colocar em prática o papel de organizador de eventos como encontros de vivências e fóruns de gestores também enriqueceu a minha prática, que não se ateve somente a dar aulas e realizar atividades avaliativas. Foram eventos (dois encontros de vivências em Ensino de Ciências) em que compartilhamos as nossas experiências em pesquisas que realizamos na própria residência, além de organizarmos dois fóruns de gestores de grande sucesso, com o objetivo de atingir quem comanda uma escola democraticamente, que são os gestores. O mais importante desse

tipo de trabalho é a confiança e a responsabilidade que lhe são atribuídas, retornando de uma forma positiva para o sucesso desses tipos de eventos.

Em determinados momentos senti-me bastante seguro, pois fui inserido em turmas tranquilas e seguia firme, com o objetivo de oferecer algo dinâmico, diferente e novo para os alunos ali presentes, mas, como havia afirmado antes, é muito desafiador e coisas inesperadas aconteceram, tais como perguntas complexas ou com o intuito de nos desestabilizar, ou perguntas de interesse verdadeiro, às quais não estava preparado para responder, bem como situações como brigas e discussões entre os alunos em sala de aula e que, enquanto professor (pelo menos naquele momento), tinha obrigação de intervir. A diferença de faixa etária dos alunos também mexe um pouco com nossa didática, ainda que não estejamos preparados, como, por exemplo, lidar com as turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, quando é preciso muita adaptação da linguagem para alcançar o objetivo da oficina, que é ensinar determinado assunto à determinada turma, não importando sua faixa etária.

As vivências formativas consistem em um momento de preparação para professores, alunos e gestores de uma determinada escola. Realizamos três vivências formativas em 9 meses de programa, sendo uma em setembro, outra em outubro e a última em novembro, nos turnos matutino e vespertino, quando em três dias tivemos como objetivo alcançar todas as 10 escolas do município, intervindo positivamente em suas respectivas necessidades. Esses três dias de vivências formativas em que muitas adaptações foram implantadas causaram impacto positivo e um novo olhar da sala de aula, o que nos demonstra que nem nos estágios curriculares conseguimos assimilar tanta coisa como nesse tipo de formação.

Fomos muito bem recebidos por todos que fazem a educação na cidade de Feira Nova - PE, assim como também fomos bem recebidos pelos gestores, professores e alunos em suas respectivas escolas. As vivências formativas, mesmo ocorrendo em poucos dias, trouxe um enorme ganho de experiências que certamente jamais será esquecido. Acredito que a preparação para assumir uma sala de aula ainda está em construção, até mesmo de quem já assumiu e assume diariamente, pois é algo que se renova a cada dia e não tem como ser altamente experiente quando os desafios surgem e você é quem primeiro deve solucioná-los. Acredito também que, para se tornar um bom professor, é preciso estar completamente inserido em sala de aula o mais cedo possível durante o ciclo acadêmico.

Poder passar por diferentes escolas, gestão, turmas e alunos me fez repensar muito sobre a sala de aula e meu papel como professor. Os sentimentos de medo, satisfação, alegria e prazer sempre estiveram comigo em todas as aulas que ministrei, e acredito que alcancei os respectivos objetivos das oficinas propostas pelos residentes para suas escolas e para a minha. Posso afirmar fielmente que essa primeira semana de imersão já contribuiu muito para a minha formação e que só confirmou mais ainda que de fato a educação seja o meu lugar.

Considerações finais

Considero a residência docente como um ponto de partida para uma docência promissora e feliz, e a imersão de ampla magnitude proporciona ao licenciando uma vivência da escola em totalidade. A residência é um fenômeno que deveria ser experimentado por todos os cursos de licenciatura, e talvez assim formaríamos professores mais preparados para assumir as salas de aula com a probabilidade de maior êxito em sua prática pedagógica. Assumir

uma sala de aula sozinho e ainda em formação é algo desafiador. É nesse momento que o licenciando faz uma análise e atua por completo como elemento transformador e motivador da sala de aula.

É de extrema importância o protagonismo do residente, que, juntamente à sensibilidade de poder perceber e de se sentir parte do espaço da escola, mesmo por um curto momento de tempo, pode ser o principal agente transformador do meio. O modelo de residência docente exige um alto protagonismo do licenciando residente, o que acarreta delegar responsabilidade e autonomia aos mesmos. Todos os futuros professores que passaram por esse projeto de residência docente certamente levarão consigo uma bagagem de experiências não só para a sala de aula, mas também para a vida. Aprendemos a planejar, como agir, como se portar, a ter mais paciência, a lidar com momentos difíceis, a ser professor, amigo e humano.

Desde planejar ao executar, isso é ser protagonista, é se entregar à docência de corpo e alma e executar com excelência o papel de um professor inovador e transformador da sala de aula, a fim de atingir seus objetivos de educador: compartilhar conhecimentos de forma clara, prática e inovadora, não importa qual seja a área de ensino. Precisamos de professores protagonistas, professores inovadores e que se sintam felizes em suas salas de aula para a realização de uma educação efetivamente eficaz.

Referências

GIL PEREZ. D. New Trends in science education. *Internacional Journal Science Education*. v. 18, n. 8, p. 889-901, 1996.

PIMENTA, S. G. *O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática?* 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, S. G. *O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?* São Paulo: Cortez, 2012.

SCHMALL, A.V. Limites e possibilidades do estágio curricular no processo de formação inicial de professores. In: DIAS, M. F. S.; SOUZA, S. C.; SEARA, I. C. (Org). *Formação de professores: experiências e reflexões*. 1. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2006, v. 1, p. 65-76.

CAPÍTULO 10

RESIDÊNCIA DOCENTE EM ENSINO DE CIÊNCIAS: uma experiência na Escola Municipal Manoel Belo

Gênesis Medeiros de Lima¹

Maria do Carmo Silva Amorim²

Introdução

O programa de Residência Docente nas Ciências (ReDEC), em Feira Nova, município pioneiro em Pernambuco a adotar a residência, realizou-se através de uma parceria entre a Universidade Federal de Pernambuco, na pessoa do professor Dr. Marcos Alexandre de Melo Barros, e o coordenador da Residência Docente, Fredson Murilo da Silva, em parceria com o Prefeito de Feira Nova, Danílson Gonzaga, e do Secretário de Educação, Claudison Vieira. A Residência Docente tem esse nome por ter sido inspirada no programa de residência médica, em que o médico, após concluir a sua graduação, atua durante dois ou mais anos, vivenciando a prática junto a médicos experientes nos hospitais ou em instituições de saúde em geral (ABRUCIO, 2016). De acordo com o autor, a Residência Docente tem como missão proporcionar ao aluno uma maior imersão no seu campo de estágio,

1 Licenciado em Ciências Biológicas/UFPE.

2 Gestora da Escola Municipal Manoel Antônio de Aguiar /Feira Nova.

fazendo com que ele vivencie na prática a realidade escolar como ela é de fato, sob a orientação de um professor formador e um professor preceptor.

A ReDEC levou ao município de Feira Nova 12 licenciandos que atuaram nas 10 escolas do município, em todos os ambientes escolares, desde a gestão até a sala de aula, quando foram aplicados todos os conhecimentos prévios adquiridos nas reuniões que antecederam a imersão nas escolas, no período de fevereiro a março de 2018, na Universidade Federal de Pernambuco.

Antes de sermos imersos nas respectivas escolas, tivemos formações que visaram adquirir uma base teórica que nos ajudaria atuar em campo, quando lemos alguns textos sobre coreografias didáticas, baseadas no teórico Zabalza, bem como documentos que são de extrema importância para a nossa formação, como, por exemplo, os indicadores de qualidade do MEC. Isso foi feito como uma forma de capacitação e também para levantarmos demandas para o programa em Feira Nova. Elaboramos um questionário, que posteriormente seria entregue aos professores da rede municipal, para entendermos um pouco a necessidade desses professores, e através dessas necessidades seriam ministradas formações que viessem a mitigar alguns problemas da escola-campo.

Feira Nova é uma cidade particularmente nova no cenário pernambucano, com doze escolas públicas municipais e duas públicas estaduais. A secretaria municipal de educação de Feira Nova administra quatro escolas com Anos Finais do Ensino Fundamental, sendo também duas delas com Anos Iniciais do Ensino Fundamental, uma creche e 6 escolas exclusivamente com Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além de turmas de EJA em algumas escolas no turno da noite. O presente capítulo tem como objetivo relatar a experiência de um discente como residente do programa ReDEC, que foi realizado na Escola Manoel Belo, localizada nesse município.

Relato de experiência

A antecipação: uma abordagem teórica

Antes de sermos imersos no campo escolar, os residentes participaram de reuniões na Universidade Federal de Pernambuco, que ocorreram nos meses de fevereiro e março de 2018. Durante esses encontros foram estudados e debatidos temas que norteariam nossas atuações em campo, dentre eles os estudos do teórico Miguel Ângelo Zabalza (2015), que discute as coreografias didáticas, bem como suas relações com o estágio.

Para entendermos o contexto em que os alunos de Feira Nova estavam inseridos, era preciso ter um embasamento teórico antes da experiência prática. Segundo Zabalza (2006), a forma com que os alunos aprendem está diretamente ligada à metodologia utilizada por seus professores. O docente precisa ter a consciência de que os alunos possuem seus próprios meios particulares de cognição na aprendizagem (ZABALZA, 2006). Entretanto, vale ressaltar que a coreografia sugerida pode influenciar esses meios. Isso implica dizer que existe uma relação entre as metodologias de ensino usadas e a forma com que os alunos aprendem.

Colocação em cena: conhecendo o campo de atuação

Feira Nova está no agreste de Pernambuco, próxima às cidades de Lagoa de Itaenga e Glória de Goitá. Tem uma população de aproximadamente 21.000 habitantes (IBGE 2010), apresentando a agricultura como uma principal fonte de renda da região.

A Escola Municipal Manoel Belo (quadro 1), onde fui o residente responsável, localiza-se na rua Dr. Manoel Borba, no centro da cidade de Feira Nova. A escola passou por reformas recentes durante a gestão do atual prefeito e do secretário de

educação. À frente da escola está a gestora Maria do Carmo Silva Amorim, que, juntamente com a coordenadora, Eliane, a técnica educacional, Jacilene, e as auxiliares, Milena, Lidiane e Marluce, têm a importante missão de conduzir a escola e supervisionar os alunos e dar suporte aos professores naquilo que for preciso.

QUADRO 1. Informações da Escola

Código INEP	26068699
Localização da Escola	Urbana
Dependência	Municipal
Endereço	Rua Dr. Manoel Borba Bairro: Centro CEP: 55715000
Telefone	(81) 3645-1148

Fonte: QEdu.org.br (2017).

A escola possui um total de 394 alunos (Quadro 2) devidamente distribuídos em salas de acordo com sua faixa etária.

QUADRO 2. Número de alunos/série

Creche	0
Pré-escola	89
Anos Iniciais (1º ao 5º ano)	296
Anos Finais (6º ao 9º ano)	0
Ensino Médio	0
Educação de Jovens e Adultos	0
Educação Especial	9

Fonte: QEdu.org.br (2017).

A infraestrutura da Escola Manoel Belo é composta por salas de aula, sala de professores e demais espaços (Quadro 3). As salas possuem ventiladores e armários contendo livros de leitura para os alunos.

QUADRO 3. Recursos

Existe sanitário dentro do prédio da escola?	Sim
Existe sanitário fora do prédio da escola?	Não
A escola possui biblioteca?	Sim
A escola possui cozinha?	Sim
A escola possui laboratório de informática?	Não
A escola possui laboratório de ciências?	Não
A escola possui sala de leitura?	Não
A escola possui quadra de esportes?	Não
A escola possui sala para a diretoria?	Não
A escola possui sala para os professores?	Não
A escola possui sala de atendimento especial?	Não

Fonte: QEdu.org.br (2017).

Perfil dos professores: uma análise do perfil pedagógico e social

Durante a semana de imersão tive a oportunidade de participar da reunião de pais e mestres, fato esse que foi muito relevante para minha observação na escola. Pude perceber que os pais compareceram em grande número na reunião, a maioria representada por mães e apenas cinco pais estavam presentes. Vale apenas salientar que essa reunião de pais e mestres era composta apenas por pais e professores do turno da tarde, visto que o turno da manhã já havia feito a sua. A reunião foi feita com uma abertura para todos os pais de alunos de todas as séries, depois cada um foi para a classe de seus respectivos filhos para conversar com as professoras. Ficou bastante claro que as professoras conhecem bastante seus alunos, suas dificuldades e potencialidades.

Durante o período de imersão aplicamos um questionário com as professoras, visando levantar demandas de alguns problemas por elas enfrentados no ambiente escolar, e, a partir dis-

so, levarmos formações específicas para a escola, visando mitigar os problemas da escola-campo. Ao analisar as demandas por eles solicitadas, foi possível observar que foram unânimes os pedidos de formações que envolvam arte, experimentação, além de formações em Português e Matemática. Também no período de imersão, tive a oportunidade de participar de uma reunião com os professores, para que naquela oportunidade fosse discutido o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. O PPP da escola é um documento bastante importante para a comunidade escolar, que vai além das dimensões pedagógicas, correlacionando-se com a questão financeira e administrativa da escola. Ele também expressa cultura, valores, crenças e significados, bem como reflete de que forma pensam e agem todos os que participaram de sua elaboração. Segundo Vagula (2014), o PPP vem a ser um documento que nele estão registrados todos os projetos que uma determinada comunidade escolar terá ao longo do ano letivo. Em sua construção devem participar os alunos, pais, professores e coordenadores, que irão ajudar de forma política e pedagógica, visando assim ajudar no processo de ensino-aprendizagem.

Uma análise do perfil dos alunos

Os estudantes da escola Manoel Belo encontram-se em uma faixa etária que vai desde 3 até mais ou menos 13 anos de idade. Pude observar isso através de minhas observações, tanto das aulas quanto dos intervalos, e também em conversa com a direção da escola e os professores. Os alunos são bastante agitados, o que é normal, considerando a idade.

Como atividade de avaliação do perfil dos alunos, decidi utilizar a técnica do grupo focal. É uma técnica rápida e de baixo custo para avaliação e obtenção de dados e informações qualitativas, fornecendo aos gerentes de projetos ou instituições uma

grande riqueza de informações qualitativas sobre o desempenho de atividades desenvolvidas, prestação de serviços, novos produtos ou outras questões (GOMES, 1999). Realizei o grupo focal em duas turmas do turno da tarde, sendo elas no terceiro ano B, que possui vinte e quatro alunos, de faixa etária entre sete e oito anos, e no primeiro ano B, que tem dezenove alunos na faixa etária de seis anos. A pergunta que tomei como base para o grupo focal foi a mesma para as duas turmas: “A escola que eu quero, como seria?”

No terceiro ano B, que foi a primeira turma em que realizei o GF, pedi para que os alunos se sentassem no chão perto de mim e fizessem um círculo. Inicialmente pedi para eles se apresentarem falando seus nomes e idades. Ao término disso fiz a pergunta central do GF, e a professora Diana ficou responsável por anotar todas as respostas dos alunos, e eu fiquei responsável de ser o moderador da discussão, que teve as seguintes questões:

1. Para vocês, o que é escola?
2. Quem gosta de vir à escola?
3. No ambiente escolar, o que vocês gostam de fazer?
4. Como seria a escola dos seus sonhos?
5. O que você quer ser quando crescer?

Depois dessas perguntas, a professora Diana seguia anotando as respostas dos alunos de acordo com que eles respondiam. Vale a pena salientar que causaram um alvoroço as respostas, visto que eles ficaram bastante empolgados com a atividade e todos queriam responder ao mesmo tempo. Coube a mim como moderador pedir para eles se acalmarem e responderem um de cada vez. Depois do término do grupo focal, fiz uma análise das respostas e as coloquei no Quadro 4.

TABELA 4. Perguntas feitas pelo moderador e respostas dos alunos

Para vocês, o que é escola?	A maioria respondeu que é um lugar onde eles fazem tarefas e onde estudam.
Quem gosta de vir à escola?	Todos disseram que gostam de ir à escola.
No ambiente escolar, o que vocês gostam de fazer?	Uma grande parte dos alunos respondeu que gosta de brincar, fazer tarefas e estudar.
Como seria a escola dos seus sonhos?	Um lugar onde eles possam brincar, que tivesse piscina, brinquedos como carrossel e balanço.
O que vocês querem ser quando crescer?	Professor(a), Médico, Dentista, Policial e Bombeiro.

Fonte: Os autores (2018).

Ao finalizar o grupo focal no terceiro ano B, dirigi-me ao primeiro ano B. Nela realizei também o grupo focal com as mesmas perguntas da turma anterior, no intuito de fazer uma comparação entre elas.

Considerações finais

Vivenciar esse processo, desde a sua antecipação até seu fechamento, foi uma experiência inédita para mim e bastante satisfatória. Levarei comigo cada aprendizado e desafio enfrentado para o resto de minha vida, pois a residência é isso: possibilita vivenciar o chão da escola, o dia-a-dia de toda a comunidade escolar, todas as relações holísticas que existem dentro de um ambiente escolar. Finalizo com uma frase que levo comigo e penso nela cada vez que entro em sala de aula: *“Educação não transforma pessoas, educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”* (PAULO FREIRE).

Referências

ABRUCIO, F. L. *Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança*. São Paulo: Moderna, 2016.

GOMES, M. E. S.; BARBOSA, E. F. A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos. *Revista Educativa*, São Paulo, 1999.

PORTAL QEDU. Disponível em: <http://www.qedu.org.br>. Acesso em: 20 set. 2018

PADILHA, M. A. S. Ensino na Docência Online: um olhar à luz das Coreografias Didáticas. *Em Teia | Revista de Educação Matemática e Tecnológica Iberoamericana*, ISSN: 2177-9309 1.1, 2010.

ZABALZA, M. A. *O Estágio e as Práticas em Contextos Profissionais na Formação Universitária*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

ZABALZA, M. A. Uma nova didática para o ensino universitário: respondendo ao desafio do espaço europeu de ensino superior. In: *Sessão Solene comemorativa do Dia da Universidade – 95º aniversário da Universidade do Porto*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2006.

SENTINDO O CHÃO DA ESCOLA: uma experiência na Escola Municipal Padre Manoel da Nóbrega

Moneta Alves dos Santos¹

Vanusa Maria Soares de Oliveira²

Introdução

A Residência Docente nas Ciências tem por objetivo fazer um diagnóstico das escolas e também ver qual a fragilidade e capacidade de cada uma, assim podendo trazer trabalhos específicos para tentar resolver os problemas. Antes da ida a Feira Nova tivemos várias reuniões entre os residentes e orientadores, com leituras e produção de textos para podermos atuar da melhor forma.

Discutimos sobre Coreografias Didáticas, que, segundo os autores Cunha (2008), Zabalza (2006) e Silva (2011), trata-se de uma metáfora extraída do mundo da dança para tentar explicar a ligação com o ensino, entendido como configuração particular das situações de aprendizagem efetiva:

os passos de dança respondem, simultaneamente, a dois tipos de demandas: por um lado, o bailarino pode criar livremente no espaço disponível e mostrar todo o seu reper-

1 Licenciada em Ciências Biológicas/UFPE.

2 Gestora da Escola Municipal Padre Manoel da Nóbrega /Feira Nova.

tório expressivo: por outro;, o artista se vê limitado pelos elementos que constituem a coreografia: o ritmo, a estrutura métrica, a forma e sequência da música etc (ZABALZA, 2004, p. 12).

Esses autores citados acima nos auxiliaram muito para o primeiro contato com a escola. A imersão na escola foi uma novidade, pois as disciplinas de estágio não preparam tão bem os graduandos, já que temos dias e datas agendadas para estar na escola, e na residência estamos na escola em tempo integral, ou seja, na chegada dos alunos, na hora da merenda, nos intervalos, na saída dos alunos e dos professores, e, assim, eles fazem parte daquele ambiente.

Neste capítulo, vou relatar um pouca da minha experiência como residente de uma escola na zona rural de Feira Nova e um pouco das minhas conquistas, aprendizados e trocas realizadas nesse tempo de imersão.

A colocação em cena

A Escola Padre Manoel da Nóbrega se localiza na zona rural de Feira Nova, (código do Inep: 26068613, sítio Cachoeira do Cumbe, CEP: 55715000). A escola conta com um total de 160 alunos nos turnos da manhã e tarde e conta com um espaço físico pequeno: são quatro salas de aula, quase todas grandes e bem ventiladas, e as professoras têm um cuidado para deixar as salas aconchegantes para os alunos.

A escola também possui 3 sanitários, 2 para os alunos meninos e meninas e um para os professores da escola. Na entrada há uma rampa de acesso, mas não oferece suporte para alguém com deficiências, já que precisa de alguns reparos. Há uma secretaria pequena, que por vezes também serve de despensa para os alimentos utilizados nas refeições dos alunos. A escola também

dispõe de uma cantina onde são servidos os alimentos para os alunos. Como não há um refeitório, cada turma faz suas refeições em sua sala de aula e depois os pratos são recolhidos por uma das merendeiras. O espaço para os alunos brincarem é muito restrito, e só sobra uma área que fica em frente às salas de aula e sanitários, onde as turmas aproveitam os intervalos, e são liberadas em horários distintos, para que todos possam aproveitar melhor.

A escola não conta com biblioteca, sala de professores, sala de multimídia, quadra de esportes, que é uma coisa que os alunos pedem, para que tenham aula de educação física. Não há coleta do lixo, que é queimado todos os dias em uma área na frente da escola durante a tarde. No lado externo, a escola conta com um bom espaço verde, que é utilizado para algumas atividades fora da sala, como um cajueiro, que uma das professoras relatou à extensionista ter usado para leitura numa atividade do dia do livro.

FIGURA 1. Entrada da escola



Fonte: Moneta, 2018.

Perfil dos professores

O quadro de docentes da escola é formado por sete professores, cinco destes graduados em Pedagogia e duas terminando a graduação em Pedagogia.

Em conversas e por meio de um questionário aplicado na escola, os professores e gestora se mostraram bem preocupados em melhorar o índice da escola. Os professores têm um relacionamento bom entre si, chegam no horário de suas aulas, mostraram-se interessados em formações que trabalhem o cuidado com os alunos, com disciplina e também trabalhos com arte que tornem a escola um ambiente mais agradável, tanto para os alunos como para os outros profissionais, sendo a indisciplina dos alunos uma das maiores dificuldades relatadas. Todos os professores concursados têm pós-graduação em Psicopedagogia.

Perfil dos estudantes

A instituição atende atualmente 160 alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, divididos por anos, do Pré I até o 5º ano. Durante a semana de imersão foi perceptível um grande número de retenção dos discentes do terceiro ano. Esses alunos ainda não conseguiram ser alfabetizados e não conseguem acompanhar os demais alunos, ficando fora da faixa etária da turma.

Os alunos são de comunidades perto da escola, onde tem problema de tráfico de drogas, sendo refletido na realidade da escola. Durante a primeira semana de imersão a extensionista e a professora do 2º ano resolveram fazer uma atividade diferente com os alunos, trabalhando música na sala de aula, assim convidando um dos residentes, Odon, que trabalha com essa parte do ensino. Os alunos não se mantiveram quietos e nem comporta-

dos durante a atividade, mesmo com a presença de dois extensionistas, da professora responsável pela turma e da gestora.

Eles vão à escola no transporte disponibilizado pela prefeitura, que pega os alunos em suas casas e os deixa de volta, nos dois turnos que a escola atende. No turno da manhã, os alunos não saem durante o recreio, pois a escola não tem muros, e o recreio é dividido por turmas, já que o espaço da escola é pequeno e eles brincam nos corredores. Os alunos da tarde, que são as turmas do 3º ao 5º ano, são liberados no mesmo horário e brincam na área verde ao redor da escola, com supervisão de suas professoras.

Perfil da equipe técnica

A equipe técnica da escola é composta por sete funcionários, sendo uma gestora, formada em Pedagogia, uma coordenadora e uma secretária, que era professora, mas, por problemas de saúde, foi readaptada. Na cantina trabalham quatro merendeiras contratadas pela prefeitura, duas no turno da manhã e duas no turno da tarde, todas com formação básica até o ensino médio. São responsáveis pela limpeza e o serviço de portaria da escola, e todas têm um bom relacionamento com os alunos, sabem os nomes de cada um e mantêm um bom relacionamento com os professores.

Em conversa com a gestão foram solicitados trabalhos lúdicos para professores e alunos, como também sobre respeito, já que há um problema de agressividade dos alunos com os professores e entre os alunos, podendo chegar até a agressões físicas, como presenciou a extensionista na primeira semana de imersão na escola.

Relato de experiência

A residência docente me proporcionou uma imersão no ambiente escolar, e durante essa imersão pude vivenciar uma realidade muito diferente da que imaginei. No meu primeiro dia na escola deparei-me com uma realidade pouco conhecida por mim, e logo me assustei com a violência entre os alunos e dos alunos com os profissionais.

A maioria dos alunos da escola mora em uma comunidade conhecida na cidade como “jacaré”, onde tem o maior índice de violência. As crianças que frequentam a escola estão imersas nessa realidade tão dura e muitas vezes trazem um pouco dessa realidade para dentro da escola, batendo nos colegas ou por vezes até mesmo servindo como “aviãozinho”.

Essas concepções parecem sugerir que a violência escolar tem relações com as condições estruturais da sociedade, e também se caracteriza por apresentar especificidades oriundas da própria instituição escolar, ou seja, uma violência de origem endógena (CHRISPINO; DUSI, 2008).

No primeiro momento passei duas semanas na escola, observando a gestão, como funcionavam as aulas, como era a relação professor-aluno e vice e versa, para que dessa forma pudesse criar a melhor coreografia que atendesse as demandas da escola.

Na segunda semana de imersão na escola fui para duas salas para sentir a turma. Fiz uma atividade de cadeia alimentar com a turma do 5º ano do turno da tarde, em que eles deveriam fazer algum modelo didático com argila e dizer à turma se ele era onívoro, carnívoro ou herbívoro, e explicar sua resposta. Essa atividade foi feita como reforço para uma prova que eles iam ter, e saíram coisas maravilhosas, fazendo com que eles ficassem bastante focados nos trabalhos. No segundo dia fui à turma do 3º ano do ensino fundamental, e os alunos estavam estudando

sobre animais que destroem plantações, animais peçonhentos e animais do seu cotidiano. Eles deveriam escolher entre os 3 assuntos trabalhados e iriam construir algo que representasse o animal escolhido e explicar sua escolha.

Um dos trabalhos me surpreendeu. O aluno fez uma lagarta, uma folha e um tronco de árvore. Quando passei em sua bancada para que ele me explicasse, ele montou o seu trabalho e disse: *“Tia, fiz uma lagarta; essa aqui é a folha e o tronco da árvore”*. Explicou sua linha de raciocínio: a ordem era tronco, folha, lagarta, e veio a explicação de que a lagarta vai comer a folha, que vai enfraquecer a planta e assim ela pode vir a morrer. Isso mexeu comigo, pois com uma simples atividade ele conseguiu ligar todos os pontos.

A Escola, apesar de pequena, tem problemas muito graves, como a falta de estrutura. Para os alunos no turno da manhã a escola funciona quase normalmente, mesmo com sua capacidade máxima de turmas, que são quatro. No horário da tarde, teoricamente mais tranquilo, é quando a escola pega fogo, e se apresenta a maior diferença de idade entre as turmas, principalmente o 3º ano do ensino fundamental, quando a gestão quase para nesse horário para tentar controlar os alunos. A turma do 5º ano também tem uma diferença de idade muito grande, o que causa problemas, já que os que estão fora da faixa etária tentam a todo o momento atrapalhar os outros alunos.

Uma das oficinas realizadas para os alunos foi sobre higienização bucal, tema solicitado pela gestora para que se trabalhasse com os alunos, que foi levado à escola de uma forma lúdica, tornando mais fácil o entendimento, como também mais fácil a interação dos alunos. As atividades sobre higiene bucal podem ocorrer dentro de sala, de uma forma mais artística, assim gerando uma maior motivação para os alunos. A motivação através da ludicidade melhora a conduta e a autoestima do

aluno, possibilitando que o processo de ensino-aprendizagem ocorra de forma efetiva. Além disso, facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental e facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento (SANTOS; BOCCARDO; RAZERA, 2009).

As vivências formativas nos davam a oportunidade de trabalhar em escolas diferentes, como também em turmas diferentes. Nunca havia trabalhado em uma sala de pré-escolar, e foi um desafio trabalhar com alunos tão pequenos e dependentes, mas levei até o final. Trabalhei em uma turma de 4º ano que me surpreendeu muito, já que fui avisada pela gestora de que aquela era a pior turma da escola. O tema a ser trabalhado foi gêneros textuais, e entrei na sala de peito aberto para receber os alunos. Consegui fazer a oficina e no final pedi a todos que me fizessem um relato de como foi pra eles, e tive uma grata surpresa: recebi lindas cartinhas de agradecimento sobre a aula ministrada, todas com muitos detalhes lindos. Naquele momento tive mais certeza de que quero ser professora, e mesmo o pouco que a gente faça pode mudar a realidade daqueles alunos. Foi muito emocionante ler as cartinhas escritas com tanto carinho.

Outra vivência que me marcou muito foi na escola Padre Nicolau Pimentel, com a oficina “Quando A Brincadeira Torna-se Realidade: Empatia e Respeito Contra a Agressividade Juvenil.” Os alunos ficaram muito animados com a ideia de ter uma aula diferente. Em um determinado momento da oficina foi pedido aos alunos que fizessem em grupos histórias em quadrinhos, relatando algum tipo de violência que eles tenham presenciado. Quase unanimemente, das 5 equipes só uma não falou sobre *bullying*, e a sua maioria eram histórias de preconceito sofrido por serem negros, gordos, e qualquer diferença era apontada na sala de aula. No final da aula eles também fizeram relatos e a

maioria estava arrependida, entendendo o mal que tinham feito a seus colegas com esse tipo de brincadeira.

Mesmo com todas as dificuldades encontradas nas escolas públicas, vi que posso fazer a diferença, mudar a realidade dos meus alunos, mostrando que eles podem fazer mais e serem o que quiserem. Sempre busco ter um tipo de afinidade com meus alunos e sinto que isso ajuda muito no trabalho, pois, quando se sabe a realidade daquele aluno, é mais fácil saber lidar, bem como adequar sua aula para aquela turma.

Fórum de gestores

O fórum dos gestores tem grande importância, já que nesses encontros são passadas as oficinas que vão ser ministradas nas escolas, como também temos um feedback dos gestores sobre o que está acontecendo na escola. Os 12 residentes e os 10 gestores explanam todas as escolas e atividades a serem realizadas, e buscamos sempre um lugar diferente para esses encontros, para que os gestores possam levar a suas escolas ideias de ambientes e aulas diferentes para seus professores.

O primeiro fórum foi muito importante, para que fosse passada aos gestores a diagnose feita das escolas, bem como dos seus docentes, trabalho esse realizado no mês de março daquele ano (2018) nas duas semanas de imersão nas escolas, além das reuniões do grupo de residentes do coordenador Fredson Murilo, sob orientação do Professor Dr. Marcos Barros, na UFPE, para trilhar os melhores caminhos para cada escola e trabalhar *in loco* suas especificidades.

Em outro encontro fomos ao Cais do Sertão, onde foram passadas as formações a serem realizadas, como também mostrar aos gestores campos para aulas em ambientes não formais, o que é uma ferramenta muito importante para atrair os alunos e

para apresentar uma nova visão das outras escolas, com um grupo mais forte e focado para melhorar a educação em Feira Nova.

Na Primeira semana foram entregues aos professores algumas perguntas sobre as formações eles queriam.

Pergunta da residente: Que formações você desejaria para 2018?

Resposta dos professores: Entre as respostas selecionei algumas como, por exemplo: trabalhar em equipe; formações que visem à vivência dos educandos; formações também para os pais na escola, como também trazer mais atividades lúdicas e artísticas para o dia-a-dia dos alunos.

Pergunta da residente: Que oficinas você sugere para os alunos?

Resposta dos professores: para os alunos foram citadas atividades artísticas, lúdicas, como também trabalhos de higiene, coisa que era necessária, na visão das professoras, o que foi trabalhado em oficina em dias diferentes nos 2 turnos da escola, para que todos os alunos fossem contemplados. Durante a oficina dos alunos os professores estavam recebendo formação para áreas específicas.

Pergunta da residente: Quais os desafios que você encontrou na escola para formar seus alunos ao iniciar o ano letivo?

Resposta dos professores: Comportamento agressivo dos alunos – um grande problema de desestrutura familiar, que reflete nas ações na escola. Também foram citados os problemas de falta de compromisso da família com os alunos na escola, como também a questão de estrutura, já que a escola é muito pequena.

Considerações finais

Na Licenciatura em Ciências Biológicas, temos 4 estágios obrigatórios, mas nada se compara à Residência Docente nas Ciências. O graduando tem a chance de trabalhar com turmas diferentes dos anos iniciais do ensino Fundamental até os anos finais, em escolas diferentes, trabalhar em oficinas feitas por outros residentes. Em cada horário da escola, há o que se aprender, e ter uma sala de aula sua faz a diferença dos estágios, pois os professores da sala não estão lá lhe observando, e tem vários olhinhos atentos dos alunos, porque ali a responsabilidade da turma é sua.

Se a oficina não saiu como o imaginado, deve se dar um jeito para que funcione na sala, e uma sensação que não tive em nenhum dos meus estágios foi sair de cada sala fortalecida. Nessas oficinas houve uma troca de conhecimentos, pois posso dizer que não só passei conteúdos, uma vez que aprendi muito, tanto quanto ensinei. Cada sala foi um desafio e saí de cada uma realizada, com o sentimento de dever cumprido.

Na residência, enquanto os alunos da universidade estão dando formação para os alunos, os professores estão em formação, e assim a escola não para, com todos aprendendo. A residência nos abre os olhos para muita coisa, a partir da vivência direta com o aluno e os trabalhadores da escola. Saímos de lá sabendo criar oficinas, realizar eventos, e tudo isso feito sob nossa responsabilidade.

No final da experiência tenho mais certeza do quanto se cresce como profissional e pessoa e como essa experiência foi importante, já deixando um gostinho de saudade. A bagagem é enorme, o caminho foi longo, nem sempre fácil, mas valeu a pena poder sentir o chão da escola tão puro e bruto e, ao mesmo tempo, doce e leve – palavras que podem parecer conflitantes, mas que representam bem o que se sente no decorrer dessa residência.

Referências

SILVA, Flaviany Ribeiro. *Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/2017nahead/1517-9702-ep-S1517-9702201703157305.pdf>. Acesso em: 23 set. 2018.

SOARES, Max. *O Ensino de Ciências Por Meio da Ludicidade: Alternativas Pedagógicas Para uma Prática Interdisciplinar*. Disponível em: <http://revistascientificas.ifrj.edu.br:8080/revista/index.php/reci/article/view/331/231>. Acesso em: 14 ago. 2018.

VASCONCELOS, Raquel. *Escola: um espaço importante de informação em saúde bucal para a população infantil*. Disponível em: <http://ojs.ict.unesp.br/index.php/cob/article/view/131/>. Acesso em: 04 jul. 2018.

ZABALZA, M. A. Uma nova didática para o ensino universitário: respondendo ao desafio do espaço europeu de ensino superior. In: *Sessão Solene comemorativa do Dia da Universidade – 95º aniversário da Universidade do Porto*. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2006.

DESAFIOS E IMPASSES NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DOCENTE: uma experiência na Escola Municipal Severino David

Paulo Vitor Galdino da Silva¹

Jucileide Felix de Aguiar²

Introdução

O cenário da educação brasileira é marcado por diversas modificações para correções de problemas e alcance desejados de metas e índices de alfabetização positivos. Mas há controvérsias, vez que a instabilidade política pode ser um viés para afetar diretamente os segmentos escolares, como, por exemplo, os processos administrativos.

No cenário brasileiro, a massificação do ensino é caracterizada por sinalizar inúmeras fragilidades, como as aulas fundamentadas em modelos tradicionais. Soma-se a isso a ausência da sociedade no contexto escolar como um corpo engajador, e por esse motivo torna-se imprescindível a assiduidade das políticas educacionais no âmbito escolar, para engajar a sociedade a participar ativamente das tomadas de decisões escolares, gerando, assim, uma gestão democrática.

1 Licenciado em Ciências Biológicas/UFPE.

2 Gestora da Escola Municipal Severino David /Feira Nova.

Programas educacionais, como a Residência Pedagógica, vêm sendo empregados nos âmbitos escolares, na tentativa de modular o cenário pedagógico, mediante intervenções com caráter dinâmico e de cunho reflexivo. Araújo (2016) afirma que a residência docente é uma das ações que compõem a Política Nacional de Formação de Professores, e recebe um destaque por ser um programa de política pública com o propósito de minimizar os múltiplos obstáculos encontrados e vivenciados durante a iniciação docente. Dessa forma, permite que o aluno da licenciatura faça uma imersão e integre-se de forma efetiva e assídua nas atividades administrativas escolares e docentes.

Corroborando com o autor acima mencionado, este capítulo retrata a Residência Docente nas Ciências (ReDEC), que se caracteriza como uma proposta híbrida e inovadora nas esferas educacionais, vez que permite a conexão das escolas com o campo universitário, por meio de um ensino sistemático, baseado em temáticas transversais e metodologias alternativas que possibilitem a formação e prática docente e discente.

A ReDEC proporciona ao licenciando uma imersão no futuro campo de trabalho, trazendo o aperfeiçoamento e ascensão da carreira universitária, assim como traz a ciência e/ou Biologia, ramo que estuda a origem da vida e os processos a ele relacionados, para as escolas como proposta de conteúdo mais presente. Tal fato está interligado à “ausência” da disciplina de Ciências no contexto escolar. Desse modo, incorporar os conteúdos dessa disciplina desenvolve no estudante um caráter mais investigativo.

O projeto foi realizado em Feira Nova, município localizado no agreste de Pernambuco, que tem como subsistência a agricultura, que gera a renda familiar para a maior parte da população da região.

Em termos educacionais a cidade apresenta dez escolas da Rede Municipal de ensino e que foram concebidas pelo programa

em questão, cada uma com suas peculiaridades. Dentre as dez escolas contempladas pela ReDEC, a escola aqui relatada e coreografada pelo residente em Feira Nova-PE foi o Grupo Escolar Severino David, da rede municipal, e atende as categorias de Ensino Infantil (pré I e II) e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo localizada na Rua Severino Francisco Ferreira, S/N, Vila do Ouro.

Para embasamento e projeção panorâmica das escolas, as coreografias didáticas de Zabalza (2015) foram utilizadas para realizar o retrato e caracterização da escola. Nesta acepção, é uma teoria minimalista, que faz alusão ao universo das artes, marcado pelas danças e ritmos, comparando-as com as práticas pedagógicas de ensino. À vista disso, o professor é o coreógrafo e coordena os movimentos do processo de aprendizagem dos seus discentes, conduzindo-os a uma aprendizagem significativa.

Segundo Zabalza (2015), as coreografias didáticas seguem uma sequência de procedimentos e análises (Figura 1). Os elementos descritos englobam: (1) investigação do ambiente edu-

FIGURA 1. Procedimentos das coreografias didáticas para o alcance no êxito



Fonte: Os autores (2018).

cativo, levantamento das potencialidades e fragilidades institucionais, bem como preparação das atividades; (2) intervenções referentes às atividades propostas; (3) intercâmbio dos saberes vivenciados entre os sujeitos e sistematização dos conhecimentos; (4) entrelaçamento das ideias comuns; (5) resolução da prática e análise do produto mediante a busca de teorias.

Coreografar uma instituição não requer apenas modular os paradigmas cristalizados da Educação, mas sim tornar o sujeito protagonista em seu aprendizado, bem como desenvolver um conhecimento empírico baseado em vivências sociais e resoluções do objeto que está sendo estudado. Neste sentido, o docente atua como mediador no processo de ensino-aprendizagem. Para compreender essa prática dialógica, Lopes (2017, p. 5) afirma:

[...] quando o professor atua nessa perspectiva, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimentos, mas como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizado em sua prática docente.

Desse modo, o capítulo tem como finalidade trazer uma metanálise acerca da minha vivência no seio institucional do Grupo Escolar Severino David como residente estagiário da ReDEC, dessa forma coreografando os sujeitos e empregando atividades pedagógicas com potenciais significativos, além de trazer a visão da gestão escolar no impacto que a residência causou na prática escolar.

Antecipação: construções de ferramentas analíticas

A antecipação caracteriza-se pelo momento em que o residente passa por uma capacitação acerca das diagnoses que irá realizar na escola, fazendo uma análise visual, considerando diversos as-

pectos que possam apresentar uma problemática escolar, assim como identificar situações em que não seria possível enxergar sem um devido preparo, como, por exemplo, os processos sentimentais e o contexto social em que os estudantes se situam.

A infraestrutura física inadequada, a forma comportamental da interação docente-discente, bem como as potencialidades e fragilidades que a instituição apresenta foram primordiais para se compreender o contexto escolar em que estava me inserindo, sobretudo, as intervenções e/ou formações que poderiam ser proporcionadas à escola.

Nas reuniões internas, abordaram-se inúmeras propostas de diagnoses, para assim compreender a minha atuação como residente no campo imersivo. Dessa forma, as coreografias didáticas, teoria já aqui citada, foram utilizadas como base para a caracterização do ambiente escolar. Outro aspecto marcante foram as formações internas entre os residentes para os capacitar não apenas com base nas diagnoses que iriam realizar, mas nas temáticas propostas, as quais apresentam uma forte necessidade de serem abordadas em sala de aula, bem como formações para (re)significação do ato de lecionar, vez que, durante o processo acadêmico, não obtivemos informações para pedagogo.

Convém ressaltar que entre as literaturas estudadas destacam-se as formações continuadas para docentes no Brasil, segundo o Instituto Ayrton Senna (IAS), e pelo Boston Consulting Group (BCG). Assim compreendemos a relevância da capacitação dos professores para atuar como profissionais ativos e engajadores, bem como os impasses que podemos encontrar no seio escolar.

Além disso, foram desenvolvidos diversificados instrumentos de análise, entre os quais está a utilização de questionários que seriam preenchidos pelos professores e estudantes. Desse modo, obteríamos uma informação individual acerca das neces-

sidades intrínsecas de cada sujeito, para assim poder trazer formações que fossem condizentes às suas necessidades centrais.

Desse modo, as reuniões foram primordiais, pois nos forneceram uma capacitação para atuar na escola, obtendo o máximo de ferramentas analíticas para o aperfeiçoamento do retrato da escola.

Colocação em cena

Essa aproximação teórica acadêmica com o ambiente escolar proporciona ao residente/estagiário em formação uma interpretação acerca da realidade escolar. Como descreve Carvalho (2012, p. 11), a imersão por observação favorece:

[...] condições para detectar e superar uma visão simplista dos problemas de ensino e aprendizagem [...], bem como analisar as interações construtivas e destrutivas entre professor e alunos; ver como o papel do professor interfere no clima da aula e discutir qual a visão de ciências que o conteúdo ensinado transmite aos alunos.

Nesse primeiro contato como residente, senti-me inseguro ao desenhar um retrato da escola e promover oficinas e formações para alunos e professores, respectivamente. Acredito que essa insegurança se dá por não ter tido muito contato com o campo escolar, visto que desde o início da minha graduação fiquei “confinado” em um laboratório, que não apresentava nenhuma ligação com a área da educação.

Todavia, mesmo com os estágios supervisionados presentes no perfil curricular do meu curso, esses não me proporcionavam total autonomia para modular o cenário pedagógico escolar no qual estava me inserindo.

Dentro desta linha, Terrazzan et al. (2008) acreditam que, por mais que os cursos da licenciatura tenham sofrido mudan-

ças, os padrões de dicotomia ainda estão presentes no âmbito acadêmico, visto que algumas disciplinas que fazem parte do currículo mantêm a perspectiva e abordagem semelhantes aos dos cursos de bacharelado. Nesse sentido, o ponto-chave na formação acadêmica como licenciando é a promoção do ensino em conhecimentos específicos com caráter para formação de pesquisador, e não para a formação docente, sem nenhuma conexão com a escola básica (ROMANOWSKI et al., 2017).

Sendo assim, eu apresentava um método de apuração e análise de resultados observáveis engessados, provenientes de pesquisas em laboratórios, o que me deixou desestabilizado no início das diagnoses, pois acreditava que não tinha uma visão de educador que poderia transformar todo aquele ambiente escolar. Porém, com o tempo fui refinando meus olhares e percebendo as potencialidades de modificações nos sistemas educativos que a escola apresentava.

Durante a colocação em cena, foi primordial compreender os espaços físicos, assim como as fragilidades e potencialidades da instituição. Dentre as fragilidades é notório que o espaço escolar tem uma estrutura pequena, apresentando quatro salas de aula, três banheiros, uma sala para a gestão e o espaço da merenda.

Atrelado a essa conjuntura, a escola não dispõe de uma sala dos professores, o que impede uma possível conexão entre os docentes durante o intervalo para eventuais discussões de futuros projetos na escola ou até mesmo a socialização para relatos das experiências vivenciadas no cotidiano escolar. Além disso, a sala da gestão é compartilhada pelos auxiliares, coordenadores e professores, o que impede que a diretora tenha privacidade na comunicação com os pais dos estudantes.

A escola apresenta uma biblioteca (pequena), mas que não funciona, visto que é utilizada como depósito dos instrumentos musicais que fazem parte da banda, assim como há diversos ma-

teriais escolares. Para suprir a carência da biblioteca, cada sala dispõe de uma estante com livros paradidáticos para os estudantes lerem durante o intervalo ou para levar para fazer a leitura em casa.

Outro aspecto marcante é que escola não é dotada de um espaço recreativo e áreas de convivências para que os alunos possam aproveitar o recreio de maneira mais satisfatória. Convém salientar que os discentes merendam dentro das salas de aula, visto que a escola não apresenta um espaço adequado para isso.

Em adição, não se tem uma quadra poliesportiva para os estudantes praticarem educação física, assim como a escola não dispõe de recursos tecnológicos, como retroprojetor, o que poderia facilitar as aulas.

No turno da tarde, as salas de aulas são abafadas, sendo um fator que pode afetar negativamente na hiperatividade dos alunos, deixando-os agitados nas aulas. Entretanto, a escola apresenta um potencial para o desenvolvimento de um espaço de convivência, assim como uma horta escolar.

A leitura é uma ferramenta muito presente nas salas de aula, o que contribui para o desenvolvimento do lado cognitivo do aluno. As docentes mantêm o hábito de chamar cada aluno na mesa para fazer as correções dos exercícios, elucidando a forma correta da escrita das palavras, o que é difícil ocorrer nos anos finais do ensino fundamental. Existem alguns alunos que possuem uma maior flexibilidade no ato de expressão, mas todos são muito curiosos e estão sempre abertos a receber novas informações.

Conhecendo o corpo docente e os processos administrativos da escola

A escola é composta por um quantitativo de oito docentes, que se apresentam bastante flexíveis em suas metodologias,

tentando sempre alcançar todas as idiosincrasias de cada discente. Existem aqueles que possuem uma certa dificuldade em conduzir uma aula dinâmica, como também docentes bastante desestimulados e presos às mesmas didáticas de ensino. A prática metódica tradicional é corriqueiramente encontrada em diversos âmbitos da educação, em que o livro didático se torna o objeto central de ensino, tornando a aula demasiadamente monótona e desestimulante.

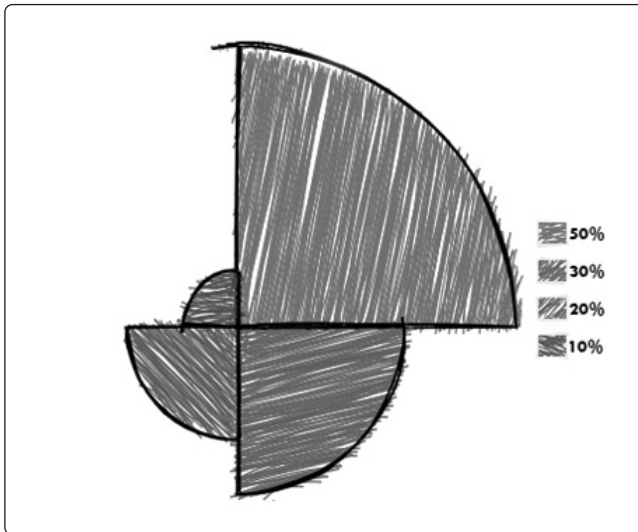
Durante a reunião dos professores, percebi que alguns deles estavam exaustos e com a autoestima baixa. Toda perspectiva levantada para aplicabilidade de mudança na escola era subentendida como “está tudo bom”, o que me deixou preocupado, pois essa falta de empatia e amor no momento de lecionar pode ser um fator que reflete nas aulas.

Com a aplicação de um questionário para os docentes foi possível ter uma visão acerca dos desafios que a carreira profissional pode apresentar, bem como conseguir obter informações sobre as oficinas desejadas pelos docentes, grande parte associada às suas dificuldades em transpor conteúdos em sala de aula, bem como oficinas para os discentes (Figura 2). Ainda para o ano de 2018, extraíram-se algumas metas pessoais de alguns docentes para que fossem atingidas com os seus alunos: “*Criar um ambiente alfabetizado, organizar-se efetivamente e personalização do aprendizado*”; “*Que a maioria sejam aprovados com o conhecimento adquirido*”; “*Atender a necessidade da turma de acordo com a sua realidade, bem como ter uma aprendizagem produtiva, criativa e coletiva*”.

Com base na aplicação do questionário, foi possível detectar as formações desejadas pelos professores e o que queriam para que fossem aplicadas com os seus alunos (Figura 2). Podemos observar que 50% dos professores escolheram formação para Português e Matemática, produção de gêneros textuais e trabalho

em equipe; 30% autoestima, ludicidade, oficina de Matemática, construção de horta escolar, produção textual e aprender ciência brincando; 20% novas metodologias de ensino, ciências e cidadania, corpo humano e como utilizar espaços escolares e hábitos de higiene e 10% formação para provas do SAEP e IDEB, sistema solar, técnicas de ensino, brincadeiras e jogos.

FIGURA 2. Sugestões de formações dos docentes



Fonte: Os autores (2018).

Em síntese, por intermédio das diagnoses realizadas com o corpo docente e discente, percebi as fragilidades no ensino decorrentes de uma aula tradicional. Portanto, conduzir aulas contextualizadas, engajadoras e ativas foi uma alternativa para levar como formação para a escola, para assim suprir essas necessidades de inovação e dinamismo.

No que se refere à gestão da escola, esta se mostrou proativa e disponível para quaisquer atividades que pudessem ser reali-

zadas no seio escolar, não apenas por parte do residente, como também do corpo docente.

Um olhar além da matéria

Sob uma análise geral, a instituição é composta por 188 estudantes com faixa etária que varia de acordo com a série. Durante o período de imersão, observei que a grande maioria dos estudantes são atenciosos durante as aulas dos docentes, mas existem aqueles alunos que são bastante energéticos. Além disso as conversas paralelas são algo rotineiro durante as aulas, embora, por mais difícil que seja, as docentes consigam driblar esses desafios.

Além disso, no decorrer da aula os estudantes costumam fazer indagações sobre a temática abordada, o que demonstra ainda mais a vontade de aprender. É perceptível o interesse dos alunos pela leitura, principalmente aqueles que não são totalmente alfabetizados.

Uma vez que a escola não tem uma biblioteca, percebeu-se que em cada sala existem armários com livros paradidáticos que ficam expostos para leitura dos discentes. Ainda assim, a implementação da interdisciplinaridade e a diversificação de metodologias de ensino, como, por exemplo, o uso de artefatos lúdicos, não é algo presente no contexto escolar.

Os aspectos comportamentais podem influenciar diretamente no rendimento escolar e no bom andamento da aula. Em razão disso, é fundamental compreender o aluno não apenas como um objeto observável, mas como aquele que tenta captar e/ou extrair os sentimentos inerentes não expressos, para assim conhecer um pouco do contexto social e familiar.

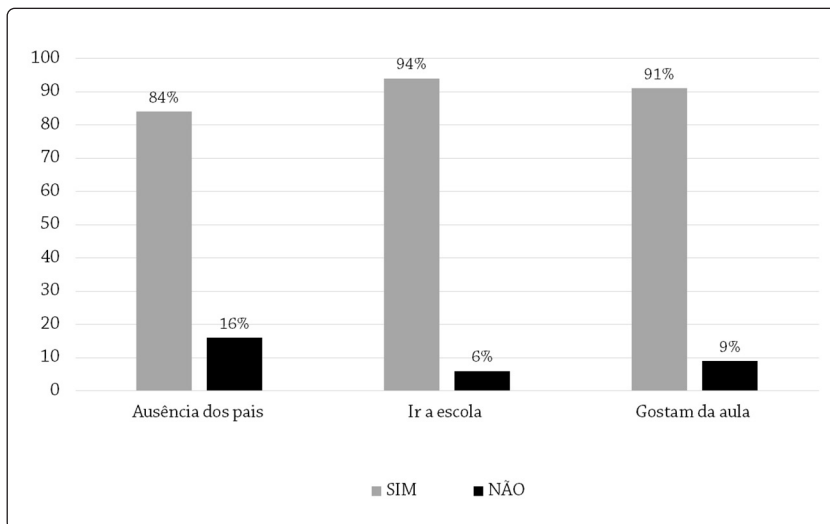
Para isso, realizou-se uma diagnose com os 100 estudantes da escola para obter uma análise panorâmica acerca dos problemas sociais e emocionais referentes à presença dos pais na esco-

la ou até mesmo se esses gostam de participar efetivamente no processo construtivo de aprendizagem (Gráfico 1).

A propósito, os dados relacionados à ausência dos pais no contexto escolar exprimem um valor significativo de 84%, o que pode ser um aspecto relevante para se levar em consideração. Santos e Carvalho (2018) destacam que a família deve ser um veículo que transite nos processos de ensino dos seus filhos, sendo, assim, uma via de mão dupla, uma vez que o docente não atua de forma isolada, mas com a presença ativa dos pais para alcançar bons resultados.

Outrossim, por mais que as aulas sejam metódicas, os alunos gostam de ir e estar presentes na escola. Acredito que tal fator está relacionado ao contexto social em que os alunos se encontram, devido ao fato de fazerem parte de uma região do agreste,

GRÁFICO 1. Análise individual em diferentes turmas do Ensino Fundamental dos anos iniciais e finais sobre os sentimentos escolares



Fonte: Os autores (2018).

onde prevalece a agricultura familiar, o que configura em grande parte a baixa renda, não suprimindo os gastos familiares.

Por esse motivo, alguns alunos chegavam em sala de aula sem uma alimentação adequada. Nessa direção, Cavalcanti et al. (2012) consideram que extensos períodos de jejum podem afetar nos processos cognitivos dos discentes, distraíndo-os ao ponto de acarretar a diminuição do aproveitamento do aluno e a perda do foco do conteúdo que está sendo transpassado, sendo, assim, crucial que os pais promovam uma alimentação saudável antes de os alunos irem à escola.

Dessa forma, a diagnose que realizei, além da matéria, permitiu-me como futuro profissional um olhar menos crítico e metódico para o alunado, e uma visão menos simplista, analisando o contexto social em que estão inseridos, tais como as relações com os pais e seus problemas emocionais relacionados ao convívio social.

Modelo de base de aprendizagem

Preparo da agenda de atividades

De acordo com as análises realizadas no campo educacional, foi possível traçar as formações para os docentes e os discentes (Tabela 1). Dessa forma, antes de suas aplicabilidades, promoveram-se cerca de quatro fóruns dos gestores para socialização das temáticas que iam ser trabalhadas.

No primeiro encontro foi lançado o planejamento de formações e oficinas para docentes e discentes, respectivamente. Nesse momento houve um diálogo entre as duas interfaces (gestor e residente) para saber as formações que seriam viáveis para implementar na escola.

As socializações entre os gestores foram essenciais para se compreender o impacto e as mudanças que poderiam ser realizadas nas próximas ações. Os fóruns eram sempre realizados em locais diferentes, como âmbitos culturais e trilhas ambientais, quebrando, dessa forma, a formalidade, além de promover um ambiente mais prazeroso e dialógico.

TABELA 1. Agenda de atividades promovidas no Grupo Escolar Severino David

Mês	Formação para professor	Formação para aluno
Julho	Produção de gêneros textuais	Conhecendo a si mesmo
Setembro	Arte e música como metodologia de ensino	Cinco sentidos: sala de aula como laboratório experimental
Outubro	Metodologia alternativa de ensino: tornando o discente agente do aprendizado	Abordagem CPA (concreto, pictórico e abstrato) no ensino de português e matemática

Fonte: Paulo Vitor (2018).

As aplicações das propostas didáticas: (re)significação da profissão docente

Durante os estágios supervisionados, percebi que eu não tinha uma certa flexibilidade para conduzir uma aula sozinho, visto que parte do estágio foi realizado em duplas e eu acabava me “es-corando” em alguém, fato comumente presente nos estágios. Por outro lado, tinha a questão do meu medo e emoções ligados a aspectos básicos, quando eu não acreditava que conseguiria passar o conteúdo, pelo fato de achar que iria falar rápido, gaguejar ou travar no decorrer das aulas ministradas. À vista disso, para minimizar as inseguranças no decorrer da carreira profissional se torna fundamental que o aluno da licenciatura tenha o contato com a realidade escolar desde o início do curso, para que a prática docente se torne cada vez mais comum (PAGANINI, 2012).

A minha visão docente em sala de aula era estagnada, uma vez que não acreditava que tinha potencial para a carreira, e que para seguir qualquer profissão era necessário um dom. Entretanto, percebi que “dom” não é um fator que irá conduzir ao seu sucesso, mas a pré-disposição que se tem para uma determinada área a seguir, modulando-se de acordo com os fatores externos para o alcance do êxito profissional.

Em relação às sequências didáticas, as suas aplicações se efetivaram de acordo com a necessidade da escola, desde a falta de letramento até a necessidade de abordagens transversais. As primeiras imersões foram bem cansativas, dado que nunca tive essa experiência em lecionar em dois turnos, ainda mais sozinho, durante o período de 4 horas/aula.

Nas imersões, percebi o quanto a sala de aula é heterogênea, e que por mais que façamos uma avaliação diagnóstica da turma não será o suficiente, em virtude de a turma responder de acordo com o seu momento. Sob esta visão, Gavassi (2012) argumenta que é primordial a realização de diagnoses no âmbito educacional, para que dessa forma o docente estagiário consiga obter um panorama a respeito da turma que irá lecionar.

Os inúmeros artefatos lúdicos e as diversificadas metodologias empregadas mostraram-se eficazes no processo de ensino-aprendizagem desses alunos, fragmentando os paradigmas cristalizados da educação. A prática tradicional, amordaçadora e improdutiva, demonstra se fragmentar ao longo do tempo, diante da informação disponibilizada nas redes sociais, que permite que o aluno se integre ainda mais no contexto social em que vive, exigindo do docente novas práticas pedagógicas (FRAIHA et al., 2018).

Diversas oficinas visando a abordagens voltadas às temáticas transversais, como o racismo, promoveram engajamento e

diálogo entre os discentes, considerando as problemáticas sociais comumente enfrentadas em seus cotidianos.

O que tornou para mim mais gratificante durante todo processo de Residência foi o fato de ter conseguido desenvolver habilidades docentes que eu não conseguia enxergar e me reconhecer como um futuro profissional. O medo e a insegurança foram um dos fatores que se fragmentaram durante as aplicabilidades das sequências didáticas.

Consegui compreender o discente não apenas como um sujeito em aprendizado e a ReDEC permitiu entender todo o contexto social em que alguns vivem. A cada turno de oficinas ministradas, quando chegava no turno da noite, por mais cansado que eu estivesse, era recompensador refletir e analisar os elogios recebidos dos alunos pela aula ministrada e saber que você conseguiu fazer a diferença naquele âmbito, além da troca de experiência com os residentes, que permitiu compreender ainda mais aquele processo formativo.

Diante de toda a conjuntura, pude (re)significar a minha visão como acadêmico da licenciatura, e atualmente acredito que as pesquisas laboratoriais não são o meu forte, pois a docência também é, ao me modular e me mostrar com outros olhares o poder que se pode ter em transformar a educação.

Outro aspecto marcante era o medo que me aprisionava em uma “caixinha”, limitando-me nas aulas que ministrava nos estágios supervisionados da Licenciatura. No entanto, o medo foi superado, e isso devido aos dez meses que me integrei ao programa ReDEC. Dessa forma, o auxílio do coordenador Fredson Murilo, bem como da gestora e coordenadora, deixou-me confortável para a análise do campo, o que quebrou essa insegurança, trazendo pra mim o aperfeiçoamento e ascensão na carreira universitária e profissional.

Análise e reflexões do produto

A visão da gestora: o impacto da ReDEC no Grupo Escolar Severino David

A participação dos residentes na escola foi enriquecedora para o processo de ensino-aprendizagem da Escola Severino David. As práticas ministradas pelos residentes desconectaram os alunos do modo tradicional de ensino e os colocaram como atuantes no seu próprio aprendizado. Convém ressaltar que a formação dos professores proporcionou novas práticas de ensino, como, por exemplo, as metodologias ativas, o ensino por investigação, *mobile learning*, entre outros.

Sobretudo, as formações docentes fizeram com que os docentes perdessem o velho hábito de ensino e ganhassem coragem de tentar o novo, desenvolvendo novas ferramentas lúdicas de ensino e protagonizando o discente no processo de ensino. O desenvolvimento da ReDEC no Grupo Escolar Severino David transcorreu de forma satisfatória e foram perceptíveis o envolvimento dos alunos e a interação da equipe, através da busca do conhecimento necessário para construção do saber.

Como já descrevia Paulo Freire (FREIRE, 2003, p. 47), “...ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.

Considerações finais

Nessa perspectiva, a ReDEC alcançou o seu objetivo na formação das interfaces educacionais (docente e discente), instigando os residentes no desenvolvimento de novas atividades lúdicas, assim como ajudou a prepará-los para uma atuação mais ativa e de caráter mediativo.

Além disso, a residência proporcionou uma visão sistêmica acerca do contexto escolar, que não era possível enxergar, e em sua totalidade permitiu sentir o “chão da escola”, conhecendo e atuando de forma mais ativa e participativa em todos os seus setores, compreendendo, assim, todo o corpo escolar, além de conhecer as necessidades intrínsecas da escola.

Diante do exposto, a experiência vivenciada na residência me permitiu aplicar um pouco do cunho teórico que obtive durante toda a minha trajetória acadêmica, além da minha desenvoltura nas aulas ministradas, pois pude me modular de acordo com a problemática da sala.

Pude perceber que o caminho da docência é árduo, mas é prazeroso, pois, ao mesmo tempo em que aprendemos, também ensinamos. No geral, a experiência como residente em Ensino de Ciências me proporcionou aprendizados inesperados para a construção da minha identidade docente.

Portanto, finalizo minha residência debruçando-me sobre o grande aprendizado que irei carregar para minha carreira profissional, e que a profissão docente é carregada de reticências, pois não tem um fim exato. Assim, uma lição que conduzirei comigo, nessa grande viagem maravilhosa como residente, é que marcamos corpos, e não apenas cognição.

Referências

ARAÚJO, P. R. *Residência Docente. Trabalho de Conclusão de Curso*, 2016.

CARVALHO, A. M. P. *Os estágios nos cursos de licenciatura*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

CAVALCANTI, L. A.; CARMO, J. T. R.; PEREIRA, L. A.; ASANO, R. Y; GARCIA, M. C. L.; CARDEAL, C. M.; FRANÇA, N. M. Efeitos de uma intervenção em escolares

do ensino fundamental I, para a promoção de hábitos alimentares saudáveis. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 20, n. 2, p. 5-13, 2012.

COSTA, L. L.; FONTOURA H. A. Residência Pedagógica: criando caminhos para o desenvolvimento profissional docente. *Revista @mbienteeducação*, v. 9, n. 2, p. 161-177, 2015.

FRAIHA, S.; WALDOMIRO, P. JR.; PERES, S.; TABOSA, C.; ALVES, J. P. S.; SILVA, C. R. Atividades investigativas e o desenvolvimento de habilidades e competências: um relato de experiência no curso de Física da Universidade Federal do Pará. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 40, n. 4, p. 1-7, 2018.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GAVASSI, S. L. *Avaliação formativa: um desafio aos professores das séries finais do ensino fundamental*. 2012. 35f. Monografia de Especialização (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

GROUP, Boston C; SENNA, Instituto A. *Formação continuada de professores no Brasil*. São Paulo, 2014.

IDEB. *Índice de Desenvolvimento da Educação Básica*. Disponível em: <http://inep.gov.br/ideb>. Acesso em: 24 set. 2018.

LOPES, R. C. S. A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. *Obtido a*, v. 9, p. 1-28, 2017.

NEUTZLING, M.B.; ARAUJO, C.L.P; VIEIRA, M.F.A; HALLAL, P.C.; MENEZES, A.M.B. Frequência de consumo de dietas ricas em gordura e pobre em fibra entre adolescente. *Revista de saúde pública*, São Paulo, v. 41, n. 3. Junho, 2007.

PAGANINI, E. L. Superando (in) seguranças no início de carreira docente. Seminário de pesquisa em educação da região sul, v. 9, 2012.

ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L. O.; KOGUTI, M. C.; MANJESI, P. S. A formação do professor nos cursos de licenciatura: o que dizem os professores. *Revista Diálogo Educacional*, v. 17, n. 55, p. 1639-1661, 2017.

SANTOS, M. C. C.; CARVALHO, N. M. R. Psicopedagogo: Contribuição de pais e professores no processo da aprendizagem. *Revista Multidebates*, v. 2, n. 1, p. 224-232, 2018

TERRAZZAN, E. A.; DUTRA, E. Configurações curriculares em cursos de licenciatura e formação identitária de professores. *Revista Diálogo Educação*, v. 8, n. 23, p. 71-90, 2008.

ZABALZA, M. A. *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES DO AMBIENTE ESCOLAR ATRAVÉS DO TRIPÉ EDUCACIONAL ALUNO, PROFESSOR E INSTITUIÇÃO: uma experiência na Escola Municipal Margarida Ramalho

Thais Kelly Ferreira da Silva¹

Rosa Maria da Silva²

O programa e suas implicações

A Residência Docente nas Ciências (ReDEC) se apresenta como um programa piloto, que inova a forma de enxergar as bases da escola, fazendo-o de forma sensível e holística. O programa considera a realidade da escola em sua totalidade, levando a devida importância para todas as vertentes da comunidade escolar. Isso acontece através da análise das atividades de funcionários, professores, alunos e familiares. Além disso, os residentes têm a oportunidade de sentir por completo o chão da escola, aprendendo diversas soluções para as problemáticas existentes, com a oportunidade de criar possibilidades através das potencialidades identificadas no ambiente escolar.

1 Licencianda em Ciências Biológicas – UFPE.

2 Gestora da Escola Municipal Professora Margarida Ramalho.

A ReDEC permite uma comunicação direta da universidade com a comunidade escolar, uma via de mão dupla de aprendizados. Um método simples que requer poucos recursos, mas muita preparação teórica através da vivência escolar. O programa ultrapassa as barreiras do Ensino de Ciências, de cunho socioeconômico, educacional e formacional.

Às escolas foram levados conteúdos transversais, que envolvem arte, ciência, música, atividades psicomotoras, atividades lúdicas e outras diversas experimentações. Enquanto os alunos aprendem através da aplicação dessas atividades, que em geral têm formato de oficina, os professores são formados de maneira continuada, com mestrandos e doutorandos parceiros do programa. Um dos ideais da ReDEC é levar aos professores de Feira Nova o método de formação em serviço. Esse tipo de formação foi desenvolvido a partir da realidade de muitos professores, que, mesmo depois de formados e empregados, ainda necessitam de uma qualificação. A ideia é desenvolver uma formação que os qualifique a partir de novas tendências dentro das escolas e das necessidades dos alunos em sala de aula. Essa formação qualifica o professor em seu ofício, ou seja, em sala de aula, traçando desde metodologias para alfabetizar até conteúdos mais específicos, nos casos das turmas de Anos Finais do Ensino Fundamental.

Uma das etapas mais importantes do programa está nas duas semanas de imersão nas escolas. Essa imersão permitiu aos residentes ter uma compreensão em relação à realidade da escola, suas potencialidades e fragilidades. Entendendo o contexto da escola é que podemos começar a desenvolver ações que tenham efeito direto nas reais necessidades.

Visitamos as dez escolas do município que estão incluídas no programa. Essas visitas permitiram traçar semelhanças e diferenças físicas entre as escolas, favorecendo uma análise de como

a estrutura influencia no processo da rotina escolar. Observamos também o entorno dessas escolas, o que auxiliou no processo para traçar o perfil dos alunos e dos familiares.

O cenário em Feira Nova

Vizinha dos municípios de **Lagoa de Itaenga**, **Limoeiro** e **Passira**, a cidade de Feira Nova se situa a 9 km a Sul-Leste de **Limoeiro**, a maior cidade nos arredores. O município se estende por 107,7 km² e conta com aproximadamente 21.000 habitantes. A maior renda da cidade hoje é movimentada pela agricultura. Isso caracteriza um grande potencial da terra feiranovense.

O cenário da educação da cidade se configura através da realidade de dez escolas públicas municipais, todas contempladas pelo projeto. Quatro escolas estão localizadas na zona rural e seis no centro da cidade, sendo duas delas responsáveis por atenderem exclusivamente os serviços de Ensino dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Em geral, essas escolas não possuem laboratório de ciências e são poucas as que possuem salas ou espaços para atividades no contraturno. As estruturas variam de tamanho, mas seguem um padrão quanto à utilização de espaços para além da sala de aula. Normalmente esses espaços não são utilizados, e isso caracteriza pouco poder exploratório desses ambientes. Além disso, existe um padrão de metodologias e de práticas pedagógicas utilizadas pelos professores em sala de aula, que, em geral, seguem o formato tradicional. Esse formato não permite que o poder ativo do aluno seja explorado por completo, criando algumas lacunas no processo de aprendizagem e na relação entre professor e aluno. Um exemplo dessa lacuna é o sentimento de pertencimento que o aluno feiranovense normalmente não possui ao vivenciar a escola.

A falta desse pertencimento implica diretamente a disposição do aluno em participar da aula e das atividades da escola. Essa e outras discussões serão levantadas ao longo do capítulo.

O objetivo deste texto é traçar toda a vivência obtida durante o programa e descrever as experiências adquiridas na Escola Professora Margarida Ramalho, de cujo mapeamento inicial fui responsável, bem como pelo principal contato com as vertentes do projeto.

Relato de experiência

O trabalho desenvolvido pelo grupo em Feira Nova tem a base teórica nas Coreografias Didáticas, conceito trabalhado por Miguel Zabalza e amplamente discutido por outros autores. A proposta das coreografias se coloca como uma possibilidade que os docentes têm ao organizarem o cenário de aprendizagem, buscando proporcionar construções significativas para os estudantes. A proposta se apresenta como uma analogia ao teatro, em que os atores seguem um roteiro para apresentação de um tema, que desperta, ou não, o interesse da plateia, podendo desencadear uma rede de sentidos com outras histórias, experiências e sensações (NOGUEIRA; PIZZI, 2014).

Em concordância com os autores, percebe-se que o processo de aprendizagem em sala de aula passa a ter uma maior complexidade em sua organização estrutural. Sendo assim, todos os sujeitos desempenham uma função importante e necessária dentro da sala, e tanto o professor quanto o aluno agem ativamente, beneficiando a relação de ambos e tornando mais eficiente as etapas da aprendizagem contínua. Esse conceito se encaixa perfeitamente bem na ideia do nosso projeto, porque nossa intenção é sair da coreografia pobre, muito comum em sala de aula, que consiste em um modelo de ensino tradicional.

Isso significa trabalhar o ano inteiro da mesma maneira, sem adaptações, sem reformulações, sem uma autoavaliação, entre outras coisas. Em uma coreografia rica, o professor considera as vivências dos alunos, levando-as para a sala de aula, mostra-se passível de adaptações para melhorar cada vez mais sua ação e trabalha de uma maneira que consiga conquistar o interesse do aluno. São esses aspectos que estamos levando para Feira Nova, ou seja, uma educação mais humana e pensada de uma forma que valorize todos os sujeitos da comunidade escolar.

Escola Professora Margarida Ramalho

A Escola Professora Margarida Ramalho conta com os serviços de Educação Infantil (Pré I e II) e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (do 1º ao 5º ano). Fica localizada na Rua Margarida Ramalho, no centro de Feira Nova – PE. Após realizar um levantamento comparativo com os dados disponíveis no Censo/2016, pude constatar que há atualizações no tópico das dependências escolares, e, ao invés de 6 (seis) salas de aula, existem na verdade 7 (sete), e um acréscimo no número de funcionários, que passou de 24 (vinte e quatro) para 27 (vinte e sete) pessoas.

A escola é razoavelmente pequena: possui três banheiros (dois para os alunos e um para os funcionários), uma cozinha apertada, dois espaços externos, onde os alunos ficam durante os intervalos, não possui laboratórios ou salas para atividades no contraturno. A biblioteca é muito pequena, mas bem organizada. Ela é usada para realizar reforço com poucos alunos e também é utilizada pela professora de educação especial, para trabalhar com um aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista) em grau elevado.

Levantamento dos diferentes perfis dentro da escola

Para desenvolver um trabalho dentro da escola que de alguma maneira contemplasse todas as vertentes da comunidade escolar foi preciso realizar um levantamento dos perfis da gestão (incluindo diretor(a), coordenador(a), secretários e auxiliares), professores, alunos, demais funcionários (cantina, portaria e serviços gerais) e os pais dos alunos. Esses perfis foram levantados através de observações, entrevistas, conversas, reuniões e realização de grupo focal com alunos.

Perfil dos professores

A escola possui ao total, doze professoras, todas formadas em Pedagogia, sendo quase todas especializadas em Psicopedagogia. O tempo de experiência na escola entre elas varia muito, de seis meses até vinte e três anos. Enxerguei nas professoras um potencial muito grande para trabalhar em equipe, pois elas se comunicam bem no cotidiano escolar e em suas práticas. Além disso, possuem uma ótima relação entre professor-professor, professor-gestão e professor-aluno. Apesar disso, sinto que falta uma articulação maior para elevar as potencialidades da escola e trabalhar com os problemas mais graves. Apesar da dificuldade, é preciso aprofundar ainda mais o trabalho com algum tipo de deficiência e sua integração enquanto parte da escola.

Tive algumas conversas com alunos e professores nas quais pude constatar uma boa relação de convívio, mas, apesar disso, a maioria das professoras relataram muitos problemas de indisciplina, principalmente nas turmas mais avançadas. Pela convivência com os integrantes da escola, percebi que a questão das datas comemorativas é bem mobilizadora. É o momento em que professor, aluno e gestão se organizam e trabalham coletivamente.

te para além da sala de aula. Seria interessante buscar novas mobilizações desse tripé. A escola vai avançar ainda mais quando as professoras se colocarem mais ativamente dentro da escola, ou seja, elas precisam se enxergar como agentes transformadores.

Um dos instrumentos utilizados para entender as demandas e desafios dos professores foi a aplicação do questionário intitulado como Instrumento Avaliativo do Professor. Esse questionário contém diversas perguntas sobre formação, tanto para os professores, como para os alunos. Por exemplo: Que formações você desejaria para 2018? Que formações você desejaria na sua área específica? Que desafios você encontrou na escola para formar seus alunos ao iniciar o ano letivo? Além dessas, foram feitas diversas sugestões para oficinas para os alunos, como, por exemplo, experimentação, técnicas de ensino, brincadeiras e jogos, trabalho em equipe, aulas práticas e autoestima.

A partir das respostas, pudemos destacar os desafios mais relatados pelas professoras para formar os alunos, que são a indisciplina, o déficit de atenção e o fato de o método utilizado em sala normalmente não chamar a atenção do aluno. Dentre as coisas que elas mudariam na escola, a maioria respondeu que seria seu espaço físico, criando uma área mais ampla para leitura e lazer. Duas responderam que mudariam o currículo do alfabetizar, mesmo não achando que exista uma possibilidade grande de mudança sobre o assunto. Sobre as formações que gostariam de receber, elas destacaram os seguintes temas: autismo e educação inclusiva, relação afetiva entre professor e aluno, métodos diversos para alfabetizar o aluno, temáticas direcionadas ao Português e como fazer aulas dinâmicas e lúdicas, com foco na leitura.

De acordo com as entrevistas e questionários aplicados com as professoras, podemos identificar que, por exemplo, quase todas destacaram a questão da indisciplina dos alunos como um problema grave. Apesar de elas entenderem a negatividade disso

no processo, a maioria entende isso como um problema quase impossível de solucionar, não vendo possibilidades reais de resolução. Algumas fizeram uma autorreflexão sobre os métodos que utilizam em sala e reconheceram que os alunos não se sentem atraídos, o que dificulta o andamento da aula e do ano letivo como um todo. Através das formações e oficinas realizadas, as professoras começaram a ver respostas imediatas em relação à indisciplina dos alunos, que pode estar relacionada diretamente às metodologias usadas em sala. Quando o aluno se sente ativo, desenvolvendo alguma atividade, ele cria engajamento para desenvolvê-la e define objetivos claros, usando a maior parte do tempo para cumpri-los.

Além disso, todas concordam que a maior limitação da escola se encontra em sua estrutura física e a falta de recursos para atividades que perpassam a sala de aula. Para agir diretamente nessa questão ao longo do ano fomos desenvolvendo atividades que mostraram novas possibilidades de espaços para ensinar e aprender, além da sala de aula. Essas atividades levantaram discussões sobre ambientes não-formais que poderiam ser utilizados em Feira Nova, levando para o professor a ideia de que a escola ultrapassa seus muros físicos.

Perfil dos estudantes

A escola atende aos serviços de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com o total de 286 alunos. Os alunos – assim como toda criança – são animados, comunicativos e a maioria é participativa. A maioria é residente do centro de Feira Nova, mas há alguns que moram na zona rural. Em sala, os alunos se mostram interessados e mantêm uma comunicação ativa com os professores. Isso mostra que existe neles um potencial que pode ser explorado. Posso destacar os alunos do Pré II, da

professora Sônia. Eles apresentaram um ótimo desempenho em sala de aula, sempre dando um retorno maior em relação ao que a professora propunha.

Existem problemas gerais que consegui identificar nos alunos, todos com possibilidade de mudanças, como, por exemplo, a falta da leitura, de escrita e a insatisfação em realizar algumas atividades, principalmente nas últimas turmas, de forma gradativa. Quanto mais velhos, menos interessados na fala da professora, menos curiosos, mais dispersos. Um detalhe que chamou bastante atenção na observação foi a presença de alunos com algumas características que normalmente não são trabalhadas na escola, como hiperatividade ou dificuldade em se relacionar com outros alunos. Em geral, esses alunos estão invisibilizados, sem acompanhamento, e, por necessitarem de um atendimento mais direcionado, têm algumas dificuldades em sala de aula que os impedem de se desenvolverem de maneira mais efetiva.

Acompanhei uma reunião em que a gestora e a coordenadora discutiram junto às professoras os resultados da média dos 5º e 2º anos nas provas do SAEPE, quando fizeram uma comparação entre as notas de 2015 e 2016. As médias não foram satisfatórias, principalmente em relação às do município. As notas para Língua Portuguesa foram ainda menores que as de Matemática.

Isso indica uma problemática que se encontra de forma muito clara em relação às escolas trabalhadas: os alunos leem muito pouco e alguns estão em turmas mais avançadas sem estarem totalmente alfabetizados. Essa é uma realidade que implica diretamente no processo de aprendizagem dos alunos e no desempenho da escola, pois, sem leitura, os alunos não desenvolvem a prática da interpretação, atividade que está relacionada com todas as outras disciplinas e também na formação do aluno como cidadão.

Perfil dos funcionários

A Escola possui cinco profissionais que atuam na gestão: 1 diretora, 1 coordenadora, 1 secretário e 2 auxiliares. Além disso, possui 2 porteiras, 2 funcionárias responsáveis pela limpeza, 2 responsáveis pela merenda e 2 ajudantes das professoras das turmas de Educação Infantil em sala de aula. Apesar de a escola apresentar poucos recursos, eles possuem um poder de organização muito grande. O trabalho das funcionárias de serviços gerais e da cozinha é digno de destaques positivos. O horário da distribuição da merenda é seguido corretamente e a articulação para tal é simples e funciona. As funcionárias da limpeza trabalham no horário de almoço, entre um turno e outro, e quando a escola libera os alunos da tarde, às 17h.

Em relação à Gestão, alguns pontos precisam ser considerados. Conversando com a gestora, ela me contou que houve mudanças desde que a equipe foi renovada. No ano de 2016, quando ainda não tinha assumido, a escola estava desorganizada, com muito entulho acumulado, tanto na despensa, como no lugar que hoje é a biblioteca. Tive acesso a fotos de antes e depois, e houve melhoria em praticamente toda a estrutura da escola, com conserto de detalhes importantes, como falhas nas paredes, móveis velhos, infiltrações. A Escola atualizou seu PPP no começo desse ano. Nele, há um destaque para a situação socioeconômica da família dos estudantes, que basicamente define o ambiente social em que a escola está inserida.

No geral há uma comunicação muito grande dentro equipe técnica, talvez pelo fato de a escola ter uma estrutura pequena e necessitar de um número pequeno de funcionários. Isso faz com que eles se ajudem, estreitando e melhorando cada vez mais a relação. No entanto, seria interessante que essa articulação se direcionasse em prol de problemáticas urgentes dentro da esco-

la, como, por exemplo, a inserção da educação inclusiva dentro desse ambiente, para tornar a escola mais agradável para alunos que portam algum tipo de deficiência, de forma a propiciar a relação deles com os demais alunos mais natural e humanizada.

Vivências que formam professores, alunos e residentes

Depois de duas intensas semanas de observações dentro das Escolas, nós, residentes, começamos a nos preparar para iniciar de fato as formações, que têm efeito direto na nossa profissionalização enquanto professores, nos próprios professores do Município e nos diversos estudantes nas dez escolas de Feira Nova-PE. Essa preparação ocorreu através de intensas leituras, escrita, planejamentos e reuniões com toda a equipe para a socialização dos conteúdos e das ideias gerais.

Durante esse processo de preparação, fizemos uma análise específica do perfil de cada escola, incluindo as variações de perfis de professores e alunos de cada turma, incluindo alunos com algum tipo de deficiência. Nesse momento utilizamos todos os dados que foram coletados durante o período de observação, quando fizemos entrevistas, aplicamos questionários e utilizamos a técnica de grupo focal, por exemplo. Baseado nisso cada residente pensou em formações que atendessem as necessidades das escolas separadamente.

Durante as Vivências Formativas alunos e professores passam por formações, simultaneamente. As vivências ocorreram no mês de julho. Foram três dias intensos de vivências, como o próprio nome sugere. Durante a primeira Vivência Formativa foi aplicada para as professoras uma formação sobre Novas Metodologias para o Ensino. Essa formação foi muito solicitada pelas professoras e, de fato, durante as observações pude notar que ampliar a gama de metodologias que podem ser utilizadas

em sala significaria tornar as professoras mais preparadas e engajadas para favorecer o processo de aprendizagem dos alunos. As professoras avaliaram a formação positivamente, e, depois de algum tempo, tivemos o retorno de que elas estavam aplicando algumas das metodologias apresentadas em sala de aula.

Os alunos participaram de uma oficina sobre experimentação através dos cinco sentidos do corpo humano, em que tiveram a oportunidade de trabalhar com arte, curiosidades e ciência. Essa oficina trouxe uma proposta de aprendizagem dos alunos sobre percepções e sensações através do próprio corpo, utilizando materiais de fácil acesso. Utilizar os cinco sentidos e traçar o entendimento por trás deles permitem uma maior compreensão do corpo humano e as possíveis respostas que ele tem ao estímulo de diferentes sentidos. Além disso, com essa oficina, os alunos podem criar hipóteses e explicações para as diferentes reações que tiveram ao entrar em contato com os materiais, levantando questionamentos e atiçando a curiosidade. Isso prova que os alunos também podem fazer ciência através do cotidiano, entendendo o porquê das reações e da relação delas com o corpo humano.

Durante a imersão pudemos compreender a dimensão de várias escolas e turmas diferentes. Cada experiência foi única, e algumas nos desafiaram a ponto de, no final do processo, aumentar ainda mais meu reconhecimento enquanto professora. As oficinas foram elaboradas de acordo com as necessidades mais urgentes definidas através da observação das turmas pelo residente de cada escola.

Uma experiência que gostaria de destacar aconteceu no segundo dia de Vivências. Foi meu primeiro momento sozinha com os alunos em Feira Nova. Confesso que esperei muito por esse momento e fiquei ainda mais animada com o tema da oficina.

Normalmente, temas de cunho social são negligenciados em sala de aula, negando um conhecimento necessário para a formação de qualquer cidadão. Assim que entrei na sala, percebi os alunos muito agitados e dispersos e já identifiquei ali um desafio para centrar os alunos na temática e aproveitar ao máximo a energia deles. Eu me surpreendi com a disposição que eles tiveram em trabalhar o assunto. Além de presenciar depoimentos emocionantes sobre casos de racismo que os alunos vivenciaram, ainda consegui seguir o planejamento com um alto grau de aproveitamento dos alunos. Em um dos últimos momentos da oficina, os alunos produziram a *Árvore do Respeito* (Figura 1), para a qual cada aluno criou uma mensagem que queriam passar para os alunos e para o mundo sobre o respeito à diversidade, relacionando-as aos temas abordados na oficina. Foi um ótimo momento, pois eles questionaram e refletiram sobre diversos temas de

FIGURA 1. *Árvore do respeito*



Fonte: Thais Ferreira (2018).

cunho social e as problemáticas que os cercam atualmente. Foi realmente empolgante e saí da sala com a certeza de que eles não eram mais os mesmos.

A 2ª Vivência Formativa ocorreu em setembro de 2018. Por ser a segunda vez, nós conseguimos nos articular de forma muito mais proveitosa, pois já tivemos o primeiro contato com a turma. Com o auxílio do coordenador do projeto, Fredson Murilo, e dos funcionários da escola, tivemos a confiança de assumir uma turma inteira, mesclando elementos do dia-a-dia deles com atividades inovadoras, durante o período de quatro horas. Através do enfrentamento dos desafios com que tivemos contato, conseguimos construir pontes de conhecimentos com os alunos, somando resultados positivos como produto da experiência. Dentre os desafios, podem-se destacar a dispersão da turma em alguns momentos e os conflitos gerados entre os próprios alunos. Na segunda experiência houve menos situações adversas em sala de aula. Todos os residentes apresentaram um poder enorme de adaptação e todas essas problemáticas da primeira experiência foram consideradas. Era visível que nós estávamos muito mais preparados, e isso resultou em um trabalho mais articulado e condizente com nossos planejamentos.

Na Margarida Ramalho, durante a 2ª Vivência, as professoras receberam uma formação sobre Educação Inclusiva, em que foram abordadas diversas vertentes sobre o tema e o que ela pode gerar para uma escola e seus alunos. Quem ministrou foi o formador Pedro Vieira. Já os alunos participaram da oficina “A prática da Leitura e da Escrita no Cotidiano Escolar”, quando pudemos trabalhar a função social da leitura e da escrita através de metodologias ativas.

Segundo Perrotti apud Maricato (2005 p. 25), quanto mais cedo as crianças tiverem contato com histórias orais e escritas,

maiores serão as chances de gostarem de ler. Pensando nisso, os professores de ensino fundamental precisam levar para a sala de aula e até para fora dela estratégias que visem tornar a leitura e a escrita prazerosa e cotidiana dentro da vida de um aluno, visto que essas ultrapassam as barreiras da sala de aula e são importantes para o aluno, em qualquer ambiente que ele esteja. Trabalhar a leitura e a escrita de forma dinâmica e lúdica implica levar para o aluno uma nova vertente sobre o aprender, gerando um aluno mais ativo e tornando, por sua vez, o processo de aprendizagem mais prazeroso.

Assumir o lugar do professor nos permitiu entrar em contato de forma mais profunda com a fala deles sobre os alunos e sobre a própria escola. Pudemos de fato entender como está o binômio ensino-aprendizagem em relação aos estudantes de Feira Nova. Emocionamo-nos em diversas situações. As diferentes escolas e diferentes turmas nos permitiram experiências únicas. Cada sala era um mundo diferente que nos trazia uma total imersão do ambiente escolar, considerando a variação de idade dos alunos.

Essa experiência nos proporcionou o contato direto com alunos da Educação Infantil, Anos Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental. São demandas e necessidades diferentes, às quais tínhamos que nos adequar para tornar a experiência o mais agradável possível, promovendo a interação com os alunos e trazendo novas possibilidades de aprendizagem. Tive certeza de que conseguimos alcançar essas possibilidades de forma eficaz, quando recebemos feedbacks dos próprios alunos ao final das oficinas. Foram nesses momentos que conseguimos ter o retorno sobre o andamento do programa. O fato de esse projeto ser piloto causa certa insegurança quanto às realizações das atividades, e o resultado de cada ação sempre nos surpreende, o que nos instiga sempre a querer melhorar cada vez mais.

Uma outra atividade que gostaria de evidenciar é o Fórum dos Gestores. Mensalmente, os doze residentes se reúnem com os dez gestores das escolas de Feira Nova em um encontro de aprendizagem, troca de ideias, informações e planejamentos, através da socialização das atividades desenvolvidas durante o projeto. A intenção, além de informar e realizar a construção dos nossos passos dentro das escolas, é levar novas vivências para os gestores, as quais permitem a construção de novos conhecimentos e possibilidades reais a serem levados para as escolas de Feira Nova.

A partir dessa construção os gestores começam a perceber, por exemplo, a importância de utilizar espaços não-formais nas aulas e como isso e outras atitudes inovadoras influenciam positivamente no processo de aprendizagem do aluno. Durante a realização desses fóruns, visitamos diversos espaços, como, por exemplo, o Museu Cais do Sertão e o Paço Alfândega, localizados no Centro do Recife, e o Sistema Agroflorestal Experimental (SAFe), localizado na Universidade Federal de Pernambuco, no Centro de Biociências.

Qual o impacto da residência em Feira Nova?

O município possui características bem particulares em sua totalidade, principalmente no âmbito cultural, mas, ao mesmo tempo, segue um padrão em relação às suas duas importantes instituições: a escola e a família. Existe uma linha tênue construída a partir dessa relação, que influencia diretamente na construção do tipo de aluno feiranovense. Eles não se sentem os alunos ideais e isso, automaticamente, influencia na autoestima e no processo de pertencimento dentro do ambiente escolar. Mas, qual é o aluno ideal? A escola é ideal? A partir de quê podemos

construí-la? É um percurso muito grande a ser percorrido e os resultados não são imediatos. A dificuldade em enxergar que é possível construir um novo formato de escola, mais humanizado e mais articulado entre as partes que a compõem, dificulta o processo em enxergar possibilidades dentro do que já existe.

A Residência Docente nas Ciências consegue trazer uma nova perspectiva para o município, para os gestores, para os professores, para os alunos, pois hoje encontramos um padrão de estruturação e organização de escolas municipais que se distancia muito do ideal do que é considerado uma boa escola. Isso me leva a refletir sobre que escola estamos oferecendo para esses alunos? Uma escola em que não acreditamos? Então não é sobre apresentar uma solução para um histórico estruturado a partir das problemáticas, mas é sobre mostrar que existem outros caminhos que podem ser percorridos e construídos diferente do existente hoje.

Percebemos que os resultados estão começando a chegar, através de duas vertentes: uma, dos alunos, e outra, dos professores. A primeira veio no início de setembro de 2018. A Prefeitura Municipal de Feira Nova, através da Secretaria de Educação, apresentou os resultados obtidos na última avaliação do Índice do Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Pela primeira vez na série histórica dessa avaliação o município ultrapassou os 5,0 pontos para os Anos Iniciais e os 4,0 pontos para os Anos Finais. Esses dados nos norteiam sobre nossas ações em colaboração com toda equipe da cidade e nos mostra que, sim, é possível dar um passo de cada vez para evoluir todas as partes desse todo. A segunda vertente aparece através de dois pontos: pelos relatos dos professores ao final das diversas formações que recebem e por saber que eles estão colocando em prática, com seus alunos, o que aprenderam.

Relato da gestora da Escola Professora Margarida Ramalho

“A Residência Docente nas Ciências apresenta um projeto inovador, em que os residentes da UFPE levam para a escola seus conhecimentos adquiridos na universidade. Foram momentos ricos em conhecimentos e em trocas de experiências. Através da observação da escola, a residente selecionou os temas para as formações com base nos conteúdos que os professores mais sentiam dificuldades em trabalhar na sala de aula. Com as formações, o professor ampliou seus conhecimentos e suas possibilidades dentro de sala de aula. Elas ocorrem na própria escola, enquanto os alunos ficam na sala com os residentes, aplicando as oficinas. Um trabalho muito bom. Agradeço a Thais Kelly Ferreira da Silva, pelo seu belíssimo desempenho e dedicação pelo seu trabalho à Escola Margarida Ramalho. Ficamos satisfeitos com as formações aplicadas, tanto para professores, quanto para os alunos. A partir dessas experiências inovadoras estamos colocando em prática todos os aprendizados para os novos desafios que estamos enfrentando no ambiente escolar.”
(Rosa Maria da Silva)

Considerações finais

O Programa Residência Docente nas Ciências conseguiu se estruturar através da dedicação das equipes. A articulação entre os residentes e os gestores foi essencial para entender as necessidades específicas de cada escola. A articulação entre gestores e professores permitiu que cada ação desenvolvida e planejada se tornasse possível. A cada ação aplicada, comemoramos pelo sucesso. Ao final de cada vivência, sentimos que houve renovação. Ao sair de cada sala de aula, sentimos que plantamos diversas sementes em cada aluno presente. E isso é enriquecedor.

Enfrentamos alguns desafios que se deram principalmente por se tratar de um projeto piloto. Ou seja, ele não tem uma base prática já desenvolvida. Apoiamo-nos no estudo de referenciais teóricos e na nossa coragem em acreditar e realizar cada passo planejado. A partir dessa experiência, podemos validar todos os acontecimentos e considerá-los para outras realidades e outros ambientes. Podemos enxergar a possibilidade de aplicação do modelo para outros municípios e escolas, porque as problemáticas discutidas no campo onde desenvolvemos a pesquisa está presente em diferentes cidades e diferentes escolas. Tem-se uma base bem estruturada que contempla diversas realidades.

Observamos que o projeto teve efeito direto na vida de cada pessoa que pôde participar, conhecer, escutar, entender. Mas, principalmente, teve efeito na nossa formação, enquanto licenciandos, e na formação dos professores de Feira Nova. Afinal, nossa profissão nos cobra uma formação contínua ao longo da nossa vida, uma formação ampla, que englobe aspectos teóricos e práticos. O profissional da educação precisa se renovar sempre e tenho certeza de que essa experiência nos permitiu isso. Sabemos a importância de colocar o licenciando em contato com o universo escolar durante sua formação. Nenhuma disciplina teórica tem o poder de formação que uma experiência como essa tem. Afirmamos isso, porque consideramos duas abordagens completamente distintas a partir de um mesmo ponto. É sentindo o chão da escola que o licenciando vai de fato presenciar as vivências reais de uma escola, em todas suas faces. Além disso, ainda temos uma troca incrível de experiência com professores que já atuam no mercado de trabalho. Só temos a agradecer pela existência, pelo trabalho e dedicação de todos os membros da nossa equipe. Cada um acrescentou de forma única sobre o que acreditamos ser um trabalho coletivo.

Referências

DOS SANTOS, Vanessa Nogueira; PIZZI, Jovino. As coreografias didáticas como horizonte de sentido para as práticas pedagógicas. *Temática*, v. 10, n. 6, 2014.

MARICATO, Adriana. O prazer da leitura se ensina. *Criança*. Brasília. s/ v, n. 40, p. 18-26, set. 2005.

DOCÊNCIA E GRATIDÃO COMO UMA RELAÇÃO TRANSFORMADORA: uma experiência na Escola Municipal João Murilo de Oliveira

Lucas Matos de Lima¹
Eliane Ângela da Silva²

Introdução

O Programa de Residência Docente nas Ciências (ReDEC) inicia uma parceria entre a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e o município de Feira Nova-PE, possibilitando que graduandos do curso de licenciatura em Ciências Biológicas e de Ciências Sociais atuem numa via de mão dupla com as escolas da cidade. O programa visa amadurecer o senso crítico dos residentes para que esses estejam capacitados a estudar e compreender todo o âmbito escolar, para que assim detectem as particularidades, potencialidades e fragilidades do local, de forma que seja possível adequar a metodologia aplicada ao que foi identificado. Em segundo, busca-se enriquecer o processo formativo do graduando a partir das experiências provenientes dos períodos de imersão, dos debates realizados e da elaboração, discussão e aplicação de oficinas propostas. Por fim, também deseja-se

1 Licenciado em Ciências Biológicas – UFPE.

2 Gestora da Escola Municipal João Murilo de Oliveira/ Feira Nova.

ofertar aos professores e alunos da rede municipal de ensino da cidade de Feira Nova oficinas que abordem metodologias diferenciadas a partir de conteúdos transversais para os alunos, ao mesmo tempo em que se possibilita aos professores participarem de oficinas ministradas por mestres ou doutores, nas quais são discutidos e trabalhados conteúdos referentes às especificidades de cada escola.

O trabalho em Feira Nova é fundamentado a partir dos parâmetros propostos por Zabalza (2015) com a teoria da coreografia didática, na qual o professor não é mais o único detentor do conhecimento e passa a ser um coreógrafo que guia os alunos durante o processo de ensino-aprendizagem, de forma que os discentes tornam-se os atores, deixando de exercer apenas um papel passivo e passando a possuir um papel a desempenhar durante o encadeamento desse processo. Para que ocorra a coreografia didática é necessário seguir as seguintes etapas: (1) antecipação do plano de ação a ser desenvolvido; (2) aplicação das atividades previstas; (3) construção do significado da ação realizada; (4) generalização da experiência; (5) reflexões sobre experiências similares.

A escola trabalhada neste capítulo é a Escola Municipal João Murilo de Oliveira (Figura 1), que é uma das maiores em Feira Nova, localizada na Rua José Araújo de Lima s/nº e funciona no horário matutino (das 7h30min às 11h30min) e no vespertino (das 13h às 17h), atendendo alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais. O público que a escola atende é composto por alunos que habitam a zona rural e a zona urbana, havendo transporte escolar fornecido pela prefeitura municipal para viabilizar o deslocamento dos educandos. Na escola há 21 turmas, 12 no turno da manhã e 9 no turno da tarde.

A escola está em bom estado. Muitas salas de aula são bastante decoradas e têm um “cantinho de leitura”, que não é muito

FIGURA 1. Escola João Murilo de Oliveira



Fonte: Lucas Matos (2018).

utilizado. A secretaria é climatizada e aparenta ser um local confortável para a recepção dos pais ou responsáveis, além de proporcionar um ambiente de bem-estar para a execução do trabalho dos secretários. Em contrapartida, a sala da direção é pequena e cheia de materiais ou móveis, o que pode gerar desconforto, caso haja um grande fluxo de pessoas. A biblioteca possui diversos livros e brinquedos que ficam à disposição dos alunos, porém há falta de cadeiras e espaço, caso uma grande quantidade de estudantes visite o local. O pátio é grande e pode ser utilizado facilmente para aulas ou atividades fora de sala. Os banheiros possuem poucas cabines e não dispõem de adaptações para cadeirantes, além de terem sido observados problemas com a iluminação do ambiente. A horta foi feita pela diretora da escola, não havendo participação dos alunos, apesar de os alimentos serem utilizados pelas merendeiras no preparo de refeições. O local que foi escolhido como sala dos professores é utilizado como depósito do material da banda da escola, e, por fim, a sala da “mais educação” não funciona por falta de verba. Adicionalmente, há uma quadra adjunta à escola, que só pode ser utilizada nas sextas-feiras, caso não ocorra um evento no dia.

A escola organiza um calendário de atividades para oferecer momentos de atividades culturais e eventos festivos para os alunos em datas comemorativas. É importante que esses eventos ocorram, principalmente em escolas com público infantil, pois é possível conciliar o momento de lazer com um momento de aprendizado. Como exemplo, houve a festa realizada para o Dia do Estudante, no dia 11 de agosto de 2018, quando diversas brincadeiras e práticas educacionais foram realizadas com os alunos, inclusive um concurso que trabalhava gêneros textuais, com entrega de medalhas aos vencedores (Figura 2).

FIGURA 2. Vencedor do concurso



Fonte: Eliane Ângela da Silva (2018).

Portanto, este capítulo relata a residência docente realizada na escola João Murilo de Oliveira, ao mesmo tempo em que aborda e discute sobre as diversas situações vivenciadas pelo residente, bem como o impacto que elas produzem durante a sua formação profissional e pessoal.

Relato de experiência

A ReDEC pode ser dividida em 5 etapas principais: planejar, fundamentar, mapear, estruturar e executar. As 4 primeiras etapas funcionam para nortear o residente sobre o que será feito na etapa final, ou seja, servem de base para a elaboração das oficinas promovidas.

Planejar e fundamentar

O período de planejamento e fundamentação representam o início do programa e foram os primeiros momentos em que pude entrar em contato com os demais residentes.

Os mentores do projeto, o Professor Dr. Marcos Alexandre de Melo Barros e o mestrando Fredson Murilo da Silva, realizaram diversas formações para evitar imprecisões no diagnóstico realizado na escola, além de ofertar uma biblioteca online com diversos materiais que promovem o embasamento teórico para o método que seria aplicado em Feira Nova.

A cartilha “Indicadores da Qualidade na Educação” destaca-se como um dos materiais utilizados. Essa cartilha aponta indicadores de qualidade em seis dimensões da escola: 1) ambiente educativo; 2) prática pedagógica e avaliação; 3) gestão escolar democrática; 4) formação e condições de trabalho dos profissionais da escola; 5) espaço físico escolar e 6) acesso e permanência dos alunos na escola. Dessa forma, ela foi uma peça fundamental

para guiar os residentes sobre os pontos principais a serem observados na escola e as perguntas-chave para os questionários que foram elaborados.

Outro ponto que vale salientar é que o grupo sempre foi instigado a fazer levantamentos de suas ideias e debater os tópicos apresentados, o que é essencial para viabilizar a harmonia do grupo e causar um real sentimento de pertencimento ao projeto.

Mapear

Com o término do período preparatório, a terceira etapa foi iniciada: o mapeamento. Para isso, os integrantes do projeto passaram duas semanas de imersão nas escolas, de forma que cada residente foi responsável por apenas uma. Essa exclusividade que o residente possui com a escola fortalece o elo entre ambos, além de permitir que o diagnóstico seja preciso em relação às fragilidades e às potencialidades presentes no local. Foi extremamente importante ter um olhar crítico e atencioso durante essas duas semanas, pois é a partir dela que se formam os dados-base para as oficinas. Desse modo, grupos focais, observações, discussões e questionários foram executados para compreender o perfil dos estudantes, dos professores e da equipe técnica.

a) Perfil dos professores

A escola conta com 12 professoras no período da manhã e 9 no período da tarde, além de auxiliares que participam da aula de algumas turmas. Para que pudesse conhecê-las melhor, utilizei quatro métodos: participação da reunião entre os gestores e professores, aplicação de um questionário, conversas de forma individual e observação de aula.

A reunião tinha o objetivo de apresentar o resultado do Sistema de Avaliação Educacional de Pernambuco (SAEPE). Ela foi conduzida pela coordenadora, que iniciou discutindo sobre os dados de proficiência obtidos para Português e Matemática na escola. Os dados mostraram-se preocupantes para algumas turmas, revelando uma necessidade de um método de intervenção para auxiliar os alunos, o que gerou um debate no local.

Pude perceber que algumas professoras eram passivas na discussão, preferindo não dar sua opinião, enquanto outras discutiam sobre a necessidade de prevenção, e não de intervenção. Uma das professoras abordou que as classes de Pré I e II são utilizadas apenas para brincadeiras e não para preparação dos estudantes, o que resultava em alunos “atrasados” no primeiro ano, gerando, assim, discussões sobre o assunto.

Ao término da reunião da manhã e da tarde, entreguei os questionários a todas que estavam presentes. A taxa de participação foi de 100%, dado que ninguém se recusou a responder, porém, quando li os questionários, percebi que muitos estavam incompletos, principalmente quando a pergunta era: “O que você mudaria na escola?”. Visando compreender o motivo da abstenção desse ponto, conversei com algumas professoras. Elas explicaram que há muita concorrência política na cidade, e isso ocasiona em muitas pessoas o medo de expor suas opiniões, para evitar perseguição ou prejuízo, o que é maior quando a professora é contratada.

Durante as conversas, uma das professoras comentou que tem interesse de conversar com as outras sobre metodologias, desafios e superações, mas que não se sente confortável, pois não há essa abertura. Isso corrobora com as diversas respostas que diziam: *“gostaria de uma equipe mais unida”*. Além dos relatos da distância professor-professor, há também comentários relacionados à distância que os professores alegam ter em relação à

gestão. Na pergunta “O que você mudaria na escola?” alguns professores responderam “a gestão”, e explicam que é muito difícil o diálogo, pois sentem que não são ouvidos.

Esses dois pontos mostram-se delicados, pois o ambiente de trabalho é um local onde há constantes interações entre os profissionais. Quando as relações interpessoais estão fragilizadas, o trabalho pode se tornar uma fonte de estresse, que, somada a outras particularidades, pode levar a sintomas mais críticos (PASCHOAL et al., 2004; GASPARINI et al., 2005).

Também foi observado no questionário e nas conversas que muitos professores possuem interesse em oficinas voltadas a novos métodos de ensino, pois desejam fugir da aula convencional e anseiam por aulas diferenciadas, que façam os alunos sentirem-se mais motivados a estudar e participar.

Por fim, a relação observada entre os professores com os estudantes é harmoniosa, e poucos relatam que ocorra desrespeito ou que as conversas paralelas fujam do normal para uma escola. Vale salientar que é admirável o carinho e afeto mostrado quando se fala sobre os educandos. Percebe-se que há realmente uma paixão pela profissão e uma vontade de ensinar, o que é extremamente importante para alcançar a excelência profissional.

b) Perfil dos alunos

A diagnose do perfil dos estudantes foi feita em três etapas: observação, diálogo com os professores e diálogo com os alunos. Durante a observação pude permanecer um período de tempo em cada uma das 21 salas (manhã e tarde) e acompanhar o andamento da aula. Senti que os estudantes possuem uma relação harmoniosa com os outros estudantes, o que demonstra que situações de brigas em sala de aula não são tão frequentes.

Um ponto muito importante da Escola João Murilo é que há uma considerável quantidade de alunos com deficiência, o que normalmente ocasiona um isolamento e falta de comunicação com os outros discentes. Apesar disso, muitos educandos não possuem um laudo, e assim o diagnóstico da deficiência é feito apenas por suposições.

O diálogo com algumas professoras mostrou que a maior parte acredita que os alunos são comportados, esforçados e participativos. Momentos de conversas paralelas existem, mas não se apresentam como algo fora do comum do que é visto em outras escolas de Pernambuco.

Quando me aproximei dos alunos, notei a curiosidade em seus olhares. Muitos buscavam me conhecer e me tratavam com muito carinho. Durante algumas conversas perguntei o que eles gostavam de fazer na escola, e muitos responderam que gostavam de brincar e ler. Apesar do que foi respondido, a escola apresenta um índice alto de alunos com dificuldade de escrita e leitura, o que acaba por contrastar com o que foi respondido por muitos alunos.

Já era esperado que os educandos apresentassem essa curiosidade, dado que a maioria ainda está na infância. Esse fator é extremamente importante, pois oferece uma via para o professor ministrar sua aula, buscando aproximar o aluno do conteúdo a partir da sua vontade de descobrir novas coisas.

Em relação ao recreio, é preocupante a forma como eles ficam dispostos na escola. Toda calma e respeito observados são rompidos e o local torna-se um palco para brincadeiras que podem acarretar machucados ou problemas maiores. A grande maioria dos alunos saem de sala durante o recreio e concentram-se no pátio, onde há muita correria e gritaria (o que já era esperado), porém também ocorrem muitas “brincadeiras de brigar” que

transpassam o limite do aceitável, resultando em alguns ferimentos e muita correria por parte dos funcionários, que tentam acalmar a situação.

c) Perfil da equipe técnica

Ao chegar na escola fui recepcionado pela gestora, que me guiou pelo local e me apresentou aos funcionários, divididos nos mais diversos cargos, para que eu pudesse iniciar o processo de imersão. De início já pude observar que a quantidade de profissionais na escola é grande, devido ao seu tamanho e quantidade de alunos matriculados, e que esses são divididos entre os turnos da manhã e tarde.

Primeiramente conversei com as responsáveis pela cozinha e serviços gerais. Pude perceber que a maioria é recente na escola, atuando há menos de dois anos, e dividem os trabalhos de acordo com a demanda de mais ou menos cozinheiras no momento. O processo de limpeza inicia-se assim que elas chegam na escola, para que os alunos encontrem o ambiente limpo e agradável, enquanto, em paralelo, as outras funcionárias preparam a merenda. Os alimentos e o cardápio da semana são obtidos antecipadamente, havendo mudanças apenas em situações excepcionais, como é o caso de haver um evento no dia ou de algum alimento ainda não ter chegado. Vale ressaltar que as refeições são servidas com extrema pontualidade e, para organizar e evitar uma aglomeração desnecessária, as funcionárias ficam encarregadas de chamar de duas em duas turmas para recolher os alimentos, sendo liberado repetir apenas quando todas já foram chamadas.

A direção é dividida entre três funções: gestão, coordenação e secretaria. A gestão é composta por Eliane Ângela da Silva e Miraneide Barbosa da Costa, ambas pedagogas, que iniciaram no João Murilo em 2016. Elas não possuíam experiência no car-

go antes de entrar na escola, um desafio que foi superado com o decorrer do tempo. Verônica Maria Batista da Silva atua na coordenação, é pedagoga e já possui experiência com gestão de escolas, o que facilitou o trabalho realizado no João Murilo. Por fim, na secretaria há uma gama de funcionários divididos entre os turnos e que se unem para dar conta de todo o trabalho recebido. Dessa forma, a direção da escola preza por um trabalho de excelência em um ambiente propício ao diálogo e discussões, que visam melhorias na escola. Mostram-se muito unidos e com uma ótima relação com os alunos da escola.

Na escola há duas bibliotecárias que ficam responsáveis por organizar e cuidar da biblioteca, além de auxiliar os alunos na leitura. Conversando com uma delas descobri que há frequência de alguns estudantes na biblioteca para ler e brincar, mesmo que muitos apresentem grande dificuldade de leitura. O tamanho do local mostra-se um desafio para as bibliotecárias, já que não consegue comportar uma quantidade grande de discentes, dificultando o trabalho, principalmente quando se utiliza o espaço como sala de vídeo.

Por fim, a entrada e saída da escola é organizada pelas porteiros Ana e Janaína. Observei que o controle da saída é feito de duas formas: alguns pais esperam na saída os seus filhos e outros vão até a sala buscá-los. Como a quantidade de alunos na escola é grande, o local normalmente fica muito tumultuado, o que dificulta executar o controle. Um dado interessante é que durante uma das conversas foi comentado que a grande maioria dos pais são presentes, dado que destoava do que foi argumentado pelos professores.

No contexto geral, os funcionários são muito empenhados no que fazem, prezando por um atendimento de qualidade e rápida resolução de problemas. Apesar disso, um ponto muito marcante é que muitos alegam que há pouca união e comuni-

cação entre os profissionais de cargos diferentes, de forma que o contato acontece apenas em reuniões ou quando há alguma necessidade.

Estruturar

O quarto procedimento é o de estruturar as oficinas que serão aplicadas. Para isso, tivemos novas reuniões para debater o que havia sido vivenciado durante as duas semanas de imersão e planejar as datas e métodos utilizados para as oficinas. Ficou acordado que as duas primeiras semanas de vivências formativas seriam em turnos opostos, de forma que o João Murilo apresentou uma oficina na tarde do dia 20 de julho e na manhã do dia 19 de setembro.

Para os alunos, o tema abordado na primeira semana foi o “Arte e Educação Ambiental: a utilização da argila no processo de aprendizado”. O tema escolhido, que é parte da conscientização ambiental, tem cada vez mais relevância nas escolas, visto que a maior parte dos alunos estão na etapa inicial da sua vida e ainda não compreendem os impactos que suas ações causam aos ecossistemas.

É preciso levar informações sobre o ambiente a todas as camadas sociais, na expectativa de que cada indivíduo seja atingido por uma consciência ecológica possível de reverter o processo de degradação assustadora que estamos vivendo. (SCHNEIDER, 2000, p. 1).

Foi pensando em utilizar a argila que um aluno observa que possui um papel ativo no decorrer da aula, e que não atua apenas como um receptáculo de conhecimento, e normalmente demonstra mais interesse com o conteúdo. Além disso, usar a arte no ensino possibilita um momento de socialização e lazer, enquanto os estudantes desenvolvem suas habilidades cognitivas e

motoras. Isso ocorre porque a arte e as ciências, quando unidas, podem melhorar a qualidade da aula, ao mesmo tempo em que propiciam uma fuga à rotina com que os estudantes estão habituados (CACHAPUZ, 2014).

Durante a segunda semana o tema escolhido foi “Experimentação Através dos Sentidos”, que foi uma oficina originalmente elaborada pela residente responsável pela escola Margarida Ramalho. Quando apliquei a oficina, observei que os alunos realmente sentiam-se estimulados a participar, então modifiquei algumas práticas para deixar com um viés também de escrita e leitura, tema que acredito ser bastante importante no João Murilo. Portanto, a segunda oficina aplicada com os alunos buscava conciliar a aula prática com a leitura e escrita, a partir de jogos educativos e contação de histórias.

Com os professores, a oficina voltada a como lidar com alunos com deficiência foi aplicada nas duas semanas. Esse tema é de extrema importância, visto que há constantes reclamações sobre o processo de formação docente, em que não existe um enfoque relacionado a aulas adaptadas para alunos com deficiência. Dessa forma, notei, durante minha graduação e com conversas com vários professores, que não há preparo para lidar com as necessidades apresentadas por esses alunos, o que muitas vezes acarreta uma aula tradicional, em que o aluno com deficiência não é contemplado. Uma pesquisa realizada por Sant’Ana apresenta bem essa situação:

O relato dos participantes evidenciou a preocupação com a falta de orientação no trabalho junto aos alunos com necessidades especiais. Mesmo aqueles profissionais que recebem ou receberam algum tipo de orientação afirmaram que o que está sendo feito não é suficiente para atender às demandas surgidas durante o processo inclusivo. A ausência de uma equipe formada por especialistas de diferentes áreas que

atue em conjunto com os docentes e diretores parece ser um obstáculo importante para a realização de ações e projetos comprometidos com os princípios inclusivos. Também foi destacada a falta de capacitação do professor e da equipe pedagógica em lidar com alunos que apresentam necessidades especiais. Alguns diretores expressaram a ideia de que a formação continuada deveria ser ofertada aos docentes pelos órgãos administrativos regionais, indicando que se faz necessária a realização cursos de capacitação para que todos os envolvidos no processo inclusivo tenham condições de desenvolver um trabalho adequado às necessidades desse alunado (2005, p. 231).

Executar

Após o término de todo o período preparatório, chegou o momento de efetuar as oficinas elaboradas. A primeira semana de vivências formativas ocorreu no dia 18 de julho e permaneceu até o dia 20 do mesmo mês; a segunda ocorreu no período de 17 a 19 de setembro. Nesse período, efetuei aulas em turmas que variaram entre o Pré 1 ao 9º Ano do Ensino Fundamental, o que demonstra uma disparidade na faixa etária, causando um alto contraste nos perfis dos alunos que pude conhecer, o que, por consequência, mostrou a necessidade de se adequar a metodologia aplicada em sala. Em ambas as semanas ministrei as oficinas em cinco escolas, com a abordagem de forma diferenciada a partir da temática selecionada. Como esperado, vivenciei momentos de desafios, de construções e reflexões, expandindo a realidade dos pontos que precisam ser melhorados.

Nas duas semanas, os residentes dormiram em uma pousada da cidade para facilitar o trabalho efetuado, vale ressaltar que o momento em que todos estão na pousada é bastante significativo, pois promove momentos de lazer, estreitamento de laços,

discussões sobre as oficinas futuras ou que já foram realizadas, além de troca de opiniões.

Como a experiência que eu tenho é mais voltada ao Ensino Médio e Anos Finais do Ensino Fundamental, entrar em contato com os estudantes dos anos iniciais ou Pré evidenciou que apenas a teoria aprendida na graduação não é suficiente para capacitar um professor para ministrar aulas, havendo, portanto, a necessidade da vivência em sala para que aconteça o desenvolvimento e lapidação do profissional. Apesar disso, para minha surpresa, o meu primeiro contato com turmas do Pré foi ótimo. Admito que estava com certo receio de como seria a recepção dos alunos, de como eu iria contornar os desafios que fossem surgindo e se eu iria conseguir acalmar todos os educandos, porém não ocorreu nenhuma dificuldade significativa durante a aula.

O maior desafio enfrentado foi o fato de que a maioria dos alunos acreditavam que o objetivo das oficinas era oferecer um dia de recreação, dificultando o início do trabalho em razão de eles terem ficado desapontados quando descobriram que também iria haver instantes de aprendizado e discussão. Para contornar essa situação, tentei deixar a aula o mais dinâmica possível, com ações que vão desde modificar a organização da sala até aplicar atividades que pudessem conciliar o meu propósito com o que foi solicitado pelas crianças, já que algumas brincadeiras realizadas promoviam um momento de estudo, ao mesmo tempo em que os discentes se divertiam. Esses dias me mostraram a importância da utilização de práticas no ensino, principalmente com alunos das turmas iniciais, posto que tive dificuldade para guiar as aulas em que havia mais teoria, e bastante tranquilidade para conduzir outras que foram feitas de forma quase totalmente a partir de práticas.

Ministrar a aula junto a outros professores também me proporcionou ocasiões de aprendizado. Vejo essa situação como uma

dança: ambos devem estar em sintonia para que o sucesso seja alcançado. Isso não significa que os dois devem atuar ou pensar da mesma forma, mas que é necessária uma boa flexibilidade às diversas formas como as pessoas se expressam ou agem.

Compreendendo que todos os integrantes têm formas diferentes de ensinar, poder acompanhar metodologias diversas é extremamente enriquecedor. Adicionalmente, acredito ser de suma importância essa união que ocorre em determinados momentos durante a semana de formações, considerando que na vida profissional há situações em que será necessário atuar com outros funcionários, tanto dentro quanto fora de sala.

Em relação aos conteúdos, é excelente o fato de que a residência permite que abordemos as mais diversas temáticas para discutir com os alunos, pois assim os docentes estão constantemente estudando e discutindo sobre uma gama de assuntos importantes, tanto para o profissional, quanto para a vida como cidadão.

Pude sentir que as oficinas da segunda semana apresentaram pouquíssimos desafios, se comparadas com as que ocorreram na primeira vez. Isso provavelmente ocorreu graças às discussões realizadas após o término da primeira semana, quando foram acertados quais os pontos que deveriam ser melhorados. Adicionalmente, acredito que o fato de eu já possuir uma noção de como são os alunos da maioria das escolas também tenha facilitado o processo.

A experiência que tive na minha escola foi diferente das demais, pois nela atuei como o residente auxiliar, ou seja, não fiquei em sala de aula. É interessante que, sendo auxiliar, é possível ter uma visão muito mais ampla do que está sendo realizado. Quando estou em uma sala, tenho uma visão restrita do que vivenciei, e, portanto, tiro minhas conclusões apenas disso, mas quando é possível acompanhar todas as turmas e observar um pouco da aula de outros professores, posso ver muitos pontos da oficina

que eu não veria sozinho, o que permite uma reflexão muito mais aprofundada sobre os sucessos e fragilidades do que foi proposto.

Também foi fascinante observar as diversas formas de se abordar um conteúdo. Na escola são 12 turmas no turno da manhã, com 12 residentes em cada sala, e, mesmo com o objetivo sendo idêntico para todos, as aulas foram totalmente distintas. Alguns fizeram adaptações, outros foram extremamente fiéis ao que foi proposto, mas nenhum utilizava os mesmos métodos para ministrar o mesmo conteúdo. Foi muito bom relembrar como essa profissão nos permite ser livres para atuar de diversas formas, dependendo apenas do perfil do docente, sem que seja necessariamente melhor ou pior, mas apenas diferentes.

De forma geral, fui contemplado com a experiência que as oficinas me propuseram, pois sei que amadureci em muitos pontos e que nos próximos encontros irei amadurecer vários outros. Além disso, estar em contato com diversos “mundos”, que são os alunos, ouvir as mais variadas histórias e experiências, aprender com eles tanto o quanto eles aprenderam comigo e, mais importante, vê-los felizes e gratos pelo que realizei me fez rejuvenescer e sentir uma explosão de felicidade com o trabalho que realizo.

Por fim, fico feliz ao ver o reconhecimento das escolas pelo trabalho que realizamos, como é o caso da escola Margarida Ramalho, que nos recebeu com uma banda, da Manoel Belo, que realizou um banquete na hora do almoço, da João Murilo, por toda a atenção prestada a mim, e de todas as outras escolas, que sempre nos receberam com muito carinho e afeto.

Considerações finais

Quando paro e reflito sobre tudo que vivi nesse ano como residente, vejo o quão importante é esse projeto, não só para minha formação profissional, mas também pessoal. Pude amadurecer

diversos pontos que vão além da sala de aula e discutir sobre uma infinidade de assuntos. Como falei no início, esse projeto promove a parceria da UFPE com o município de Feira Nova. Observando os resultados, noto o quão produtivo isso foi para ambos os lados. Todos os residentes vivenciaram diversas situações em sala de aula, aprendendo com cada desafio e gozando com cada conquista. É excelente saber que a nota do IDEB aumentou ou que muitos professores estão colocando em prática os aprendizados das oficinas, o que nos mostra que realmente está havendo impacto positivo para todos.

Ser professor não é algo fácil, pois é necessário estar sempre se renovando, refletindo e pronto para os inúmeros imprevistos que podem acontecer. Sei que ainda vou aprender muito, mas tenho certeza de que não sou o mesmo profissional que era quando entrei no programa. Cada desafio, cada debate, cada alegria, cada nervosismo, tudo é aprendizado.

Se for necessário definir com uma palavra o que sinto com essa experiência, a palavra é: gratidão.

Referências

CACHAPUZ, Antônio F. Arte e ciência no ensino das ciências. *Interações*, v. 31, p. 95-106, 2014.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. *Educação e pesquisa*, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.

PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Álvaro. Validação da escala de estresse no trabalho. *Estudos de psicologia*, v. 9, n. 1, p. 45-52, 2004.

SCHNEIDER, Evania. *Gestão ambiental municipal: preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável*. Centro Universitário UNIVATES, 2000.

SANT'ANA, Izabella Mendes. Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicologia em estudo*, v. 10, n. 2, p. 227-234, 2005.

ZABALZA, Miguel A. *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

O PROCESSO EDUCATIVO IMPULSIONADO PELO BEM-ESTAR NATURAL: uma experiência na Escola Municipal João Chéu

Samarina Fernandes de Oliveira¹

Vandécia Moura Gomes²

Introdução

O Grupo Municipal João Chéu fica localizado na zona rural da cidade de Feira Nova. É uma escola que possui um ambiente bastante familiar, onde os alunos e os funcionários possuem uma relação bem harmoniosa. A escola está localizada em um ponto estratégico, pedagogicamente, visto que ao seu redor predominam tantas áreas verdes. É a escola mais distante do centro da cidade de Feira Nova. Isolada das mais diversas pressões antrópicas presentes na cidade, percebemos a real função do contato dos alunos com as plantas, a terra, os animais e o ambiente natural com a sua totalidade e como essa energia natural pode influenciar no desenvolvimento infantil.

A estrutura física da escola compreende duas salas de aulas, uma biblioteca de seis metros quadrados, cujo espaço é compartilhado com uma despensa improvisada por trás de uma estante

1 Licenciada em Ciências Biológicas – UFPE.

2 Gestora da Escola Municipal João Chéu.

de livros. A entrada da escola dá acesso ao hall, que é a única área de convivência para os alunos dentro da escola. O espaço na biblioteca é bastante limitado, contendo apenas duas estantes de livros e uma mesa no centro, com duas cadeiras. As crianças não possuem o hábito de visitar esse ambiente. A escola ainda possui uma cantina onde são preparadas as merendas dos alunos. Em relação a inclusão, a escola não possui acessibilidade para alunos com deficiência de locomoção nem banheiros adaptados.

Todo esse espaço limitado acomoda um total de 52 alunos nos turnos da manhã e tarde. As turmas são organizadas em classes multisseriadas, com duas turmas pela manhã, sendo uma formada pela Educação Infantil 1 e 2, na mesma sala, enquanto na outra sala estão juntos o 1º e 2º anos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais. No turno da tarde uma sala é formada pelos alunos do 3º ano, enquanto a outra é formada pelos alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais.

Na Escola João Chéu os alunos são pacientes, participativos, disciplinados, fazendo realmente parecer ser essa a escola dos sonhos. Esse perfil dos alunos me fez refletir sobre qual seria a diferença dessa escola, já que percebemos o inverso em grande parte das escolas públicas de ensino. Os atuais professores da rede de ensino se questionam a todo momento o porquê da falta de interesse, hiperatividade, déficit de atenção, procurando sempre soluções e diferentes estratégias para alcançar as crianças. No livro de Richard Louv (2015), “A última criança da natureza”, o autor descreve como as crianças contemporâneas estão perdendo cada dia mais a interação com o ambiente natural, e como esse déficit de natureza pode provocar determinadas consequências: físicas, como a obesidade, e mentais, como depressão, déficit de atenção e hiperatividade, além de problemas cognitivos. Por coincidência muitas das dificuldades encontradas pelo professor da rede de ensino são por consequência dos fatores provocados

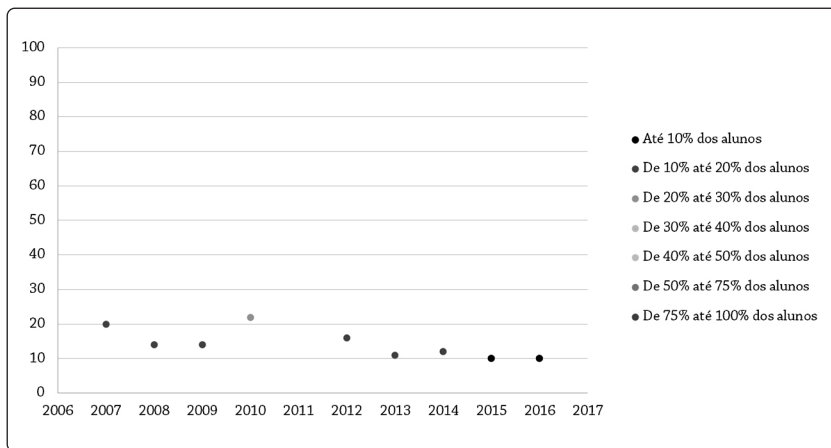
pelo déficit de natureza. Foi então que surgiu um novo questionamento: o contato direto dos alunos da escola João Chéu com o ambiente natural influencia em seu desempenho em sala de aula? Tal questionamento permanecia constantemente em meus pensamentos durante o período da residência.

A educação do campo surge como um dos movimentos sociais à procura de uma educação de qualidade para o ‘homem campestre’. Há cerca de 83 mil escolas presentes na zona rural, dentre as quais cerca de 49 mil escolas são exclusivamente compostas por classes multisseriadas de ensino (ROCHA; HAGE, 2010, p. 18). Segundo Pinheiro (2014), as escolas multisseriadas são muitas vezes consideradas como de segunda categoria, de caráter negativo, em comparação às escolas seriadas das zonas urbanas, muitas vezes por haver vários alunos fora de faixa reunidos em uma classe só, enquanto os professores são desprovidos de estratégias de otimização do tempo pedagógico para suprir as demandas dos diferentes níveis dos alunos. Entretanto, ao longo da residência realizada na Escola João Chéu, através das observações e vivências, percebo o quanto se torna inconsistente tal teoria, pois a escola contraria todas as expectativas, visto que cerca de 90% do contingente de alunos estão dentro da faixa etária prevista para cada série (Gráfico 1).

Durante uma pesquisa no site do Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacionais (INEP) para mostrar como está a qualidade de ensino, a escola aparece como não cadastrada. Contudo, segundo o Secretário de Educação da cidade, a escola João Chéu é a que possui nota mais alta, comparando-a com os índices das demais escolas de Feira Nova.

Mesmo com toda a carência em recursos e artefato tecnológico, a escola é um exemplo em disciplina, dedicação e demonstração de que com pouco os professores se esforçam o máximo para garantir uma aprendizagem de forma significativa para as

GRÁFICO 1. Distorção Idade-Série, Municipal João Cheu (GRUPO), 2007 até 2016



Fonte: Qedu (2017).

crianças. Assim como os professores, os alunos se comprometem com a escola, e durante o período de imersão pude perceber que os alunos do turno da tarde chegam na escola antes mesmo de os alunos do turno da manhã serem dispensados. Neste momento surgiu a curiosidade de questionar o porquê de eles chegarem na escola tanto tempo antes do toque de entrada, e eles simplesmente responderam que em sua casa não havia nada de legal para fazer, e assim eles vão para escola com a intenção de se divertir. Percebemos que os alunos não estão na escola por obrigação, mas porque se sentem atraídos, o que reflete bastante na qualidade do aprendizado das crianças.

Todas essas definições sobre a escola João Chéu são apenas possíveis porque tivemos a honra de participar do programa de Residência Docente nas Ciências (ReDEC), que nos proporciona a imersão total nas escolas com um olhar analítico, coreografando a instituição, identificando as suas maiores demandas, planejando ações pontuadas, a fim de suprir as maiores necessidades

da escola. Desse modo, o presente capítulo tem como objetivo descrever as experiências adquiridas ao longo das vivências que ocorreram na ReDEC, dando ênfase às atividades desenvolvidas na escola João Chéu, da qual fui a residente responsável por elaborar um plano de ação em formação para professores e alunos.

Relato de experiência

No dia seis de maio de 2018 eu e mais onze estudantes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) fomos selecionados para participar de um programa de extensão que seria responsável por minha maior experiência como professora. O programa de residência docente tem como finalidade delinear as principais problemáticas da rede de ensino da cidade de Feira Nova no estado de Pernambuco e planejar ações direcionadas para as demandas de cada escola, atuando na formação continuada dos professores da rede de ensino da cidade, alunos da educação básica e licenciandos em processo de formação, concomitantemente. Esse programa foi idealizado por educadores do Centro de Educação da UFPE, coordenado por Fredson Murilo, mestrando da pós-graduação em Educação em Ensino de Ciências e Matemática, e mentorado pelo Doutor em Ensino das Ciências, professor Marcos Barros.

Nos primeiros encontros do grupo de extensionistas foram apresentados os pré-requisitos do programa, quando foram estabelecidos nossos acordos de convivência, termos de compromisso e os prováveis dias a serem trabalhados. O coordenador apresentou todo o desenho da elaboração do programa e as nossas futuras ações. Durante esses encontros fomos apresentados ao conteúdo conceitual dos teóricos influentes na área de educação através de suas literaturas. Tais teorias auxiliam a planejar nossa atuação nas escolas de Feira Nova.

Desse modo estudamos sobre teóricos que discutem os temas mais emergentes do cenário da educação de Feira Nova. Com isso percebemos que um elemento forte e fundamental para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem é a formação continuada dos professores. Segundo a Secretaria de Educação, a formação continuada permite melhorar e assegurar o desempenho dos professores em exercício na rede pública de ensino, preenchendo as lacunas existentes (tanto em conhecimentos teóricos, como também em estratégias pedagógicas) na sua formação inicial. Para melhorar a qualidade dos docentes do Brasil, podemos atuar desde a formação inicial, oferecendo cursos de formação, capacitando os estudantes, aumentando a qualidade do curso de licenciaturas. Dessa maneira percebemos a importância desse programa de extensão que foi implementado nas escolas de Feira Nova, atuando nas formações individuais com os professores de cada escola, a partir de suas vivências e simultaneamente garantindo oportunidade aos graduandos de se inserirem no contexto escolar antes de se tornarem de fato professores, atuando diretamente na sua formação inicial (BCG, 2014).

Nossa base teórica para atuação como residente de Feira Nova foi bastante inovadora, presente no livro de Zabalza, “O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária”, chamada “coreografia didática”, um termo extraído do mundo da dança, em que a coreografia é o eixo principal a ser seguido, mas que também existe a particularidade de cada dançarino, que vai somando suas emoções à coreografia, contribuindo sempre para o seu aperfeiçoamento natural. Na residência docente a coreografia institucional tem o objetivo de delimitar as particularidades de cada escola, para que possamos desenvolver formações específicas a partir de suas demandas. Percebemos o quanto é importante termos todos as variáveis da escola com-

preendidas, nas suas principais fragilidades, para que possamos promover a evolução da instituição (ZABALZA, 2015).

Quando falamos em educação, atribuímos o protagonismo ao aluno, e a experiência na residência proporcionou a compreensão do aluno da escola João Chéu como um todo. É interessante entender quais os interesses deles, pois um dos problemas mais emergentes nas escolas do ensino básico é basicamente a falta de interesse dos alunos pelas aulas. Compreender esse aluno e saber como e o que ele gostaria de aprender na escola são atitudes a serem mais exploradas em nosso sistema de ensino, para que possamos resgatar o interesse desse indivíduo, fundamentando a nossa evolução.

Neste sentido a residência exerce uma função primordial, que é o estreito contato com os personagens das escolas, em especial, o próprio aluno. Durante a primeira semana em que ficamos imersos, observando todo o funcionamento do ambiente escolar, foi possível coreografar toda a instituição e compreender quais as principais potencialidades, demandas e interesses dos alunos.

O aluno da escola João Chéu é bastante diferente dos alunos das demais escolas do município. Na escola é difícil encontrar um caso de *bullying*, intolerância, agressão, tanto verbal quanto física, desrespeito e falta de limites, problemas que são facilmente encontrados nas instituições de ensino. No primeiro dia de observação, ao chegar na porta da escola, o silêncio era algo tão presente, que até pensei que não estava tendo aula. Durante as minhas observações na sala de aula, às vezes me percebia contemplando os diferentes sons da natureza, do vento, das árvores e sons dos animais. O interessante é que, mesmo na sala de aula, o som das vozes humanas não era algo predominante, fazendo parte da harmonia sinfônica da natureza.

As brincadeiras realizadas pelos alunos parecem ser, de fato, brincadeiras de crianças e não encenação teatral da vida humana adulta. Ao participar dessa atmosfera do aluno, percebi que eles desenvolvem brincadeiras que na minha infância eram o nosso comum: pega-pega, chuta lata, pique-esconde, barrinha, entre outras. Durante essa observação fiquei extremamente feliz por saber que a infância ainda não morreu por completo, que há crianças que a conservam de maneira tradicional, sendo crianças inocentes e felizes.

Além disso, durante o intervalo os alunos têm a liberdade de brincar na rua, subindo na árvore, conversando na sombra da árvore, contemplando todas as paisagens das plantações dos agricultores que residem no entorno da escola. Em conversas aleatórias descobri que grande parcela dos alunos tem o contato direto com a terra, onde os familiares muitas vezes praticam a agricultura de subsistência ou até como fonte de renda econômica. Todas essas observações me instigam a pensar se esse contato estreito com a natureza e com as brincadeiras de infância influencia no comportamento, saúde e aproveitamento dos alunos dentro do ambiente escolar (TIRIBA, 2010).

Apesar de não acontecer com frequência, os alunos apreciam quando a professora ultrapassa os limites das salas de aulas e promove uma aula ao ar livre, nem que seja para desenhar a paisagem da frente da escola, e eles realizaram essa atividade com uma grande animação. Os alunos esperam a semana toda para o dia da aula de educação física, já que o campinho em que eles têm essa aula fica na parte externa da escola. Os alunos têm que andar cerca de 1,5 km para chegar no espaço e eles fazem essa caminhada com uma grande animação.

A equipe de professores da escola João Chéu é formada por quatro professoras, duas no turno da tarde e duas no turno da manhã. Quanto à formação, três são pedagogas e uma possui ma-

gistério e é graduanda do curso de Pedagogia. Ao chegar à escola, percebi que se tratava de um ambiente bastante familiar, e a relação professor-professor e professor-aluno é bem harmoniosa. Durante a observação percebemos o quanto cada indivíduo da escola é um ser específico, e os professores conhecem cada aluno e sua realidade social. Os professores conhecem os pais dos alunos e sabem como eles se relacionam no ambiente fora da escola, o que os ajuda a compreender o comportamento de cada aluno.

Além da observação do funcionamento da escola no seu cotidiano e da atuação dos professores na prática docente, a temporada de imersão tornou possível a realização de reuniões com professores/funcionários, conversas informais com os professores, aplicação de questionários, como também uma reunião com o Secretário de Educação da cidade de Feira Nova.

Como já tinha acontecido a reunião de pais e mestres na semana anterior da imersão, decidi realizar uma reunião com os professores e funcionários da escola, cujo objetivo era esclarecer o que seria a residência, quais as expectativas para cada professor e funcionário para o projeto e como eles se planejavam para estabelecer um bom funcionamento da escola.

As conversas com os professores foram importantes para entender como eles interagem com os alunos, quais são as suas estratégias para as situações atípicas e, assim, obtive diversas informações. Durante os intervalos as professoras conversam e observam os alunos, acompanhando especificamente alguns deles.

A realização dos questionários gerou produtos direcionados para as possíveis formações futuras. Foram feitas perguntas como: Qual o maior desafio encontrado na escola? Que formação você desejaria para o ano de 2018? Por meio das respostas identificamos a necessidade e a vontade dos professores em inovar as suas práticas pedagógicas, mas também percebemos que a escola possui poucos desafios a serem vencidos. Os professores pare-

cem estar satisfeitos quanto à estrutura e ao funcionamento da escola, e fazem milagre com tão pouco recurso, mas que geram tantos produtos de aprendizagem. Eis aqui algumas respostas dos professores: “*Eu gostaria que tivesse formações sobre novas metodologias no ensino de Matemática, pois percebo que os alunos sentem muita dificuldade em compreender os conteúdos de matemática.*” e “*Não consigo ver um grande desafio a ser superado na escola, mas a minha maior dificuldade é quanto à organização das salas de aulas em séries multisseriadas*”.

Percebemos que o sistema de classes com diferentes séries é um desafio para muitos professores. Há bastante dificuldade em organização do tempo pedagógico, elaboração do planejamento de aula e em dividir a atenção com diferentes alunos com demandas específicas. O ensino de Matemática foi por muitas vezes considerado o terror do ensino básico, mas percebemos que com as novas tendências pedagógicas na área de Matemática essa dificuldade pode ser superada. Com todas essas informações construímos um planejamento de formações voltado para as principais demandas observadas e solicitadas pela escola.

QUADRO 1. Agenda de atividades

Formações realizadas com os estudantes	Datas de execução	Formações realizadas com os professores
A história da Copa do Mundo.	20 de julho de 2018	Lixo como produto social.
Roda de leitura com personificação.	19 de setembro de 2018	Confecção de Jogos matemáticos.
Jogos e brincadeiras no processo de ensino-aprendizagem de Português e Matemática.	08 de novembro de 2018	Metodologia inovadora para o ensino de turmas multisseriadas.

Fonte: Os autores (2018).

A cada mês os residentes organizam um fórum em que se reúnem todos os gestores das escolas de Feira Nova, cujo objetivo é a socialização das ações que acontecem em cada escola. Esse evento é organizado para acontecer em diversos ambientes descontraídos, para, além da socialização dos acontecimentos nas escolas, simultaneamente conseguirmos promover a formação aos gestores nos diversos espaços de educação informal.

Antes das nossas primeiras ações de formação nas escolas de Feira Nova, os residentes organizaram o 2º Encontro de Vivência em Ensino de Ciência (EVEC), em que cada residente ficou responsável por elaborar um projeto de pesquisa sobre suas determinadas escolas e apresentar em forma de artigo científico no EVEC. Sabendo que uns dos maiores desafios reportados na escola João Chéu é a organização das turmas em séries multisseriadas, realizei uma pesquisa com os professores sobre as principais dificuldades enfrentadas na prática docente das séries multisseriadas. Para a efetivação da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico, com os principais dados das escolas multisseriadas, aplicamos um questionário com as professoras das classes multisseriadas da escola João Chéu, bem como fizemos uma observação “in loco”. Essas foram as três principais fontes de informação para a efetivação do artigo científico.

A hora da diversão: vivências formativas

Eis que então chega um grande momento da residência docente nas ciências, que é o das vivências formativas, quando trouxemos para a ação todos os planejamentos elaborados no período de observações. As vivências formativas ocorreram nas 10 escolas do município de Feira Nova, simultaneamente para professores e alunos, ou seja, enquanto os residentes estavam formando

alunos nas suas salas de aulas, as escolas receberam especialistas nas áreas das formações solicitadas para os professores.

Foram três dias seguidos de intensas e incansáveis atividades nas escolas, que ocorrem e se repetem a cada mês. Antes das vivências propriamente ditas, os residentes se reuniram para discutir os planejamentos de cada escola. Elucidamos todos os pontos das oficinas, organizando os processos, argumentando sobre os fatores e viabilizando as propostas. Todas as nossas preparações anteriormente foram fundamentais para a execução das atividades.

As oficinas foram planejadas de acordo com as demandas de cada escola e houve alguns momentos em que a ReDEC estava atuando em duas instituições simultaneamente, e por isso nem todos os residentes participaram de todas as oficinas, mas cada um teve oportunidade de participar de seis oficinas, duas a cada dia.

Os três dias de formação vivenciados no ambiente escolar de Feira Nova, atuando frente às dificuldades da sala de aula, foram de fundamental importância para percebermos nossas habilidades docentes frente à realidade escolar. Ao longo de toda a graduação como estudante de licenciatura, essa foi a primeira vivência operando nas turmas das séries iniciais do ensino fundamental. Ao entrarmos na sala de aula compreendemos que todas as observações realizadas anteriormente no ambiente escolar não foram suficientes para descrever e caracterizar a realidade dos discentes durante as aulas.

Dentro da sala de aula percebemos a necessidade dos alunos em mostrarem seu potencial, pois todos queriam ser ouvidos e mostrar seus talentos. Eles se sentiam bastante entusiasmados e dispostos a aprenderem o que os residentes tinham para explicar. Porém também percebemos como o sistema atual de ensino é falho, pois os alunos não querem mais apenas ouvir o que temos

para falar ou mostrar, e observei que, quanto mais falamos ou tentamos explicar algum determinado conteúdo, os alunos rapidamente se mostram entediados. É preciso acabar com esse tédio, falta de interesse, ou qualquer tipo de sentimento negativo dos nossos alunos. Nas minhas atuações nas escolas de Feira Nova percebi algo comum a todas as oficinas ministradas até o dia de hoje: é mais que necessário planejar as oficinas com o máximo de atividades práticas, ou seja, realizar procedimentos em que os próprios alunos desenvolvam e utilizem suas habilidades e atuem através de seus talentos naturais. É sempre imprescindível que os nossos alunos consigam opinar e construir dentro do desenvolvimento da aula, para que eles possam perceber que a aprendizagem realmente acontece. Paulo Freire, em 1996, já apresentava a importância das metodologias ativas, afirmando que o que impulsiona a aprendizagem é a superação de desafios, a resolução dos problemas e a edificação do novo conhecimento através de conhecimentos e experiências anteriores dos indivíduos.

Ao apresentar ao aluno novas possibilidades de aprendizagem que ultrapassem o método tradicional, como nas resoluções de problemas, “onde o educador e o educando aprendem juntos, numa relação dinâmica na qual a prática, orientada pela teoria, reorienta essa teoria, num processo de constante aperfeiçoamento” (GADOTTI, 2001, p. 253), o engajamento é condição essencial para ampliar as possibilidades de criação e de autonomia. Portanto, é necessário trazermos novas metodologia para a sala de aula que estimulem o interesse dos alunos, promovendo um estado de felicidade e de contemplação total, para que as aulas sigam um fluxo de entendimento completo, fazendo com que os alunos, concentrados com as atividades desenvolvidas, percam a noção do tempo. Esse estado do aluno é denominado de estado de *flow*, que promove concentração total e absorção da aula a ser desenvolvida (NUNES, et al. 2017). É preciso trazer os nossos

alunos para o “florescimento”, garantindo uma aprendizagem mais significativa e uma escola que atraia por completo os alunos, para que eles consigam enxergar na escola uma oportunidade de aprender com alegria e para que se promova um sincero interesse dos alunos pelos temas.

Considerações finais

A residência me proporcionou a maior experiência como docente. Foi de fundamental importância entender por completo o funcionamento da escola, o que, em quatro disciplinas de estágios supervisionados, não consegui compreender completamente sobre todos os setores da educação, lacuna que foi suprida por esse programa de extensão. Além disso a residência me fez adquirir um olhar mais apurado e crítico para as problemáticas nas escolas, promovendo a liberdade de planejar ações que solucionem essas possíveis problemáticas. A experiência na escola João Chéu mostrou que, apesar de ser uma escola do campo e organizada através de turmas multisseriadas, os alunos possuem um grande interesse pela escola como um todo, o que me motivou a acreditar no sucesso de qualquer que seja a instituição de ensino, e que, independentemente de recursos disponíveis, podemos realizar aulas motivadoras e instigantes.

Os dias de vivência nas escolas de Feira Nova me proporcionaram sair da zona de conforto, ministrando oficinas para alunos das séries iniciais, turmas multisseriadas, com diferentes temas, que transcendem as áreas da Biologia, e todos esses fatores contribuíram para a minha evolução como professora. Hoje percebo que consigo ser e sou mais que uma professora de Biologia ou Ciências, pois todas essas vivências me mostraram que eu sou de fato um educador, que luta por uma educação de qualidade para as crianças que necessitam.

Os nossos atuais alunos estão cada vez mais com energias estocadas em seu corpo e ávidos para usar todas essas energias. Para isso é necessário que nós professores encontremos uma forma de utilizar esse excesso de energia a favor da aprendizagem. Dessa forma, compreendemos o quanto é importante promover atividades em que os alunos sejam protagonistas e ativos no processo de construção e desenvolvimento do conhecimento, como também é importante a valorização de atividades que estimulem o fazer, agir e construir do aluno.

Referências

- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. *História das idéias pedagógicas*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- NUNES, L. L. S. T. Uma experiência ótima: o Flow na sala de aula. *SUCEG Seminário de Universidade Corporativa e Escolas de Governo*, v. 1, n. 1, p. 380-396, 2017.
- PINHEIRO, M. S. D. A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira. *GEPEC–Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo*. v. 6, 2014.
- ROCHA, M. I. A.; HAGE, S. M. (Org.). *Escola de direito reinventando escola multisseriada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- TIRIBA, L. Crianças da natureza. *Anais do seminário Currículo em movimento– Perspectivas atuais*. Belo Horizonte, 2010.
- ZABALZA, M. A. *O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

<i>Título</i>	Residência docente nas ciências: imersão nas práticas escolares na cidade de Feira Nova
<i>Organização</i>	Fredson Murilo da Silva Marcos Alexandre de Melo Barros Claudison Vieira de Albuquerque
<i>Revisão de Texto</i>	Vicentina Maria Ramires Borba
<i>Capa</i>	Pedro Henrique da Silva Rodrigues
<i>Projeto Gráfico</i>	Ildembergue Leite
<i>Formato</i>	15,5 x 22 cm
<i>Tipografia</i>	Chaparral Pro (<i>texto</i>), Ropa Soft Pro (<i>títulos</i>)
<i>Papel</i>	Offset 90 g/m ² (<i>miolo</i>), Triplex 250 g/m ² (<i>capa</i>)
<i>Tiragem</i>	200 exemplares – dezembro de 2020
<i>Impressão e Acabamento</i>	Oficina gráfica da Editora UFPE